



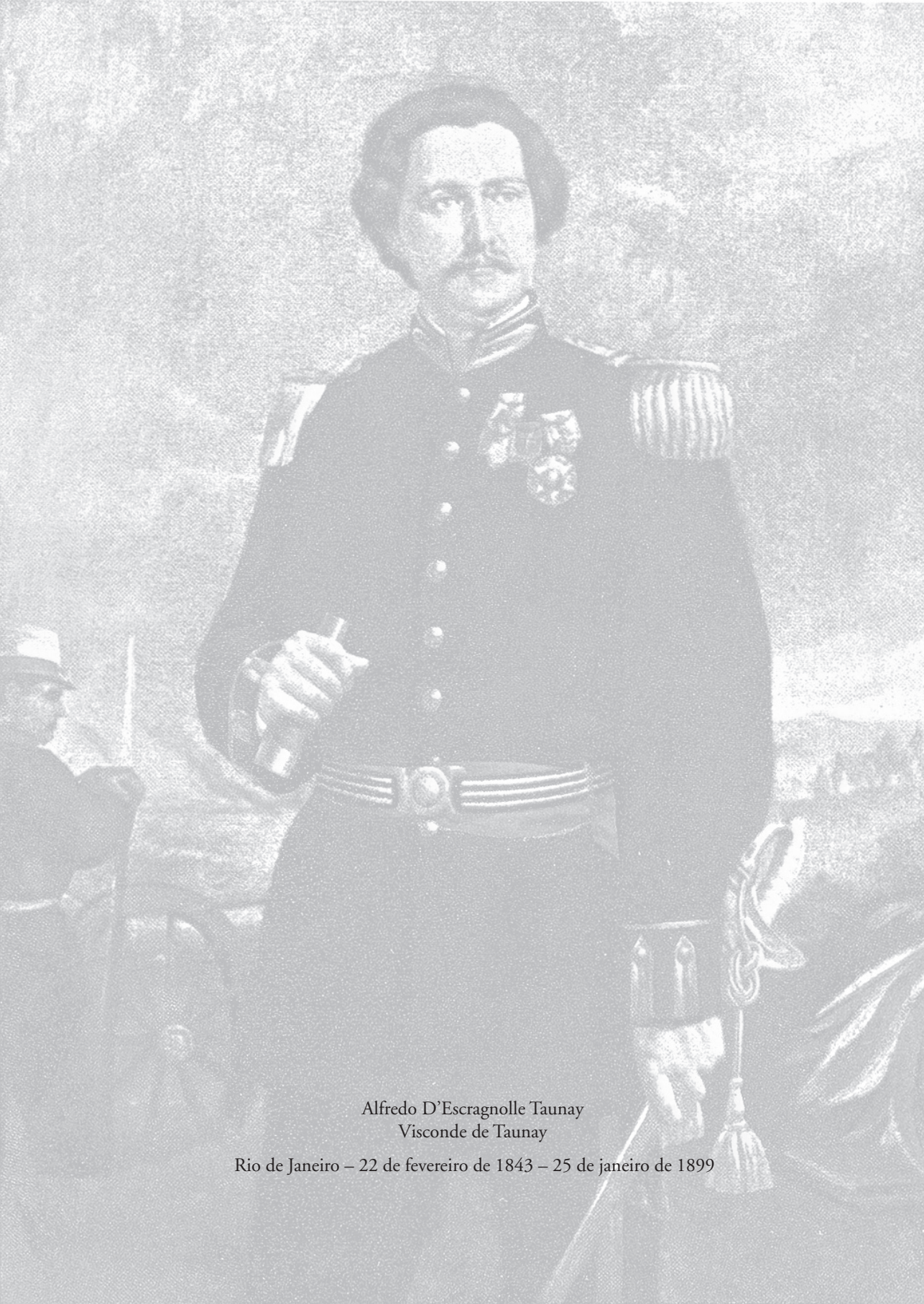
.....

RECORDAÇÕES DE
GUERRA E DE
VIAGEM

Visconde de Taunay

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 99



Alfredo D'Escragnolle Taunay
Visconde de Taunay

Rio de Janeiro – 22 de fevereiro de 1843 – 25 de janeiro de 1899

.....

RECORDAÇÕES DE GUERRA
E DE VIAGEM



Mesa Diretora

Biênio 2007/2008

Senador Garibaldi Alves Filho

Presidente

Senador Tião Viana

1º Vice-Presidente

Senador Alvaro Dias

2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais

1º Secretário

Senador Gerson Camata

2º Secretário

Senador César Borges

3º Secretário

Senador Magno Malta

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Papaléo Paes

Senador João Vicente Claudino

Senador Antônio Carlos Valadares

Senador Flexa Ribeiro

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 99

RECORDAÇÕES DE GUERRA
E DE VIAGEM

Visconde de Taunay



Brasília – 2008

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 99

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2008

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os direitos reservados

.....

Taunay, Alfredo de Escragnoille, Visconde de.

Recordações de guerra e de viagem / Visconde de Taunay. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

174 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 99)

1. Guerra do Paraguai (1864-1870), memórias. 2. Viagem, Europa, 1878-1879. 3. Taunay, Alfredo de Escragnoille, Visconde de, memórias. I. Título. II. Série.

CDD 981.0434

.....

.....

Sumário

Recordações de guerra e de viagem
por *João Ribeiro*
pág. 9

Duas Palavras
pág. 17

Reminiscências da campanha da Cordilheira
(1869-1870)

I a XVI
pág. 23 até pág. 97

Apêndice
pág. 101

Impressões da Europa
(1878-1879)

I – A Exposição Universal de Paris – O “Guarani” nos grandes
concertos do Trocadero – Carlos Gomes aclamado
pág. 105

II – Paris, capital artística – O Louvre e o
Luxemburgo – O Salon de 1878
pág. 108

III – A grande festa oferecida pelo governo francês aos visitantes
estrangeiros da Exposição Universal
pág. 114

IV – Compiègne e Pierrefonds – O Rei de Lahore –
Baile no Ministério da Guerra – Triunfo da
Inglaterra no Congresso de Berlim
pág. 117

V – Strasburgo e sua Catedral – Belezas de Nüremberg
pág. 122

VI – O Museu de Dresda e a Madona de São Xisto
pág. 129

VII – Um grande baile oficial em Versailles
pág. 133

VIII – Carlos Gomes em Milão
pág. 137

IX – Veneza ao luar – S. Marcos – O palácio dogal –
A escola veneziana
pág. 143

X – Rafael – Pintores da Escola Romana –
A primazia do pintor de Urbino – O Dominiquino –
Ribera – Os realistas. Taine e Rafael
pág. 150

XI – Florença e o Renascimento – Os primitivos – O período
de transição – A escola toscana – Rafael e seus mestres –
A grande trindade – uma era de gênios
pág. 157

XII – A supremacia parisiense – Museus de França e
Museus de Itália – Corrupção do teatro francês –
Excessiva desigualdade social –
Ancia pelo regresso à Pátria –
Futuro que ao Brasil se antolha
pág. 163

.....
Recordações de guerra e de viagem

JOÃO RIBEIRO

O VISCONDE DE TAUNAY, o autor de *Inocência*, foi um dos escritores mais populares e queridos da geração passada.

Ainda contribuía para essa popularidade a fascinação pessoal, a elegância, a graça e espírito jovialíssimo do causeur. A gentileza de suas maneiras.

Da Academia foi um dos fundadores e ocupou a cadeira do mais ilustre dos nossos homens de espírito, Francisco Otaviano, ainda hoje inédito por negligência incompreensível.

A superstição acadêmica (e aos próprios institutos como às pessoas não escapa a eiva de preconceito que se gravou naquela poltrona marcada de funesto presságio. Raros os que nela repousaram por não pouco tempo: sucessivamente o Visconde de Taunay, Francisco de Castro, Martins Júnior, Sousa Bandeira, desaparecidos em pleno viço e vigor da saúde e da inteligência.

Frívola superstição tocou ao termo quando a afrontou, destemido, a realidade sadia de Hélio Lobo¹.

¹ Após Hélio Lobo, ocuparam a Cadeira 13 Augusto Meyer e Francisco de Assis Barbosa. É seu titular, hoje, Sérgio Paulo Rouanet. (Nota da Editora.)

É inútil pesquisar na sucessão acadêmica a existência de afinidades entre os que saem e os que chegam. Poucos e raros são os traços de alguns nessa prole sem fisiologia característica.

Todos são igualmente espíritos de escol, sábios, poetas, romancistas ou críticos e eruditos.

De todos, entretanto, é o Visconde de Taunay talvez o que mais se aproxima de Otaviano. Foi como ele político, estadista de espírito liberal e mal grado das classificações partidárias.

Não era um poeta, mas um romancista, e, também por isso mesmo, um criador de valores.

Acresce ainda a esses dotes a glória ao soldado que como Xenofonte resgatava o desengano da vitória escrevendo a memorável retirada.

A Retirada da Laguna — é um verdadeiro poema, um dos mais formosos — epos — da nossa literatura. Não era um — Anabasis — mas uma contra-invasão desastrosa.

Da fecunda produção literária de Taunay são os romances Mocidade de Trajano, Lágrimas do Coração (reeditado sob o título de Manuscrito de uma mulher), Ouro sobre azul, O Encilhamento e No declínio da Vida que todos atestam qualidades de invenção e fantasia, mas ficaram quase esquecidos. Nenhum chegou a merecer a celebridade de Inocência, um dos seus primeiros livros (1872) e incontestavelmente a sua obra-prima, mais nacional, mais brasileira, e também a de maior suavidade de estilo.

Os hispano-americanos costumam exaltar um livro sentimental e suavíssimo que pode ser posto ao lado da Inocência — pela simplicidade idílica e campestre de sua ideação.

É a Maria, de Jorge Isaacs, uma história de amor conhecida, lida e relida em toda a América do Sul, como o tipo mais lírico do verdadeiro romance latino-americano entre as gentes de estirpe espanhola.

Inocência gozou de igual celebridade; foi traduzido em várias línguas européias e até no Extremo Oriente achou um tradutor japonês.

Agora, lembrando a glória paterna, jamais esquecida, a piedade filial de Afonso Taunay reúne alguns escritos inéditos do saudoso escritor num lindo volume sob o título de – Recordações de Guerra e de Viagem.

Em verdade não são essas narrativas, todas elas, inéditas. Foram algumas publicadas, dispersivamente, na imprensa e reclamavam nova coordenação póstuma que ajuda a compor a fisionomia do Visconde de Taunay com alguns traços que mal se podiam pressentir na sua obra literária.

Esses traços quase novos definem o crítico de arte, que também o era de nascença como todos os Taunays, artistas, estetas e escritores. A narrativa de suas viagens, as anotações tomadas à contemplação de algumas obras-primas da pintura nos museus do Velho Mundo, revelam uma face quase desconhecida do romancista.

Outros documentos menos interessantes são os textos históricos, infelizmente muito raros das recordações da guerra do Paraguai, na fase última que se marca com a volta de Caxias quando Solano López, refugiado na Cordilheira, juntava novos elementos da reação à outrance.

A narrativa é de encantadora simplicidade.

No momento, aliás, dispensava qualquer ênfase.

Perpassam as sombras de nomes famosos, Osório, Mitre, Mena Barreto, Polidoro, nessas páginas que devem ficar como precioso documento do imortal acadêmico.

12 Visconde de Taunay

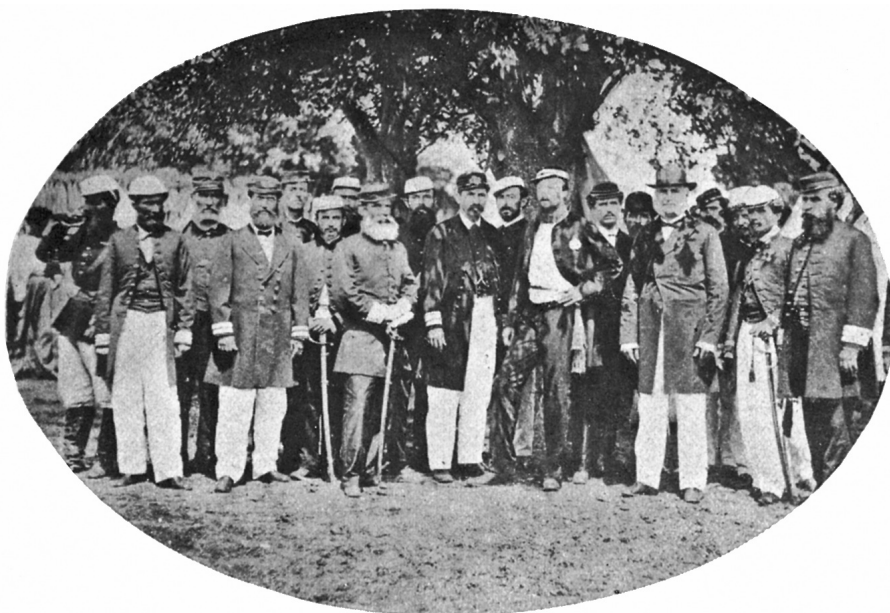


*ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY
VISCONDE DE TAUNAY*

Rio de Janeiro – 22 de fevereiro de 1843 – 25 de janeiro de 1899



Ao M^o M^o Sr Capitão
Alfredo d'Encarnação
Tourenay - lembranças
do Sr. A. d'Amorim
Marques de Thovet



Fotografia tirada em Vila do Rosário a 16 de janeiro de 1870

Da esquerda para a direita: 1. Clarim; 2. Visconde de Maracaju (Rufino Enéias Gustavo Galvão); 3. Major Hilário Mariano da Silva; 4. Dr. Ribeiro de Almeida, mais tarde Barão de Ribeiro de Almeida, médico da armada; 5. Farmacêutico Abreu; 6. Capitão Gama Costa; 7. Major Benedito de Almeida Torres; 8. Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, coronel de voluntários; 9. Capitão Jerônimo Francisco Coelho, secretário particular do Príncipe; 10. Chefe de divisão Salgado, mais tarde Barão de Corumbá; 11. Larne, criado particular do Príncipe; 12. Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, General chefe das Forças Brasileiras, Marechal de Exército; 13. Alfredo d'Escagnolle Taunay, mais tarde Visconde de Taunay, capitão de engenheiros; 14. ...; 15. Visconde do Rio Branco; 16. Capitão Francisco de Almeida Castro; 17. ...; 18. Capitão Aristides Armínio Guaraná; 19. Coronel Eduardo Carlos Cabral Deschamps, chefe da Intendência Militar.



BATALHA DE CAMPO GRANDE
Quadro de Pedro Américo

.....

Duas palavras

Consta o presente volume de inéditos e reimpressões.

COMPÕE-SE a primeira parte de narrativas pessoais referentes à Campanha da Cordilheira, que o autor fez como secretário do Estado-Maior do Príncipe Conde d'Eu, generalíssimo das forças brasileiras naquela última fase da guerra do Paraguai. São as primeiras notas tomadas para as suas Memórias e nestas largamente desenvolvidas, cheias de apreciações sobre homens e fatos.

Na segunda parte reproduzem-se as correspondências pelo autor enviadas da Europa, em 1878 e 1879, ao Jornal do Comércio, sob o título de "Notas a lápis". Lidas e apreciadas pelos contemporâneos, são hoje, por assim dizer, inteiramente desconhecidas. Pode-se mesmo afirmar que virão constituir leitura inédita para o público.

Revelam nova feição do espírito do escritor e a atração poderosa que sobre ele sempre exerceram as artes, sobretudo a pintura.

Nelas há fatos interessantes referentes a coisas brasileiras como, por exemplo, os que se prendem à vida de Carlos Gomes na Itália e à execução do Guarani em Paris. Da sua leitura mais uma vez ressalta o fundo nacionalismo de quem entre as maravilhas européias, tanto ansiava para de novo se encontrar no Rio de Janeiro, a participar ativamente dos esforços e das lutas em prol da maior glória do Brasil e da civilização.

Entregue a primeira edição das Recordações de guerra e de viagem aos cuidados dos Srs. Weiszflog Irmãos, o carinho, o interesse que os honrados e esclarecidos editores de São Paulo – a quem, apesar de tão recente ainda ser a grande casa que impulsionam, já tanto devem as letras nacionais – o esmero com que procederam à fatura de novo volume é mais um penhor seguro de que larga carreira se antolha à nova obra, agora divulgada, do Visconde de Taunay.

São Paulo, novembro de 1919.

AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.



**Legenda Historica
DA CAMPAÑA DE AGOSTO.**

Data em de Agosto	Acontecimentos	Distancia em leg.	Forças do inimigo		Forças nossas		Notas		
			homens	artilharia	homens	artilharia			
1 a 6	de Pirajó a Sapezal	24					a planície perfurada na direção para o interior e por onde União 1.300 ⁰ de soldados.		
6 a 7	Toma da Fortaleza de Pirajó	24	2		4	1			
7 a 10	Deposito do campo de Pirajó e o campo de Itaipava	28		8	8	1			
10 a 11	de Viamonte a Parichay	28							
11 a 12	de Parichay a Parichay	28							
12 a 13	Assalto e toma de Parichay	18	19	12	1.117	688	66	278	1.º corpo de Artilharia General (João Manoel Moraes Barros)
13 a 14	de Parichay a Casapaya	20						2.º corpo	
14 a 15	de Casapaya a Casapaya	20						3.º corpo	
15 a 16	de Casapaya a Casapaya	20						4.º corpo	
16 a 17	de Casapaya a Casapaya	20						5.º corpo	
17 a 18	de Casapaya a Casapaya	20						6.º corpo	
18 a 19	de Casapaya a Casapaya	20						7.º corpo	
19 a 20	de Casapaya a Casapaya	20						8.º corpo	
20 a 21	de Casapaya a Casapaya	20						9.º corpo	
21 a 22	de Casapaya a Casapaya	20						10.º corpo	
22 a 23	de Casapaya a Casapaya	20						11.º corpo	
23 a 24	de Casapaya a Casapaya	20						12.º corpo	
24 a 25	de Casapaya a Casapaya	20						13.º corpo	
25 a 26	de Casapaya a Casapaya	20						14.º corpo	
26 a 27	de Casapaya a Casapaya	20						15.º corpo	
27 a 28	de Casapaya a Casapaya	20						16.º corpo	
28 a 29	de Casapaya a Casapaya	20						17.º corpo	
29 a 30	de Casapaya a Casapaya	20						18.º corpo	
30	de Casapaya a Casapaya	20						19.º corpo	
			81	20	12.702	1.817	169	824	

GENERAI.
Príncipe Conde d'El Comandante em chefe.
1.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
2.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois Victoriano Oliveira Moraes.
3.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
4.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
5.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
6.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
7.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
8.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
9.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
10.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
11.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
12.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
13.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
14.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
15.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
16.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
17.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
18.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.
19.º Corpo de Exército Genral - El Comandante, depois João Manoel Moraes Barros.

REMINISCÊNCIAS DA
CAMPANHA DA CORDILHEIRA
(1869 - 1870)

TERMINARA o ano de 1868 e encetara-se o de 1869. Todas as vistas estavam ainda voltadas para o Paraguai, cuja guerra parecera dever ter chegado ao termo, com as vitórias de dezembro. O ditador Solano López, porém, conseguira fugir de Lomas Valentinas e, internando-se, fora continuar nas montanhas a tremenda luta, retirando-se disposto a combater até a última. O movimento que todos sentiram no Rio de Janeiro e mais que ninguém o Imperador, foi o de terrível decepção, e pronunciou-se sensível e injusto desgosto contra o marquês de Caxias, que os jornais liberais atacavam com a maior violência, fazendo-o só responsável da fuga de López de não ter ultimado, a 28 de dezembro, a temerosa campanha, por modo definitivo.

Foi quando este general-em-chefe, então em Assunção, julgou poder declarar concluída a guerra e sem grande significação a prolongação da resistência paraguaia nos montes e bosques. Cansado e com razão, depois dos mais ingentes esforços na sua avançada idade, ainda mais impressionado com o falecimento do seu comensal, mais que amigo, conversador eterno, Dr. Fernando Sebastião Dias da Mota, homem inteligentíssimo e advogado de nota, decidiu o velho marquês sair do Paraguai e descer até Montevidéu a esperar ali novas ordens do governo. Deixou o exército sob o comando do marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, e a fadiga que o ilustre chefe experimentava repercutia e via-se bem manifestamente em toda a tropa. Nem era para menos, após quatro anos de campanha tão

árdua, feita em país misterioso, desconhecido, cortado de enormes pântanos e sujeito a contínuas e tremendas inundações.

Poucos meses mais tarde no Paraguai, em Assunção e outros pontos ocupados pelas forças brasileiras, ao longo do rio, a desorganização era grande, ao passo que o ditador Solano López, ocupando a Cordilheira e o interior, tratava de ajuntar e preparar como melhor pudesse os meios de defesa a todo o transe. As suas avançadas e guardas destacadas, meses depois dos desastres de dezembro, chegavam ousadamente às vezes até Luque, a pouca distância da capital.

Julgou então o Conselheiro Paranhos, Visconde do Rio Branco, em missão extraordinária junto às repúblicas do Prata, dever transferir a sua residência de Buenos Aires para Assunção, o que logo fez. Levava como secretário o 1º oficial da Secretaria de Estrangeiros Adolfo Paulo de Oliveira Lisboa, que o servia com grande dedicação e lealdade. O momento era bem difícil.

Em geral, no Brasil, inclinava-se a opinião pública e até o gabinete Itaboraí, então no poder, pois subira em julho de 1868, no sentido da probabilidade de um ajuste de paz com o Paraguai, mais totalmente contrário pendia o Imperador, que julgava imprescindível dever continuar-se ativamente nas operações de guerra, até que Solano López se entregasse ou saísse do país por ele tiranizado.

No exército brasileiro acampado em Assunção e suas cercanias reinava, entretanto, não pequeno cansaço; não poucos oficiais também julgavam chegada a ocasião de se encetarem negociações a bem da completa suspensão de hostilidades e do restabelecimento da paz. Identificado, ponderavam eles, o povo paraguaio tão completamente com o seu chefe, seria necessário dar cabo do último homem para alcançar a pessoa do ditador, o *El Supremo*.

Tinham, de certo, razão; mas esse mesmo fanatismo bem indicava que, a não se atingir diretamente o fator de tamanhas desgraças e de tantos sacrifícios de vidas e dinheiro, tudo quanto fora feito de 1865 a 1868 tornar-se-ia de todo o ponto improdutivo, com o resfôlego que se pretendia dar ao presidente do Paraguai. Em futuro mais ou menos remoto *ce serait à recommencer*, tanto mais quanto as extraordinárias crueldades que já cometera Solano López e que se iam apurando faziam dele personalidade

absolutamente fora da lei moral (*outlaw*) com quem decentemente governo algum civilizado podia tratar, entretanto, em sinceras combinações. Depois de bem sensível vacilação, ficou afinal decidido que se prosseguiria a guerra. Correu que o Imperador chegara a falar em abdicação, caso não prevalecesse a sua opinião. Encontrou, porém, o Visconde do Rio Branco, as forças brasileiras em muito más condições morais, sobretudo, sob o comando do doentíssimo Guilherme Xavier de Sousa, que, aliás, fazia pelo seu melindroso estado de saúde, o maior sacrifício pessoal, conservando-se á testa das tropas reunidas.

À chegada do estadista brasileiro a Assunção foi-lhe oferecido um grande banquete pela oficialidade. A hora dos brindes levantou-se ele e pronunciou eloqüente e entusiástico discurso, aliás muito aplaudido, saudando o exército, mostrando a conveniência e urgência em levar por diante a guerra em nome da honra e da integridade do Brasil, pois exatamente Solano López, na teimosia dos seus projetos de conquista, tencionava querer caminhar para os lados da infeliz província de Mato Grosso, ameaçada de nova e ainda mais cruel invasão do que já sofrera em fins de 1864.

Transmitidas ao governo imperial pelo ministro as notícias do estado desorganizado do exército e da necessidade de quanto antes dar-lhe modificação, por medidas prontas e radicais, ficou decidida a nomeação do Príncipe Conde d'Eu, genro do Imperador e casado com a Princesa Imperial desde 15 de outubro de 1864, para comandante-em-chefe das forças em operações na República do Paraguai.

Era ele marechal honorário do exército e grã-cruz de todas as ordens honoríficas do Brasil, bem como almirante honorário o Duque de Saxe, casado meses depois do concunhado, em dezembro de 1864 com a Princesa D. Leopoldina.

Muito boa impressão a toda a nação causou o Decreto de 22 de março de 1869, nomeando o Conde d'Eu, comandante-em-chefe das forças em operações no Paraguai. Reanimou-se o espírito público, julgando-se próximo o término daquela guerra, que trazia o Brasil já tão cansado. Havia, contudo, melhorado bastante as finanças com a direção prudente e prestigiosa do Visconde de Itaboraá, mas a tendência do câmbio, então a 19 e mesmo a 20, era toda para a baixa nunca, porém, como no domínio

liberal em que descera, verdade é por poucas horas, a 14, o que causara enorme alarme. Dias depois daquela data, recebeu meu pai do Conde d'Eu uma carta, que em toda a minha casa produziu o maior alvoroço. Dizia concisamente mais ou menos: "O seu Alfredo me é indispensável. Tenho, pois, que levá-lo comigo." À vista de palavras tão calorosas não havia que vacilar. Refreou minha boa e santa mãe a sua tristeza e os sobressaltos, depois do que já me acontecera na terrível Campanha de Mato Grosso e meu pai escreveu ao Conde d'Eu palavras de reconhecida aquiescência.

Fui dar parte ao General Polidoro, na Escola Militar da Praia Vermelha, do grande acontecimento e lá soube, com muita alegria, que este partia também e mais o Tibúrcio, o Rosière e muitos outros¹.

Parecia-me, pois, marchar tudo à medida dos meus melhores desejos. Fui ao palácio Isabel e ali o príncipe me entregou uma relação de livros, que deveríamos levar, dando-me a entender que o meu lugar havia de ser o de secretário particular.

Requisitaram-se da Biblioteca Nacional uns volumes de Azara e de Angelis e da biblioteca particular do Imperador encaixotaram-se não poucas obras valiosas. Foram restituídas ou não? Ignoro; mas é de crer que sim, pois que voltaram do Paraguai, algumas ou quase todas, nada consultadas. Utilizei-me, contudo, bastante do segundo tomo do valioso trabalho de Azara, obra hoje bem rara.

Aprontei-me para a partida com a maior alacridade e, encontrando-me por acaso com o Luís de Castro, redator-chefe do *Jornal do Comércio* e que sempre me tratou, embora personalidade seca, e original, com particular meiguice, tomei com ele o compromisso de enviar-lhe, para a grande e velha folha, o maior número de correspondências que pudesse, tudo grátis, pois não aludiu a qualquer paga, logo ou para o futuro. Que me importava, porém, dinheiro? O meu objetivo era a glória, glória em todos os sentidos, militar, literária!... Pensava então poder subir, subir muito alto, tornando-me conhecido em todo o Brasil.

Prontifiquei-me dizia eu, com muita animação. Fui comprar as minhas duas malas de campanha no seleiro, que me vendera, quatro

1 Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa e Albino Rosière.

anos antes, as que me haviam servido para Mato Grosso e tantos boléus suportado, até serem estripadas, no caminho de Nioac, para lá do ribeirão Urumbeva. Armava-se nelas uma caminha volante, que muitos bons serviços me prestaram e ainda hoje (1895), vinte e seis anos depois, estão em estado perfeitamente aproveitável. Foi, como se vê, uma boa compra. Também, com a experiência anterior, adquiri um belo par de botas de couro da Rússia do fabricante Meliès, e ainda desta vez não tive ocasião de arrepender-me. No dia 30 de março, depois de ter abraçado ternamente a todos os meus, no meio mais de animosas esperanças do que de lágrimas, embarquei a bordo do *Alice*, vapor em que devia partir o Príncipe com o seu luzido estado-maior.

Já lá estavam o Imperador, o Conde d'Eu e muita gente. Levou-se, pois, não pouco tempo nas despedidas, e recomendações. Que diferença da partida para a expedição de Mato Grosso! Agora para mim tudo eram esperanças, sonhos de ambição! E quão pouco se realizaram! Enfim, como sempre, cálculos humanos cheios de enganos e decepções.

.....

II

LEVANTOU, à uma hora da tarde, o *Alice* âncora e partimos, saudados pelas salvas das fortalezas.

Ronceiro e velho era o vapor; chegava às vezes a fazer só seis milhas por hora, mas o comandante Maciel muito amável e galhofento e o passadio a bordo excelente, delicado, abundantíssimo, impossível melhor.

Íamos: o Tenente-General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, Brigadeiro João de Sousa da Fonseca Costa, Coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, Chefe do corpo de saúde Dr. Francisco Bonifácio de Abreu, Tenente-Coronel Antônio Tibúrcio Ferreira Sousa, Coronel Eduardo Carlos Cabral Deschamps, Major João de Macedo Pimentel, Capitães Benedito de Almeida Torres (mordomo do príncipe), Francisco Joaquim de Almeida Castro, Rodrigo Augusto da Gama e Costa, José Pereira da Graça Júnior, Geraldino Gomes Pacheco, Tenentes Alfredo de Miranda Pinheiro da Cunha, José Maria Marinho, Segundo-Tenente Joaquim de Oliveira Fernandes e eu.

Da Marinha, Capitão-de-fragata João Mendes Salgado e cirurgião-mor da divisão Dr. João Ribeiro de Almeida.

Deixamos o Rio de Janeiro com tempo sereno e mar calmo. O *Alice* tinha ótimas acomodações, marcha máxima de nove milhas por hora, pouco balanço. Entramos no mar alto sem sensível enjôo.

No dia primeiro de abril, às 11 horas da manhã, começamos a ver terras altas, ilhas, sinais de terra anunciada já antes pelos pássaros próprios. Ao meio-dia avistávamos o *Arvoredo*, passando depois por junto dessa ilhota. A 1^{1/2} entramos no porto de Santa Catarina, tendo licença para saltar em terra. Contra o desejo do Príncipe arribamos não só para deixar amainar o temporal desfeito em mar alto como para completar a carga de carvão.

A capital da Província era então pequena. Bem situada, tem como se sabe excelente clima quase sempre. Na estação de variabilidade de atmosfera em que estávamos era sujeita a febres intermitentes. O Presidente jantou a bordo a convite do Conde d'Eu. Não partimos a 2 pelo estado do tempo. Caiu o vento e o tempo tornou-se chuvoso.

A cidade do Desterro está como todos sabem situada numa comprida ilha, de quase um grau de extensão, que se prolonga ao lado da elevada costa. Numa curva pronunciada, como que formando bacia, segue fronteira a outra costa, alta também.

A primeira fortaleza que defende o porto é a de Santa Cruz, arruinada, porém, e não bem situada. A povoação fica por de trás de uma colina, cuja aba externa constitui a *Praia de Fora* e a interna a praia de desembarque. O palácio do Presidente não era mau edifício e havia algumas casas de aspecto sofrível. O quartel, então enfermaria a cargo do Dr. Jacutinga, tinha cômodos para grande número de doentes e feridos, mil talvez. Deixamos o ancoradouro às sete e meia da manhã.

A 3 continuou o tempo chuvoso, mar bastante cavado; pampeiro não muito forte, mas seguido: balanço desagradável, aumentado, sobretudo à noite pelas vagas desconstruídas levantadas pelo S.O. Má noite, chuva abundante. O vapor quando muito conseguiu deitar seis milhas por hora.

Nestes mares é freqüente o *pampeiro*, vento dos pampas, ou terras na direção de S.S.O., o *carpinteiro*, vento do alto-mar, assim chamado dos naufrágios que produz, fornecendo tábuas de navios aos carpinteiros S.E., e o *rebojo* vento de S.O.

A 4 tivemos manhã agradável, dia excelente: às 7^{1/2} horas de-frontamos com a barra do Rio Grande, seguindo fronteira à costa coberta de dunas, Albardão e Torres. Perdemos vista de terra e tranqüilamente

sulcamos mar plácido nas mesmas circunstâncias do princípio da viagem. O tratamento a bordo do *Alice* sempre excelente, esforçando-se o Comandante Maciel por contentar a todos.

Ao longe a costa: às quatro horas se avistaram duas ilhotas que, segundo o piloto Carvalho, indicavam a nossa divisa com o Estado Oriental – o *Xuí*. Passamos sucessivamente por defronte da ilha dos Lobos da ponta de Maldonado e afinal avistamos o Cerro, coroado por um farol de luz variável. Às quatro e meia horas da tarde de 5 chegamos a Montevideú e à noutinha saltamos em terra. Fomos para o Hotel La Paz e passamos pessimamente.

A catedral era iluminada internamente a gás; todos os edifícios de tijolo e quase sempre ornados externamente com alguma elegância; disseram-me que se deterioravam com extrema facilidade.

As ruas mal niveladas e mal calçadas convergem para o alto de uma lomba sobre que assenta a cidade. As mais concorridas eram então as 25 de Maio e 15 de Junho, a primeira do lado do porto, a segunda além do mercado, na qual começavam os trilhos da linha férrea que levava passageiros até a União, a uma légua da cidade. Colinas baixas se acham de um lado e de outro de Montevideú e nelas vimos muitos moinhos movidos por vento.

Almoçamos e jantamos mal no Hotel Americano, na Calle Misiones. Foi o Príncipe hospedar-se na legação brasileira, na Calle Buenos Aires.

Na capital do Uruguai escrevi a minha primeira correspondência.

Às sete e meia horas da noite começamos a viajar em direção a Buenos Aires, cortando as águas do grande estuário do Prata.

Levamos o práctico para fugir dos inúmeros bancos de areia, e entre eles o mais importante é o Ortiz que se prolonga quase até o Paraná.

Às sete horas de 7 chegamos a Buenos Aires, desembarcando no grande molhe de ferro; o rio ali não dá fundo senão a navios de pouco calado, de maneira que os navios de guerra e muitos mercantes formam uma linha longa e contínua a três milhas da cidade.

Era o aspecto de Buenos Aires, então, oriental; casas de sotéia dominadas por mirantes e zimbórios que simulavam minaretes. O movi-

mento muito maior do que em Montevideú; havia mais carros; entretanto nenhum tálburi. O mercado, grande; lindas frutas. As mulheres elegantes; não belas; os edifícios muitos de pedra; quase sempre de tijolo, com ornamentação agradável. A catedral, espaçosa: simples e majestosa no seu interior. Dormimos no Hotel La Paz; almoçamos em casa do Sr. Cândido Gomes e às 10^{1/2} horas estávamos a bordo, partindo incontinenti. Às quatro horas passamos por defronte da ilha tão falada de Martim Garcia, que pela posição é a chave do Prata, bem que suas nascentes fortificações não lhe dessem ainda essa significação. Às 5^{1/2} estávamos no Guaçu, lugar de reunião do Paraná e do Uruguai; depois deixamos de avistar o *pueblo* de S. Carlos, vulgarmente chamado Vacas e cortamos Paraná acima.

Em Buenos Aires tivemos acolhimento excelente da parte dos brasileiros Srs. Fortinho e Comes. À noite fomos aos teatros: Colon, onde se representava *Maria de Rohan*, e Franco-Argentino, onde ouvimos a linda zarzuela – *El juramiento*.

O Presidente Sarmiento recebeu o Príncipe numa sala mobiliada com os trastes de Lynch.

A margem do Prata do lado esquerdo é alta, formando terras do Uruguai, baixas e paludosas à direita; quando se passa o Guaçu e entra-se no Paraná observa-se o inverso; a margem oriental é indecisa, a ocidental barrancosa e contínua.

Às 8^{1/2} de 9 passamos por defronte do povoado de S. Pedro e daí em diante vimos estâncias rodeadas de laranjais, largas campinas que se erguem desde a ribanceira, coalhadas de gado. Às seis horas da tarde contemplamos a cidade de Rosário, nova e bonita, proposta por alguns para capital da República Argentina. O Paraná continua largo; sua navegação freqüentada. Vimos às barrancas do Obligado e Tonelero, hoje históricas.

Durante todo o dia 10 observamos a margem esquerda muito alta; formando covas fundas nos esboroamentos das barrancas e que afetam certa regularidade. Às 8 horas passamos diante de Santa Fé na margem direita e às 8^{1/2}, de Paraná antiga capital de Urquiza, agora em grande decadência, à margem esquerda. Continuavam os mesmos acidentes; o canal estreitou-se e as voltas fizeram-se mais freqüentes. A barranca é visivelmente de rocha calcária por terreno de aluvião com vegetação; existem diversas caieiras junto ao rio. Passamos pela colônia de S. José, formada por

estrangeiros. Do Paraná até a Paz há campos baixos e barrancos. Vimos o estabelecimento rural do ex-governador de Santa Fé, Culen.

Na viagem do dia 10 ambas as margens eram baixas cobertas de *sarandys* ou salgueiros dos mangues. As águas têm tão grande superfície em diversos pontos que desaparece totalmente o aspecto de rio e o vapor parece estar atravessando uma sucessão de lagos. Ao longe se vê sempre, por miragem, como que as árvores suspensas acima da água. Às 3^{1/2} horas passamos por diante do braço de Goya e vimos um vapor que de lá vinha e dirigia-se para Corrientes. Passamos a noite por Mercedes e Cuevas. Às cinco horas deixamos à esquerda o Rincón do Soto, onde existe o *Saladero*, charqueada do inglês Lafont.

Às dez horas da noite passamos pelas Cuevas, mais além por Mercedes. Às 7^{1/2} da manhã de 12 pelo célebre Riachuelo e às nove horas chegávamos a Corrientes, cidade à esquerda do rio. As barrancas de Cuevas, Mercedes e Riachuelo são muito próprias para serem artilhadas.

O Príncipe saltou em Corrientes, cidade edificada dous anos depois de Buenos Aires e entretanto muito pouco desenvolvida. Os costumes ainda ali se mostravam pouco polidos; pela influência de *gaúchos* e índios guaiacurus do Chaco, estabelecidos na aldeia. *Ariscos* a venderem peixe. Os *velórios*, frequentes em Corrientes, são funções que se fazem por ocasião dos enterros.

Ao meio-dia e um quarto deixamos Corrientes e às 2^{1/2} horas chegamos às três Bocas, ponto de confluência do Paraguai e Paraná. Que bela, calma, interessante esta viagem Paraná acima! Que lindas as paisagens naquele cortar de águas às vezes apertadas, outras longe, longe, como afastadas costas do mar. Nas três Bocas então, o rio por tal forma se alarga que parece pleno oceano. E quantas ilhas como que suspensas no ar, por ilusão óptica! Uma maravilha toda aquela majestosa cena!

Continuava sempre esplêndido o passadio no *Alice*. O velho Maciel, tomadas novas provisões em Montevidéu, nos tratava à vela de libra.

Falou-se em manifestações ao comandante e a elas demos caráter folgazão. Encarregado de escrever a saudação em verso, fiz uma série de quadrinhas, que mereceu grande aceitação de aplausos e risadas. E o primeiro a dar o exemplo foi o Príncipe.

Perdi este manuscrito; lembro-me, porém, que as duas primeiras quadras eram as seguintes:

“Pai da vida interminável,
O’ divino Maciel,
Tu mereces da cozinha
O boné de bacharel!

Tu dominas temerário
As águas do Paraná...
Manda nos dar chocolate
Não nos mates com o teu chá!...”

Apareceu também e foi recitado um bonito soneto burlesco do Pinheiro Guimarães.

Às dez horas da noite de 12 chegamos a Humaitá.

Todas as baterias do lado do rio, como de esperar, destruída; eram simples travezes de terra sobre os quais se metera artilharia. A curva, porém, do Paraguai, é extremamente apertada. Estava Humaitá defendida por um batalhão de infantaria e um de artilharia; depósito importante de tudo quanto podia necessitar um exército não estava ao abrigo de um golpe de mão. Achava-se a igreja completamente arruinada; entretanto uma das torres ainda se mantinha de pé. Saímos de Humaitá ao meio-dia.

Viajamos durante toda a tarde passando pelos lugares de tantas pelejas desde o Estabelecimento até o porto S. Antônio, desde o Tibicuari até Lomas Valentinas, até Angostura. Depois vimos o Lambaré, bonita elevação troncônica. Abundam nas margens as palmeiras *yatay*, *carandá*, *embocáya* ou *macaúba*. Por todas as partes, viam-se inundações prodigiosas, resultado de enchente descomunal do Paraguai.

Que bonita, porém, e variada a subida do rio Paraguai! Quantas impressões ao passarmos pelos lugares celebrizados por grandes feitos as colinas (lomas) Valentinas, em que se haviam ferido sanguinolentos combates, no mês de dezembro de 1868.

.....

III

AS DUAS E MEIA horas da tarde de 14 chegamos a Assunção, cidade bonitinha exteriormente, pessimamente defendida por duas pequenas baterias permanentes. O porto não é mão. Achava-se coalhado de navios de toda espécie. O Príncipe recebeu o comandante da guarnição, o chefe da estação naval e veio jantar com ele. Saltou à tarde em terra, voltando nós, depois de curto passeio, ao vapor.

Uma vez em Assunção, assumiu o Conde d'Eu a 16 de abril de 1869 o comando-chefe, de que estava interinamente empossado, desde 20 de fevereiro, desse ano, o valetudinário Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Sousa. Pouco tempo depois, partiu este, e dali a meses, se não me engano, faleceu no Desterro, sua terra natal, Santa Catarina.

O Príncipe saiu de bordo na manhã de 15 e desembarcando foi logo visitar os hospitais, prisões, quartéis dos corpos de infantaria 54º e 1º de artilharia, retirando-se para o Quartel-General estabelecido no palacete que pertencera ao Coronel Barrios.

Muito me agradou o aspecto interior de Assunção, cercada de verdejantes outeiros e com alguns edifícios vistosos, o palácio novo de López ainda não concluído então, a catedral e outros; em fim, certa feição de verdadeira capital.

Em sua residência (palacete Resquin) hospedou o Conselheiro Silva Paranhos, o Conde d'Eu, o Polidoro e alguns de nós. Enorme a

afluência de mulheres e gente que vinha pedir esmolas ou transporte para Mato Grosso, antigas famílias prisioneiras do tempo da primeira invasão, em dezembro de 1864.

Fui encarregado de arrolar essa gente, dando-lhes passaporte e passe para a viagem gratuita até Corumbá ou Cuiabá, o que foi trabalho não pequeno.

No dia seguinte 16 tomou o Príncipe caminho de Luque no trem de ferro, às 7 horas e foi recebido neste acampamento pelo Marechal Guilherme Xavier de Sousa passando logo revista ao 2º corpo de exército que apresentou em parada 9.219 homens, sendo 391 de artilharia, 862 de cavalaria, 7.183 de infantaria, 720 do batalhão de engenheiros e 63 de corpos especiais. Depois do almoço em casa do general comandante, recebeu o príncipe a oficialidade que o foi cumprimentar ao meio-dia.

Às 7 horas da manhã de 17, acompanhando o Conde d'Eu, dirigimo-nos ao acampamento do 1º corpo de exercito no Lambaré. Seguiu o Príncipe para a vanguarda, postada junto ao arroio Juqueri.

Os campos atravessados são muito bonitos; há sucessões de poteiros, com pastos cercados de matas, onde predominam os *mbocauas* ou macaúvas, não só em grupos, como espalhados. A quantidade dessas palmeiras é excessiva e de muito servem aos paraguaios, que se utilizam da fibra, dos cocos para fazer farinha, do óleo, dos estipes para madeiramento.

O sol era ardente: à tarde anuviou-se o céu ameaçando chuva. Publicou-se a Ordem do Dia nº 2, fazendo as alterações.

O estado sanitário do exército era excelente; poucas baixas ao hospital.

Luque assenta sobre uma colina, cujos declives são banhados por arroizinhos de água leitosa, um tanto salobra, mas não muito má. Compunha-se de duas praças regulares, rodeadas por dezenove quarteirões, cada um com oitenta metros de frente, distribuídos do seguinte modo: seis na primeira praça ao N; oito na segunda, cinco espalhados. Na primeira praça mais junta ao lado boreal há uma igreja de quarenta metros de fundo, de construção velha e sem aspecto que a recomende.

O edifício mais moderno era a estação do caminho de ferro, ornado de um peristilo de alguma elegância.

De Luque partem quatro estradas: para L. a de Juqueri e Areguá, para S. a de S. Lourenço, para O. a de Assunção e para N.O. a de Limpio e Salada.

Luque em 1809, no mapa de Azara era paróia tinha 3.813 almas tendo sido fundada em 1535.

A ordem do dia nº 1, do príncipe Conde d'Eu, datada aos 16 de abril e já de Luque, a duas léguas e meia de Assunção, dizia o seguinte: “Nomeado por decreto imperial de 23 de março próximo passado Comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguai, assumo neste dia tão espinhoso cargo.

“Nas heróicas tropas que se acham reunidas sob o meu comando tem posto o Brasil suas mais caras esperanças.

“Cabe-nos por um último esforço conseguir plenamente o fim que pôs à nação as armas na união, restituir à nossa querida Pátria a paz e a segurança indispensáveis ao pleno desenvolvimento de sua prosperidade.

“Tendo em mente, tão sagrados objetos, cada um de nós cumprirá sempre seu dever.”

“Volta hoje o aniversário do dia em que, guiado por um general de inexcédível heroísmo, efetuastes em presença do inimigo, uma das mais atrevidas operações militares.

“As inúmeras provas de bravura e de resignação que, depois como antes deste dia sempre memorável, têm dado o exército e a armada, os voluntários da pátria e guarda nacional têm feito brilhar as armas brasileiras de uma glória imorredoura.

“O deus dos Exércitos não há de permitir que seja perdido o fruto de tantos sacrifícios e de tanta perseverança. Ele coroará mais uma vez os nossos esforços e os de nossos leais aliados: um triunfo definitivo firmará em quatro nações os benefícios da paz e da liberdade, e vitoriosos tornaremos a ver o céu ameno da pátria.

“Camaradas! Pronto me achareis sempre a advogar perante os poderes do Estado os vossos legítimos direitos.

“Obrigado, quando menos o esperava, a vir tomar o lugar aos generais, cuja experiência vos tem conduzido por entre as provanças de uma prolongada guerra, confio que encontrarei em cada um de vós a mais cordial cooperação.

“Ela me habilitará a cumprir com todas as obrigações da árdua comissão que me tem imposto minha entranhável dedicação à grandeza do Brasil.

“Viva a nação brasileira!

“Viva Sua Majestade o Imperador!

“Vivam os nossos aliados!

“Gastão de Orleans”

Como se acaba de ver, estava bem lançada em suas linhas gerais esta Ordem do dia inicial.

.....

IV

DIGAMOS, porém, quais as forças sob o comando do novo generallíssimo. Aliás, para todos os pormenores dessa parte da guerra do Paraguai, consulte-se o *Diário do Exército* que escrevi dia por dia e que mereceu, como livro, aplausos dos entendidos, entre outros do Duque de Caxias. E muitas vezes o velho cabo-de-guerra me falou a seu respeito, acredito, com sinceridade. A esse *Diário* consagrou também Pinheiro Chagas no seu *Resumo da guerra do Paraguai* elevados gabos. Preenche-o, na verdade, não poucas condições para dar justa idéia das operações que sucintamente conta. Como eu disse nas breves palavras da prefação: Falta ainda a indagação do filósofo, o esmerilhar do pensador que vai buscar nas localidades, no cotejar de todas as ordens, na meditação e concatenação dos acontecimentos o julgamento da imparcialidade e o apresenta ornado de estilo que lhe dá vida para sempre luminosa¹.

O *Diário do Exército* teve as suas primeiras folhas impressas num prelo que servia para as publicações oficiais do comando-em-chefe; mas o trabalho era tão mal feito que afinal guardei os manuscritos para a composição geral na Tipografia Nacional do Rio de Janeiro, o que se fez

¹ *Campanha do Paraguai – Comando-em-chefe de S.A. Marechal de Exército Conde d’Eu – Diário do Exército – Rio de Janeiro – Tipografia Nacional 1870.*

em dois ou três meses, corrigindo eu as provas. Tirou-se uma edição demasiada limitada, 500 exemplares se não me engano, de modo que hoje é muito raro encontrar-se um exemplar desse livro.

Em dois corpos do exército, voltando ao assunto de que tratava, estavam divididas as forças brasileiras, acampadas em Luque e proximidades, além de forte vanguarda, meia légua adiante, à margem do Arroio Juqueri. Em Assunção 2.748 homens, Humaitá 1.588, no Rosário 2.044 e no Aguapeí 1.300 – todos brasileiros – ainda 4.000 argentinos, quase 600 orientais e perto de 500 paraguaios da legião. Passou o Príncipe revista em primeiro lugar ao segundo corpo de exército, que apresentou em forma:

Infantaria	7.183	homens
Cavalaria	862	homens
Artilharia	391	homens
Batalhão de engenheiros	270	homens
Corpos especiais	63	homens
Total	8.769	homens

Compunha-se o primeiro corpo de exército do seguinte pessoal:

Infantaria	3.905	homens
Cavalaria	1.356	homens
Artilharia	487	homens
Seção de transporte	248	homens
Corpos especiais	28	homens
Total	6.024	homens

Tinha a vanguarda:

Infantaria	1.626	homens
Cavalaria	1.555	homens
Artilharia	92	homens
Batalhão de engenheiros	219	homens
Seção de transporte	36	homens
Corpos especiais	19	homens
Total	3.547	homens

Reunindo-se todas as tropas de combate chegava-se ao seguinte algarismo:

Infantaria	12.714	homens
Cavalaria	3.773	homens
Artilharia	970	homens
Transporte	284	homens
Batalhão de engenheiros	489	homens
Corpos especiais	110	homens
Total	18.340	homens

O grande total das forças brasileiras no Paraguai era de 26.020 homens, além de pequenas parcelas no Fecho dos Morros, divisa de Mato Grosso, Cerrito *et coetera*.

Pela Ordem do Dia nº 2, de 17 de abril, foram nomeados comandantes do 1º corpo de exército Tenente-General Visconde do Herval, do 2º Tenente Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão. Reassumiu o cargo de Chefe do Estado-maior o Brigadeiro João de Sousa da Fonseca Costa (mais tarde Visconde da Penha).

Interinamente ficou comandando o 1º corpo do exército o Brigadeiro João Manuel Mena Barreto. Na vanguarda estava o valente

Brigadeiro honorário Vasco Alves Pereira, depois barão de Santana do Livramento.

Durante todo o tempo da sua estada em Luque desenvolveu o Príncipe grande atividade e demonstrou belas qualidades de administrador e organizador, fazendo freqüentes viagens a Assunção, informando-se de tudo, conferenciando com os chefes aliados e o ministro brasileiro Conselheiro Silva Paranhos e tomando e ordenando providências adequadas em todos os sentidos.

Ansiava encetar operações ativas de guerra, via porém que era indispensável preparar muita coisa que faltava, reerguendo o exército, oficiais e soldados, do abatimento em que havia caído.

A 28 de abril festejou-se no acampamento de Luque o seu 27º aniversário natalício e de certo era invejável a sua posição de general-em-chefe de todas aquelas tropas e com poderes discricionários.

FOI NO DIA 22 de maio que as forças brasileiras abalaram de Luque, na frente o primeiro corpo do exército, sob o mando do Brigadeiro João Manuel Mena Barreto, horas depois, o segundo.

Acampamos, nós do quartel-general, em Areguá, no dia seguinte em Itanguá. A 25 estávamos em Piraiú. A quase duas léguas para lá ficara o General Polidoro em Taquaral e a uma légua de Piraiú, junto ao cerro Perón o contingente argentino. Ainda havia muito que fazer, se López não houvesse sido tão bem e energicamente aossado; dando-se-lhe tempo e folga, teria reconquistado o Paraguai todo, recomeçando a luta e tirando enormes recursos da dedicação incondicional e admirável da sua gente.

Em Piraiú continuaram as boas medidas administrativas tomadas pelo Príncipe.

Acampados os dois corpos do exército defronte de Ascurra à boca da picada da serra da Cordilheira, que levava ao interior do país, um em Piraiú outro no Tacuaral, foi plano do Conde d'Eu levar a convicção ao espírito de López, que a sua intenção era atacá-lo por ali, buscando segurar o touro pelos cornos, como se diz, ou pelas aspas, na frase gaúcha.

E o certo é que, graças aos contínuos e repetidos reconhecimentos até à base da serra, já com brigadas, já com divisões e até corpos de exércitos inteiros, multiplicado muitas e muitas vezes esse estratagema, chegou a capacitar-se o ditador de que um belo dia os brasileiros investiriam de frente a montanha. Também tinham os paraguaios ordem absoluta de não

darem em circunstância alguma um tiro sequer, rompendo tão-somente fogo, quando vissem as tropas assaltantes metidas e entaliscadas nas aspe-rezas da subida da Cordilheira.

Nesses incessantes reconhecimentos, às vezes, seguidos um dia após outro, mostrou o Príncipe grande habilidade estratégica, paciência de experimentado capitão, indiscutível coragem e notável sangue-frio. Uma vez, diante da picada de Ascurra com cuja boca enfrentávamos, convidou-nos, a mim e ao Salgado, para nos aproximarmos mais que fosse possível. “Pelo menos, observei, convém que ponhamos as capas dos bonés, para ocultarmos quem vai expor-se tanto e as nossas próprias divisas de oficial. Um tiro de metralha agora lhes podia ser de incalculável proveito.” – “Com efeito, concordou o Conde d’Eu, é precaução bem lembrada.” E tirando do bolso as capinhas brancas tão de uso no exército todo, o que fazia com os paraguaios nos chamassem numa palavra guarani que agora me escapa – *cabeças brancas* –, assim nos adiantamos.

Chegamo-nos, pois, mais e mais, e contamos sete ou nove peças de grosso calibre assestadas. Tão perto estávamos, que distingui perfeitamente as feições e barbas dos artilheiros a postos. Um daqueles canhões que disparasse então e estávamos perdidos, o Conde d’Eu e nós dois. Preci-sava, porém, o comandante-em-chefe patentear bem claramente ao seu exército, que sabia também ser valente e não tinha medo da morte.

Nesse dia voltei para o meu quartinho, com a convicção de que nascera outra vez, como diz o povo.

Prosseguia o Príncipe nos seus planos habilmente coordenados e mostrava-se incansável nos múltiplos trabalhos do complicado coman-do supremo. Tinha-se em breve imposto como general-em-chefe e todos previam que daria boa conta da mão, colocando-se à altura dos mais melindrosos acontecimentos. Positivamente infatigável em interrogar e aca-rear prisioneiros; e, se a cansa em tal afã é grande em outros países, no Paraguai é pesadíssima pela qualidade de gente que se agarrava, bruta e fanatizada.

.....

VI

ESPERAVA-SE, dizia eu, o visconde do Herval, o tão popular Osório e, com efeito, chegou a Piraiú no dia 6 de junho, um domingo. Recebeu-o o Príncipe com grandes demonstrações de apreço, indo ao seu encontro e abraçando-o com efusão na estação. Em todos causou grande alegria à presença do velho e simpático general que ainda sofria do grave ferimento recebido no dia 11 de dezembro de 1868, por ocasião das últimas balas da batalha de Avaí. Tinha a mandíbula inferior partida, das feridas saíam-lhe continuamente esquirolas, não podia nutrir-se senão de líquidos e substâncias moles, impossibilitado da mastigação, e trazia os queixos cingidos por um pano preto, amarrado no alto da cabeça.

Gostei muito, mas muito, do Osório, apenas lhe fui apresentado pelo sobrinho, ajudante-de-campo do Príncipe, Capitão de cavalaria Manuel Luís da Rocha Osório, com quem desde logo eu me havia ligado bastante. Recordo-me perfeitamente que não pude compreender o que me disse por gracejo o general, tal a mescla de português e espanhol agauchado. “O doutor, observou ele com a fala grossa pausada e um tanto cantada que o distinguia, deve ir já a Assunção. Chegou ao porto um buque¹ carregado de pastilhas² para quem não as tem. É veja que o

1 Navio, barco.

2 Suíças.

Manuel Luís não o piale³. Todos riram-se muito; quanto a mim fiquei sem saber o que responder.

Dali por diante, porém, dei-me bastante com o velho e engraçado general, que tinha, com efeito, muito chiste natural. Convidava-me frequentemente para o seu rancho e chamava-me «Sr. Bacharel».

Iam-se tornando, com a chegada de Osório, mais freqüentes os aprestos para entrarmos em operações ativas de guerra e amiudavam-se as vindas ao nosso acampamento do Conselheiro Silva Paranhos, o qual chegou a correr, com o seu secretario Adolfo Lisboa, não pequenos perigos no trajeto de Assunção a Piraiú pelas tentativas ensaiadas pelos paraguaios de fazerem descarrilar o trem de ferro pelo levantamento de trilhos e corte de aterros e pontes.

No dia 7 de julho, houve então importante conferência presidida pelo Conde d'Eu e a que assistiram o Conselheiro Paranhos, os Generais Herval, Polidoro, o argentino Emílio Mitre, o chefe de esquadra Elisiário e nela largamente se discutiu o futuro plano de campanha, achando o Príncipe que estavam tomadas todas as providências para o seu êxito favorável.

No dia 11 de julho, um domingo, houve no acampamento de Piraiú brilhante festa militar, a que vieram assistir de Assunção o Paranhos e o simpático argentino Dr. Roque Peres. Houve missa campal dita pelo capuchinho frei Fidélis de Ávila, benzimento de bandeiras novas e distribuição de medalhas de mérito. O Conde d'Eu pronunciou brilhante alocução e mereceu espontâneos vivas dos que o puderam mais de perto ouvir.

Na parada apresentaram-se debaixo d'armas, prontos para as futuras operações, 10.010 homens, dos quais 6.442 de infantaria, 1.747 de cavalaria, 996 de artilharia e 29 de corpos especiais, deixando de formar a 7ª brigada de cavalaria e 8ª de infantaria 731 oficiais de cavalaria e infantaria e mais 65 de artilharia achavam-se presentes.

Na terça-feira seguinte, 13, igual parada e idênticas cerimônias no acampamento do Tacuaral, indo o Príncipe e seu estado-maior, pela estrada de rodagem, por haver ficado proibido o trânsito pela linha de trilhos, em vista dos desastres que, depois da morte do meu desgraçado primo Alexandre d'Escragnolle, dias antes, se tinham produzido.

3 Laçar o cavalo pelas patas, enganar.

Foi a missa campal celebrada pelo capuchinho frei Gabriel da Barra de Nápoles e formaram em parada 6.960 homens, dos quais 3.870 de infantaria, 2.017 de cavalaria, 323 de artilharia, 113 de pontoneiros e 79 de corpos especiais.

Iam, portanto, entrar em campanha 16.970 homens, e para o seu regular municiação de boca eram incessantes as providências e ordens dadas pelo Príncipe, notavelmente auxiliado pela inteligente ação do Conselheiro Paranhos, em Assunção.

.....

VII

JÁ ENTÃO, naqueles dias de julho, dera eu solução às minhas contínuas dificuldades de alimentação. Fui ter com o Manuel Luís da Rocha Osório, contei-lhe o que estava sofrendo e pedi-lhe com toda a franqueza que me admitissem como companheiro decidido a tudo e partilhar do rancho que formavam, ele, o irmão Tenente João Carlos da Rocha Osório e o Reinaldo Soares Lousada, todos três rio-grandenses e ajudantes-de-campo do Príncipe, depois de haverem pertencido ao estado-maior do Herval, Caxias e Guilherme de Sousa.

Impossível melhor resposta à minha proposição. Acolheram-me de braços abertos; e nunca, nunca, tive o menor, o mais simples motivo de arrependimento, reinando, entre nós a maior cordialidade, o mais completo e absoluto acordo de vistas, muito embora as fórmulas por vezes agrestes, e para mim novas, de que se serviam e dos costumes que os caracterizavam.

Todos mortos hoje! Todos partidos para a eterna viagem! Reinaldo, então, há mais de vinte e três anos, pois exalou, na vila do Rosário, o último suspiro nos meus braços a 22 de fevereiro de 1870, na madrugada de um dos dias aniversários do meu natalício.

Passados os primeiros tempos de recíproco acanhamento fiz liga completa com os meus camaradas de rancho, identificando-me de todo com os seus hábitos, encontrando sempre neles companheiros da maior

dedicação, de incessante desinteresse e mais apurada delicadeza de sentimentos, quer em espaçados dias e horas de combate e fogo, quer nas marchas mais cansativas e aventurosas, quer em longos e penosos períodos de acampamento e paradas.

Com inapagável enternecimento e gratidão me lembro da alegria e pressurosidade com que na tremenda penúria de víveres do potreiro de Capivari e da picada do Pacová, vinham, todos três, trazer-me e comigo partilhar tudo quanto pudessem encontrar: um cacho de bananas, laranjas, abóboras, canas-de-açúcar ou então algumas conservas compradas, a peso de ouro, aos gringos e no mercado, já muito vasqueiras e por preços despropositados.

Na terrível e imprudente carga de cavalaria dada em uma rua e praça de Peribebugá, como adiante contarei, mal se havia enchido parte dos fossos de defesa e aberto um trecho de trincheira, carga a que de repente fui levado, bradou-me uma voz solícita e angustiada: “Aperta bem os joelhos, Taunay, senão estás perdido!» Era a voz de João Carlos da Rocha Osório! E assim um sem número de episódios.

Pude, portanto, bem à larga, estudar o nobre caráter rio-grandense representado por aqueles três homens, tão diferentes nos modos e na índole, mas ligados pelo mais apertado laço – o estreitamento imenso ao Rio Grande do Sul.

Reinaldo Soares Lousada, tipo de fina têmpera, o mais velho de nós quatro, talvez com mais de quarenta anos, desprezencioso quanto possível, valente com as armas, amigo da guerra, mas sem nenhuma jactância e sanguinarismo, prudente nos seus conselhos, altaneiro quando se sentia melindroso, mas entrando facilmente em pronta calma, conciliador sempre, meigo e benévolo para com as culpas dos outros aliás, sem nenhuma letra. Quantas vezes nas nossas continuadas e animadas discussões, em que cada qual levava as suas simpatias e prevenções, sem nunca transpormos os limites da cordialidade, quantas vezes não me disse ele com o seu tom pausado e grave: “Taunay, tu¹ és muito bom, mas tens um grande defeito,

1 Os rios-grandenses usam muito mais do tu de que os filhos das outras regiões do Brasil, que empregam mais freqüentemente a forma na terceira pessoa – você.

é não apreciastes o Silveira Martins!» Silveira Martins o ídolo que tinha sempre presente aos olhos, a personificação do seu adorado Rio Grande do Sul, a primeira das terras!

Manuel Luís da Rocha Osório, este com o curso da arma a que pertencia, cavalaria, e mais alguns estudos, sobrinho predileto do velho Osório e muito ufano, aliás, com razão, do parentesco, cheio de nobres ambições que em parte realizou, pois morreu a 28 de março de 1893 general-de-brigada, o mais moço de todos os generais, embora não se mostrasse grande adepto da República e não escondesse as saudades do tempo do Império. Acabada a guerra do Paraguai, e no seguir da carreira, deu realce a todas as comissões que lhe foram cometidas e, por ocasião do golpe de Estado de 3 de novembro de 1891, tomou no Rio Grande do Sul atitude de resistência decisiva e leal, concorrendo para as demonstrações que lá se produziram e tanto atuaram para o desfecho a 23 de novembro daquele mesmo ano. Foi também dos primeiros a aconselhar a retirada do elemento militar da política do país, embora fosse membro do primeiro Congresso Federal, cargo que, ao que suponho, resignou. Na campanha da Cordilheira foi o Manuel Luís o constante e metódico diretor do nosso rancho, escrupuloso nas suas contas, apurando-as sempre com o máximo cuidado e economizando a bem dos companheiros.

Boa figura, ainda que um tanto baixo, corado, com ar resoluto e ativo, tinha propensão para a gordura. Veio a falecer do coração. Morrera o Reinaldo de moléstia de intestinos, que o fez sofrer muito por mais de um mês. Notei, porém, que a sua agonia foi muito suave debaixo da ação de um sob delírio, em que ele me falava de coisas agradáveis e amenas, chegando por vezes a sorrir com expansiva alegria.

João Carlos da Rocha Osório, ainda muito moço naquela época, com 22 anos apenas, arrebatado de gênio, *fuá*² (lhe chamava Reinaldo) todo ele espontaneidade e fogo, engraçado e pilhérico, leal como a sua boa e afiada espada, amigo de dar valentes cutiladas no inimigo, doido por cargas de cavalaria, e entusiasta da lança, um tanto peado nos seus ins-

2 Mesma significação que aruá, cavalo inquieto, indócil, desconfiado (Beaurepaire Rohan – *Dicionário de vocábulos brasileiros*).

tintos barulhentos pela sua qualidade de ajudante-de-campo do Príncipe, rio-grandense até a medula dos ossos e achando suprema felicidade viver a vida dos campos a cuidar, na paz, de bela e valiosa estância.

Creio que a sorte lhe permitiu realizar plenamente esse plano de existência tão grato às suas esperanças. Viveu tranqüilo e feliz, modificadas, suponho, as suas impetuosidades de moço pelo correr dos anos. Faleceu de um ataque em Bagé a 18 de junho de 1893, três meses depois do irmão. Devia ter 46 anos, se tanto. Nos últimos tempos, teve, porém, que presenciar as crudelíssimas convulsões, a nefanda devastação da querida e formosa terra natal. Ah! Não era esta a guerra como ele, nas primeiras épocas da juventude, vira e fizera, guerra em que abençoada glória aureolava todos os homens da luta e grandes e nobilíssimos triunfos cercavam de luz e fulgores a vitoriosa bandeira imperial, a bandeira da Pátria, levando a liberdade a um povo estrangeiro e republicano!

.....

VIII

DISPOSTO tudo, na medida do possível, para a próxima campanha, empregados os últimos dias do mês de julho em adequadas providências tomadas com muita calma e minúcia pelo Conde d'Eu, afinal no dia 1º de agosto abalou-se em direção a Paraguari o 1º corpo do exército. Ficava Piraiú bem defendida por fortificações passageiras e com elementos para resistir a qualquer ataque dos paraguaios. Comandava ali o General José Auto da Silva Guimarães, depois Barão de Jaguarão.

O 2º corpo do exército moveu-se do Taquaral, a 2, trazendo consigo a divisão argentina acampada no Cerro Perón. Compunha-se de novecentos homens perfeitamente disciplinados sob as ordens do coronel Don Luís Maria Campos. Ainda nesse dia, o príncipe dirigiu mais um reconhecimento sobre Ascurra, de modo a avigorar a crença já incutida nos chefes paraguaios, que a sua intenção era atacá-los por ali.

Às 3, porém, estávamos já em Paraguari, cidadezinha não de todo feia e onde nos deixou o General Polidoro, já por causa de forte bronquite, já por se lhe ter formado no braço esquerdo um abscesso que muito o incomodava. Passou o comando ao Brigadeiro Carlos Resin e voltou para Piraiú, donde regressou a Assunção, muito contristado por não poder tomar parte nas operações encetadas. “Os velhos não prestam para nada”, dizia ele todo contrito.

O príncipe ativou a partida do 2º corpo e foi unir-se ao 1º que esbarrara com forte trincheira numa picada chamada de Sapucaí ou Sapucaia, já conhecida por um feito anterior de guerra, toda metida entre matos altos.

Aí ficou bem evidente a diferença no modo de levar as coisas dos generais brasileiros. Osório queria atacar logo de frente desfazendo os meios de resistência do inimigo. “Leva-se tudo, afirmava ele, a cachações num instante.” “Mas por que perder inutilmente gente?” objetava o príncipe. Mandou, pois, abrir picadas de um lado e de outro e fazendo por elas entrar brigadas, desalojou os paraguaios com a maior facilidade, caindo em nosso poder, sem sacrifício de um só homem, as peças que, colocadas como estavam nos teriam feito bastante dano.

No dia seis subíamos a serra pela estrada de Valenzuela que Solano López na sua cegueira havia deixado completamente aberta e livre, obcecado pelo fácil estratagema, a que o príncipe dera tão paciente e belamente, visos de verdade.

“A campanha da Cordilheira, diz o *Diário do Exército*, pág. 162, encontrou no espírito de todos a sua solução.”

Uma vez, com efeito, alcançado o planalto, como o tivemos feito com tamanha facilidade e felicidade, de que valiam as emboscadas de Pedrosa, Cabañas, Cerro León e, sobretudo o tão decantado desfiladeiro de Ascurra?

Ao passo que atingíamos tão grandes resultados, desfilavam as tropas alegres e garbosas por estrada fresca, suave, ensombrada por copadas árvores! Nunca dera o ditador paraguaio provas de tamanha inépcia, reduzido como estava à guerra de recursos e devendo aproveitar todos os acidentes do terreno para proteger a sua gente já bem reduzida e dificultar quanto passo houvesse aos que o perseguiam. A subida da Cordilheira apresentava-se como o ponto grave de toda a campanha e eis que López, como que tivera empenho de deixá-la absolutamente livre, fácil e até agradável aos brasileiros. De cedo, nesse dia 6 de agosto a sorte dispensou ao Conde d’Eu um dos seus mais graciosos sorrisos. Tudo lhe corria às mil maravilhas.

No dia 7 ocupávamos a bonitinha vila de Valenzuela e ali achamos algumas famílias paraguaias de distinção. Já iam então se apresentando

muitas desgraçadas mulheres e crianças reduzidas ao ultimo grão de miséria e objeção. Em Piraiú tinham vindo aos milhares e milhares; e nem quero recordar-me das cenas que se passaram, amontoadas na igreja matriz daquele povoado. Frei Fidélis contava, com inequívoca indignação, fatos degradantes. Que espetáculo o daqueles verdadeiros cadáveres ambulantes!

Embora remetidas sem demora para Assunção, vagões e vagões cheios, não poucos se puseram a acompanhar nas marchas os soldados e homens do comércio.

.....

IX

NÃO ALCANÇAMOS nesse dia 6 de agosto Valenzuela, apesar de todos os desejos e da acentuada impaciência do Conde d'Eu; ficamos acampados junto ao arroio Ipocu. Apenas chegamos ao povoado perto dele, afluíram em massa mulheres e crianças, além de muitos patrícios nossos prisioneiros, agarrados nos começos da invasão de Mato Grosso, em fins de dezembro de 1864 e janeiro do ano seguinte de 1865.

Irradiando do centro forças e partidas, que iam de um lado e de outro tomar conta de alguns pontos e arrebanhar pobres famílias paraguaias, foi o exercito avançando, em direção quase paralela à que seguira de Piraiú para Paraguai, com a diferença que lá era baixo da serra pela base, agora em cima, no planalto; lá a SE agora a NE, ligadas às duas linhas pela perpendicular de Paraguai e Ipocu, subindo a cordilheira pela reta EO representativa da picada de Valenzuela.

Todo esse belo movimento faz honra às combinações e planos militares do Conde d'Eu, o qual, burlando as intenções de López se dirigia então com toda a facilidade para Peribebuí, povoado entrincheirado em que *El Supremo* havia estabelecido o centro do seu já tão combalido governo.

No dia 9 acampamos a légua e meia daquele ponto e vieram ter conosco muitos índios *chanés*, presos na invasão paraguaia do Mato Gros-

so. Tive o prazer de trocar com eles algumas frases aprendidas nos Morros, os tão saudosos Morros...

A 10 seguimos até ao lindíssimo arroio Iaguimi, depois fomos ocupar os altos dos outeiros que cercam e totalmente dominam a praça de Peribebuí, cuja perda era infalível, metida num fundo de baixada e no meio de colunas que pareciam só esperar por baterias de artilharia para deixar fulminada a desgraçada e insustentável posição.

Tendo o Príncipe cuidado que não lhe caíssem por qualquer lado forças inimigas, mandou ocupar as encruzilhadas de estrada e ordenou o assalto da improvisada capital de López para o dia 12, como, com efeito, se deu. Depois de violento bombardeio que durou duas horas, de seis e meia às oito e meia, avançaram as colunas para as trincheiras que rapidamente se atulharam com fardos de alfafa. Também em breve, apesar de valente defesa, estava tudo em nosso poder. Talvez não durasse o assalto vinte minutos.

Na qualidade de encarregado do *Diário do Exército*, posição cômoda que não me sujeitava imediatamente: a nenhum chefe, andava eu mais ou menos isolado, quase sempre no estado-maior do Príncipe, mas muito à vontade, a ir de um lado para outro.

Foi quando; por sol resplendente, vi prepararem as colunas de ataque no alto dos outeiros vizinhos. O espetáculo era positivamente deslumbrante, a ansiedade geral. Terminara o bombardeio de maneira que a fumaça, que se havia acumulado nas baixadas como impenetrável e denso véu, de todos os lados subia adelgada, cada vez mais tangida por brisa esperta, quase frígida.

Aí destacou-se, à frente de todos, da outra banda daquela em que eu me achava, um homem só, montado num grande cavalo branco, cujo pêlo brilhava à luz do dia como se fora um animal todo de prata. Começou ele a descrever o declive com a maior calma e majestade, embora logo se tornasse alvo de nutrida fuzilaria e até tiros de peça. Perguntei a um soldado de cavalaria que por junto de mim passou: “Quem é aquele cavaleiro?” “É o General Osório”, respondeu-me ele. E a estas simples palavras de mim se apoderou tal frêmito de entusiasmo que eu quisera estar ao seu lado, ante os olhos de todo o exército brasileiro. São atos destes que arrebatam os homens até os mais frios e cépticos e os

levam a morte, afrontando extraordinários, quase inacreditáveis perigos. Em outras circunstâncias e decerto aí em cenário mais grandioso, repetia Osório a admirável façanha da passagem do Paraná, no Passo da Pátria, ele à frente de todos, sempre ele, jogando a vida com a maior serenidade, ou antes, com a maior simplicidade, como se fora o mais obscuro e insignificante soldado, cuja perda pouco importaria ao Exército e à Pátria.

Acredito bem que todos, sem exceção, experimentaram aquele imenso choque elétrico, que nos fez fuzilar pela espinha dorsal o frio das grandes emoções. Correu, com efeito, logo a emparelhar com o herói o general João Manuel Mena Barreto; mas, minutos depois vi tombar aquele belo e bravo guerreiro atravessado como lhe foi a bexiga por duas balas de fuzil.

Nesse tempo avançavam as colunas de assalto. Adiantei-me também com certo ímpeto e achei-me junto à divisão argentina que marchava com passo garboso em direção ao lado NE da praça. Comandava-a o bizarro Coronel D. Luis Maria Campos, baixinho, bem feito de corpo, cheio de energia e vontade de aparecer, além de finamente espirituoso, conforme dias antes tivera eu ocasião de apreciar. Perguntara-lhe um de nossos oficiais velhos já meio apatetados pela idade: “A sua divisão, Sr. Coronel, tem cavalaria?” “Sim, senhor, respondeu o argentino abatendo a espada, o regimento correntino”. “Tome cuidado, replicou tolamente o interlocutor, os tais correntinos fogem como ganhos por qualquer coisa, não prestam para nada.” “Fiquei enfiado de semelhante inconveniência. Como assim?” Protestou o coronel corando muito. Quando foi que V. Ex^a viu isto?” “Em Ituzaingo, respondeu defasadamente o nosso general, disparavam que era um gosto.” “Ah! sim, concordou o outro todo desfeito num sorriso malicioso, *picavam* o inimigo desbaratado. Agora compreendo porque V. Ex^a conservou deles lembranças tão desagradáveis. *Bien tapé!*”

Achei-me, pois, junto a essa coluna e não muito distante da trincheira inimiga. Começaram a fuzilar seguidas e mortíferas as balas. *Pim, pim, psi, psi*, e soldados a caírem, uns feridos, e outros mortos, em proporção bem séria.

Continuava, contudo a divisão a marchar com passo firme e acelerado. Dirigindo-me ao comandante Campos: “Coronel, disse-lhe,

vou comunicar ao Príncipe que a coluna argentina será das primeiras a entrar na praça. Vivam os aliados!” Fui, com efeito, levar o recado ao Conde d’Eu e teve a influência direta na prova de distinção que recebeu, no fim do dia, o coronel Campos, chamado por mim à barraca do Príncipe para receber a *Medalha de bravura*. O condecorado não cabia em si de contente e radiante me agradeceu o que eu por ele fizera. A divisão argentina teve 21 mortos e 97 feridos no grande total de 313 homens do 2º corpo de exército, proporção muito pesada e significativa.

No 1º corpo tivemos mortos: dois capitães, um alferes e doze soldados, total quinze; feridos dois capitães, três tenentes, oito alferes e cento e vinte e sete praças, total cento e quarenta; com todos vinte e quatro, total cento e setenta e nove homens, além do General Mena Barreto, morto.

No 2º corpo de exército, houve as seguintes baixas: mortos vinte e um, dos quais um major, dois tenentes; feridos, duzentos e vinte e sete, dos quais dois coronéis, um tenente-coronel, dois majores, sete capitães, seis tenentes, quinze alferes; com tudo cinqüenta.

Somando tudo, tiveram os aliados:

Contusos	7	oficiais	45	praças	52
Mortos	46	oficiais	324	praças	370
Feridos	15	oficiais	61	praças	76
Soma	68	oficiais	430	praças	498

As perdas do inimigo foram totais. Ficou ele todo, ou morto ou prisioneiro. Perto de 700 cadáveres contados entre os quais os do Tenente-Coronel Caballero, comandante da praça, e Major López, 300 e tantos feridos e 800 prisioneiros que formavam o efetivo da guarnição. 19 canhões, um de calibre 32, 2 de 24, 15 de outros, um morteiro de 12 polegadas, 13 bandeiras e bastante munição de guerra caíram em nosso poder.

Oh! a guerra, sobretudo a guerra do Paraguai! Quanta criança de dez anos, e menos ainda, morta quer de bala, quer lanceada junto às trincheiras que percorri a cavalo, contendo a custo as lágrimas! E naqueles rostos infantis uma expressão estereotipada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração; essa mais freqüente, como se os pobres coitadinhos houvessem expirado, compreendendo bem o horror da

morte, quando toda a natureza lhes sorria em torno! Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava; e entre parênteses, ainda se matava, bem inutilmente, aliás, salvei um dos desgraçados, que iam ser degolados, e ele se agarrou a mim não me deixando mais, por sinal que, alta noite, por tê-lo feito dormir num couro no mesmo quarto que fui ocupar, raspei não pequeno susto.

Neste assalto de Peribebuí, tomei, parte em mal pensada carga de cavalaria. Deu-se o caso do seguinte modo: Apenas se atulharam vários pontos do fosso e se arrasaram trechos das trincheiras, os paraguaios correram em direção a uma praça bastante vasta, onde se agruparam enoveladamente. Houve um grito: “Carregue a cavalaria!” E por diante de mim passou, como um turbilhão, um regimento inteiro a galope. O meu cavalo tomou o freio nos dentes e envolveu-me naquela onda oscilante numa disparada horrível por uma rua espaçosa que ia desembocar naquele largo. Foi quando ouvi a voz do João Carlos da Rocha Osório, que bradava: “Aperta os joelhos, Taunay, senão estás perdido!” E eu apertava com frenesi os joelhos, compenetrado do tremendo perigo de cair do selim e ser esmagado pelas patas dos cavalos que vinham atrás. O momento foi medonho. Ali chegávamos à praça onde a mais nutrida fuzilaria de repente nos acolheu. Também todos voltaram rédeas e a saltar por cima da gente e animais que tombavam aqui e acolá. Dali a momentos estava de novo junto à trincheira, tudo em segundos, num ápice!

Achando-me perfeitamente incólume não pude deixar de soltar sincero suspiro de alívio. Pus-me até a rir, vendo perto de mim um oficial empunhando belicosamente o revólver, mas com a capa por cima, tendo-o sacado assim do talim. À noite, verifiquei pelas manchas dos joelhos, quanto à risca seguira a amistosa e salvadora recomendação do meu bom companheiro de rancho João Carlos.

Tomado Peribebuí, e abafada qualquer resistência, houve o seu saquezinho, apesar dos esforços para reprimi-lo. Os soldados, porém, entravam nas casas e saíam com muitos objetos, que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão. Das moradas ocupadas antes pelo ditador López e por Mme. Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amedada, peças espanholas do valor de 2\$000, das chamadas *columnares*, por terem as armas de Castela e Aragão gravadas entre duas colunas. Depois ví-

amos muito esse dinheiro girar no comércio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada da Lynch, passaram por perto de mim, levando em panos e mantas grande porção dessa prata, quanto podiam carregar.

Eu, avisado pelo Tibúrcio, ia à procura de um anunciado piano. Havia tanto tempo que estava privado desta distração!... Achei, com efeito, o desejado instrumento, bastante bom e afinado, até pus-me logo a tocar nele, embora triste espetáculo ficasse ao lado, o cadáver de um infeliz paraguaio, morto, durante o bombardeio da manhã, por uma granada que furara o teto da casa e lhe arrebentara bem em cima. O desgraçado estava sem cabeça.

Fiz remover dali aquele fúnebre diletante, tocando, com grande ardor, talvez mais de duas horas seguidamente. Assim festejei a tomada de Peribebeuí. No quintal daquela habitação, onde havia trastes de luxo moderno e objetos bastante curiosos de antiguidade jesuíticas, restos de grandezas passadas, a custo e à ultima hora trazidas de Assunção, encontrou o Tibúrcio um depósito de vinhos de excedente qualidade, sobretudo caixas de champagne, de indiscutível e legítima procedência, e das melhores marcas. Nunca o bebemos tão saboroso e perfumado, força é confessar.

Tratava-se em regra a imperiosa e inteligente mulher que teve tão vasta e tão pernicioso influência sobre o espírito de Solano López e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e horrorosos desmandos de seu amante e para as calamidades do valente e mal-aventurado povo paraguaio. Bem curiosa deve ser a história ainda imperfeitamente conhecida dessa Mme. Lynch!

Vamos, porém, ao caso do meu prisioneiro, o qual, conforme já disse, me seguia todo o dia como a sombra. Era um latagão forte, espadaúdo, e uma espécie de gigante, imberbe, porém, e de fisionomia simpática. Pretendi fazê-lo dormir num couro junto do meu camarada, no alpendre da casa que tomei para passar a noite, mas ele implorou com tanto fervor a graça de ficar dentro do quarto, sob a proteção imediata minha e da chave que trancava a porta, que afinal condescendi.

Prostrado de cansaço pelas muitas emoções e vaivéns do dia, peguei logo em profundo sono. Eis, porém, que alta noite, acordei sob a pressão de medonho pesadelo. O meu paraguaio, tirara a chave da porta e estava me perseguindo, armado de enorme faca, com a qual já me ferira duas vezes

pelas costas. Pulei assombrado da cama e corri para o lado da tal porta. Busquei a chave e não a encontrei mais. Haviam-na tirado fora! Então o sonho se fazia realidade? Fiz violento esforço sobre mim e só assim pude verificar que, errando de direção no escuro, viera ter à janela, devendo a porta ficar fronteira. Para lá me dirigi, a passo lento e cauteloso, e, com verdadeiro alívio, pus a mão na chave e virei-a abrindo o batente bem largo inundado logo o quarto de luz por haver no pátio uma fogueira. O pobre do paraguaio dormia como um beato e, quando o acordei com algum arrebatamento, pareceu aterrado. Fi-lo levantar incontinênti e levar o seu couro para debaixo do alpendre. Quanto a mim, tornei a fechar-me com real satisfação.

Em Peribebuí, apanhei, entre vários livros que pertenciam a Francisco Solano López, o segundo volume de um *D. Quixote* do imortal Cervantes, edição de luxo, em espanhol, jornada de boas gravuras. Procurei com afinco o primeiro volume e não o encontrei no meio dos livros que lá havia, atirados a um canto. Durante toda essa campanha muito li reli o meu *D. Quixote*, sentindo cada vez mais aumentada a admiração que, desde menino consagro àquele livro, incontestavelmente uma das obras-primas do engenho humano, Abençoado Miguel Cervantes e Saavedra, quantos momentos de despreocupação me deste, assim como os tens dado aos milhares e milhares senão aos milhões de entes neste imundo! E que mais querer do que trechos de distração no contínuo assalto de desgostos e tristezas desta vida?

Dizem, e o li não sei onde, que o *D. Quixote* é o livro que tem tido maior número de edições e traduções, vertido em quase todas as línguas e até dialeto do globo. Não duvido; bem o merece.

Esteve muitos anos em meu poder esse exemplar apanhado em Peribebuí; depois, não sei que fim levou. Procurei-o e não o encontrei mais na minha livraria, o que muito senti.

NO DIA SEGUINTE ao da tomada da praça, 13 de agosto, fez-se às nove horas da manhã o enterro do general João Manuel Mena Barreto. Como estava belo aquele homem, aquele herói, na sua placidez de morto, o perfil admirável, as bastas e sedosas barbas negras, com um fio ou outro branco, os cabelos em desalinho!

Era esplendido tipo de guerreiro e fique aqui esta homenagem à sua figura heróica, e tão elegante, quanto marcial.

Avançou o exército, depois, em direção a Caacupê, porquanto o Conde d'Eu queria aproveitar o mais possível os momentos, a fim de ver se conseguia aprisionar Solano López em sua fuga para o Norte. Viase-o impaciente, interrogando febrilmente os muitos prisioneiros que iam sendo agarrados, buscando apressar todos os aprestos e esbarrando com as mil dificuldades da *impedimenta*. Este dia, ou resto do dia 13, e o 14, foram perdidos; mas a 15 ocupávamos Caacupê, a rudimentar fábrica de fundição do ditador. Lá se achava também o hospital, se tal nome merecia o mais imundo acervo, ou melhor, montão de doentes e feridos, na máxima miséria, em absoluto abandono, foco de pestilência e infecção, embora dirigido pelo médico italiano Paroddi, um dos mais fecundos redatores do bajulatório periódico *Estrella*, cujo último número estava sendo impresso numa tipografia volante, com a data de 12.

Nessa folha é que se comparava Solano López com Jesus Cristo, colocando-o mesmo acima do fundador da religião toda de paz, cordura, compaixão e meiguice!

Todas as notícias que iam chegando eram do maior interesse. Tomara o ditador a direção dos Hervais com 6.000 homens, 24 bocas-de-fogo, 2.000 reses, muitas famílias, deixando ao General Caballero a obrigação de cobrir-lhe a retaguarda e deter-nos, mais possível o passo, para o que lhe dera o comando de uma coluna de 5.000 homens, os melhores e mais aguerridos soldados, que lhe haviam ficado de tantos desastres.

E o terreno ajudava os seus planos, pois era todo cortado de matos fechados, com picadas pouco espaçosas e contrárias ao rápido movimento das tropas que o deviam perseguir.

Ao saber de tudo isto, quis o Príncipe acelerar a marcha, a ver se logo alcançava pelo menos essa retaguarda, mas foi, de todo o ponto impossível pelo cansaço, sobretudo, da cavalaria, empregada em contínuas explorações para todos os lados, a fim de impedir qualquer surpresa por parte dos paraguaios, que das muitas localidades do alto da Cordilheira tinham ordem de convergir para o grosso das tropas comandadas por Caballero.

E quando se davam esses deslocamentos, inúmeras famílias, no maior grau de miséria, magreza e fome, vinham acolher-se à proteção das armas brasileiras, o que agravava, cada vez mais, o peso da nossa imensa bagagem. Mandou o Conde d'Eu organizar sem demora grandes comboios para levá-las logo a Assunção; mas todas as ordens e providências tomam sempre muito tempo.

Via-se, por isto, o general-em-chefe passeando com passo nervoso por diante da sua barraca. "Haja o que houver, decidiu ele, amanhã marcharemos!"

Aí, em Caacupê foi que se retirou o General Osório. Os sofrimentos da ferida da mandíbula inferior se haviam exasperado e lhe aconselhavam obrigatoriamente repouso, em lugar de tantas caminhadas sob ardente sol.

Para mim foi muito sentida essa partida, pois adquirira excelentes relações com esta notável personalidade cheia de brilhantes qualidades militares. Ninguém tinha mais jeito para granjear a estima dos oficiais e

soldados e saber obter deles tudo quanto quisesse nos momentos mais difíceis e arriscados, ninguém mais simpático e atraente sempre e sempre. Nunca de mau humor e de cara fechada, a menos que não entrasse em cóleras medonhas; e então tudo tremia diante dele e dos seus ímpetos. E quanto espírito natural! Que engraçadas reflexões, que piadas (o termo familiar) impagáveis, a par de conceitos valentes, sintéticos assinalados por muito bom senso e propriedade. Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, se é que aí não se tornava superior a todos. Era general eminentemente tático, de posse de admirável sangue-frio no meio dos maiores perigos. “Se uma bomba arrebentar na ponta do nariz do Osório, dizia-me o Reinaldo, seu entusiasta fanático, ele nem sequer espirra.” Ganhou a grande batalha de 24 de maio a poder de bravura pessoal levada ao último extremo, infundindo em todas as forças que nesse dia decisivo comandava, a centelha que em seu indomável peito ardia.

Não se distinguia, entretanto, pelas concepções estratégicas e como que lhe não agradavam planos estudados no silêncio e na meditação do gabinete. Dedicava tudo ou quase tudo à indicação de momento. Diante da picada de Sapucaí, que foi tomada com tamanha facilidade e perda de tão poucos soldados, como atrás contei, vi Osório instar com o Conde d’Eu para levar ataque direito à trincheira que nos tomava a passagem. “É um instante, afirmava ele, Vossa Alteza verá.” “Mas, observava o Príncipe, é o que se chama atacar o touro pelas aspás!” “Qual touro, replicou o Osório, isto não passa de uma vaca velha!”

Tinha Osório muita finura, o espírito arguto, malicioso, e inclinado à política, diremos até à diplomacia. *C’etait un rusé compère.*

Rememoremos, porém, alguns dos seus ditos chistosos e pican-tes, que os tinha muitos, a cada momento, da maior espiritualidade, iluminando, por vezes, juízos concretos e de grande profundidade. Em certa ocasião, encontrei-o, deitado na rede, com um livro na mão. “Você, Sr. bacharel, disse-me ele, tem obrigação de saber tudo. Venha pôr em português esse english de uma figa.” Comecei, com efeito, a leitura, traduzindo confesso com dificuldade o trecho apontado. Osório pegou logo no sono e retirei-me sem fazer barulho. No dia seguinte o general encontrando-se comigo, interpelou-me alegremente: “Assim é que Você fez o que lhe pedi, seu vadio?” “Mas, V. Ex^a pôs-se logo a roncar, repliquei-lhe!” “É verdade, e

só por isto quero bem àquele livro. Sonhei toda a noite que sabia muitíssimo mais inglês do que Você.”

Uma feita, convidou-me para almoçar. “Teremos o Oliveira, avisou; é um verdadeiro duelo, entre vocês dois. Feijoada enorme que poderei, cá do meu lado, chupar sem ter que mastigar.” Com efeito, o pratarázio estava excelente, e comemos a valer. Dias depois, chamou-me o Osório e, abaixando a voz, disse-me com ar muito sério e engraçadamente misterioso: “Você sabe, amigo, o meu dispenseiro declarou-me que naquele almoço da feijoada lá se foram os víveres de quinze dias. Estou agora apertado deveras e obrigado por causa de vocês dois, a jejuar. É bem duro a na minha idade...”

.....

XI

O SUBSTITUTO do ilustre Osório no comando do 2º corpo de exército foi o Brigadeiro José Luís Mena Barreto, que passou a cumular essas funções com as de chefe do Estado-Maior-General.

Tinha esse Mena Barreto a qualidade comum a todos os seus, muita bravura e competência nas armas. Estava no sangue. Já bastante velho, talvez com mais de 60 anos, nesse mesmo dia 16 de agosto dirigia com muito acerto, calma e proveito, a batalha do Campo Grande como bom general tático, digno da confiança atendendo a tempo e hora a todas as peripécias da ação, que foi longa e bastante renhida. Do seguinte modo se travou aquela batalha:

Às 6 horas e um quarto da manhã começamos a marcha encontrando de um lado e doutro da picada, um tanto estreita em que se metera o exército, inúmeras mulheres e crianças, no mais completo, ou antes, pavoroso estado de miséria, magreza e nudez. Todas nos saudavam com indiferença ou melancólica alegria, como que desenganadas de poderem ver o termo das imensas desgraças que, de há cinco anos, as acabrunhavam. Achava eu muita graça na invariável resposta que davam à pergunta: “Como vão?” “Sin novedad, señores!” elas, pobrezinhas! Que tinham vivido e ainda viviam no meio das maiores e mais horrorosas novidades da guerra!

Afirmavam todos, que o exército do General Caballero, em retirada para a vila de Caraguati, não podia estar longe. Ouvimos, com efei-

to, troar artilharia mais ou menos às 7 horas, e o Brigadeiro Vasco Alves Pereira, depois barão de Santana do Livramento, mandou anunciar que a vanguarda estava já trocando tiros com uma grande força inimiga formada em linha de batalha.

Acelerou-se o movimento, depois de arriadas as mochilas, e todos os batalhões caminharam a marche-marche perto de um quarto de légua.

Tomara o príncipe Conde d'Eu a frente e, galopando por todo o trecho restante da picada chegou, com o seu Estado-Maior, ao campo, onde se estendia extensa força paraguaia.

Logo que vi aquela disposição, surpreendeu-me que o inimigo tivesse de boa mente abandonado a boca da picada, onde poderia ter-nos dado muito trabalho. Porque, pelo menos, com a artilharia de que dispunha, não a fulminava desde logo, impedindo assim, que as tropas brasileiras por ela fossem desembocando e se desenrolando em sucessivas colunas?

Não sei. O General Caballero, que comandava essa retaguarda composta de 5 a 6.000 homens, era, sem dúvida, valente e dava aos seus soldados bons exemplos de intrepidez; mas entendia pouco da arte da guerra, como, aliás, todos os chefes que rodearam Solano López, com exceção talvez do General Diaz, morto depois da defesa de Curupaiti e considerado o chefe mais prestigioso e de mais futuro de todo o Paraguai. O certo é que a linha paraguaia deixou-nos a gosto sair da picada – erro palmar – e ir tomando posições.

Sustentava um tiroteio pouco vigoroso, apoiado espaçadamente pela artilharia, o que não nos causou mal algum, fazendo-lhes contudo perder tempo precioso, elemento positivamente irreparável.

Era o lugar uma planície larga, – mais que isto – vasta e muito própria para o uso da cavalaria, que teria logo envolvido e destroçado o flanco esquerdo paraguaio, mas dessa arma não havia, no começo da ação, número suficiente, estando a brigada Hipólito metida na picada, à retaguarda de toda a coluna.

O inimigo encostava a ala direita a uma restinga de mato contínuo e a esquerda a brejosinhos e capõesinhos isolados, posição insustentável, uma vez que deixava franco o escoadouro por onde as colunas brasileiras podiam desenvolver-se pelo campo afora.

Quando apareceram os primeiros batalhões de infantaria, a brigada Vasco Alves tiroteava à esquerda. Respondiam-lhe tiros de artilharia de pequeno calibre.

A 3ª divisão sob o comando do Coronel Herculano Sancho da Silva Pedra, que desembocou logo no largo quase toda, compunha-se de três brigadas, a primeira formada dos batalhões 2º, 4º e 7º; a segunda do 1º, 8º e 46º; a terceira do 10º, 16º e 27º, comandadas pelos coronéis Valporto, Francisco Lourenço (voluntário da Pátria) e Manuel Deodoro da Fonseca.

Este não seguiu em frente, mas encontrando picada espaçosa à esquerda, por ela se meteu, levando consigo uma bateria do 2º regimento de artilharia, movimento que deu excelentes resultados, horas depois.

De quem a iniciativa? Talvez do próprio Deodoro que se distinguia pela intrepidez e gosto de andar sempre sobre si.

As 8h30 da manhã empenhou-se fogo vivo de infantaria e logo após de artilharia, aquele encetado pelos 2º e 7º que com as suas linhas de atiradores bem adestrados abriram visíveis claros na frente inimiga, que pareceu querer recuar. Ali renovou o Conde d'Eu a ordem da brigada Hipólito avançar a todo o galope, abrindo-lhe passagem as tropas e bagagens entalis-cadas na picada que deviam enfileirar-se ao longo dos matos laterais.

Avivando-se cada vez mais o fogo da nossa 6ª brigada com as bocas-de-fogo do 2º regimento e os foguetes a Congreve do 1º batalhão de artilharia, foram as linhas contrárias cedendo campo, embora sem quebra da formatura, pelo que se abalançou o general Caballero a um movimento de retrogradação e rebatimento, sempre difícil, e que, força é reconhecer, foi bem executado, deixando bem patente a disciplina ainda existente no exército que comandava. Procurou estabelecer uma posição perpendicular à sua primitiva linha, para avançar, encostadas as tropas todas à restinga do mato seguido, até ao arroio Juqueri, a buscar o passo para transpô-lo ou aí fazer-se forte.

Para isto, calou a artilharia da esquerda, reforçou a da direita, negou pouco a pouco aquele flanco e, sustentando fogo nutrido durante três horas a fio foi, sem precipitação, desfilando pela costa da brenha, enquanto mandava passar para lá da corrente d'água, um tanto funda e rápida, a sua artilharia mais pesada e muitas carretas e bagagens.

Essa mutação tática, bem concebida e executada em regra tornava-se prejudicial aos batalhões brasileiros que tinham então de percorrer um arco de círculo abrangente, muitíssimo mais desenvolvido, e grandemente dificultado pelos inúmeros brejozinhos e grupos de matagais, que salpicam todo aquele vasto campo.

Mais de uma légua tinha sido vencida para efetuarmos o movimento abarcante, tomando também por objetivo o passo do arroio Juqueri, que se tornou, pois, a verdadeira chave da batalha, porquanto os paraguaios já lá estavam levantando às pressas trincheiras quer com os grandes carros da bagagem, quer de fortificação passageira no que eram positivamente insignes.

Ia à frente da coluna Caballero quase tocando o alvo tão desejado, isto é, o barranco esquerdo do ribeirão, quando, afinal, saiu ao largo a brigada Manuel Deodoro, que caminhara a perder o fôlego dentro do mato denso, ouvindo todo o estrondo da peleja, empenhada, mas dela segregada por obstáculo quase insuperável, tão suja era essa cortina, além da picada se ter tornado estreita trilha que obrigava a um desfilar vagaroso da tropa.

Com toda a audácia, porém, aproveitou o coronel uma aberta, reuniu a sua gente e caiu no campo. O 10º batalhão que vinha na frente, sem olhar ao número do inimigo que ia chegando e podia oferecer-lhe resistência sem se importar com o fogo rápido e mortífero de duas peças, atirou-se de baioneta calada em cima dele e tomou-lhe valorosamente a artilharia, isto é, a pouca distancia do ribeirão.

Era então meio-dia, e no arroio se travava violenta luta, ajudando a forte correnteza das águas a oposição que muitos batalhões paraguaios, já do lado de lá apresentavam, apoiando o fogo da bateria de oito bocas-de-fogo, formada pouco antes e já encostada a parapeitos de terra.

Que medonho atropelo de gente, cadáveres, carretas, bois, até mulheres e crianças a soltarem gritos lancinantes que se faziam ouvir no meio do mais violento fogo de fuzilaria e troar da artilharia! O grosso ribeirão subira de nível e ameaçadores borbotões uniam em torno dos repentinos obstáculos a voz colérica a tantos outros sons de guerra, angústia e agonia.

Foi a primeira tentativa nossa de transposição do arroio repelida com vantagem não pequena para os paraguaios. O coronel Pedra atirou-se

ao rio, para dar o exemplo aos seus, caiu do cavalo e levou no pescoço um lançaço, de que providencialmente foi salvo pela gravata de grosso couro que o cingia. Aproximava-se com a maior valentia, e sempre com as cores rosadas de sua tez, o Príncipe e aí corremos, ele e o Estado-Maior, que o cercava, poucos aliás, grande perigo, pois o despejar de balas de fuzilaria e artilharia era contínuo, além das cargas de metralha, que varriam tudo diante de si com o seu crocitante e pavoroso chocalhar de imensa rede de aço a se abrir no espaço.

O general José Luís Mena Barreto, a galope de um lado para outro e sempre galhardo, voou ao encontro do Conde d'Eu e pediu-lhe que não se expusesse tanto. "Não há necessidade disso, disse ele com toda a singeleza; a batalha está ganha. Se precisássemos de um grande exemplo por parte do Príncipe e do general-em-chefe, eu não impediria por certo a Vossa Alteza de o dar a bem da vitória de nossas armas". Aí o Conde d'Eu ordenou não se tentasse mais a passagem antes de estabelecida a bateria de artilharia, que vinha chegando, comandada pelo valente capitão Bezerra Cavalcanti e que, colocada em frente à contrária abriu sem demora terrível e muito proveitoso fogo, juncando com os tiros de metralha e schrapnel a margem direita de cadáveres inimigos. Enorme foi a carnificina do lado de lá, tanto que as peças paraguaias tiveram de calar-se, atirando sempre uma ou outra com pontaria demasiado alta, o que por certo nos salvou de bem grande mortandade.

Aludi, linhas acima, ao reduzido Estado-Maior do Príncipe. Fora determinação expressa dele. No começo da ação esse luzido grupo chamava naturalmente sobre si as balas de artilharia, pelo que o Conde d'Eu mandou se dispersasse. Durante todo o dia ficamos ao lado do general-em-chefe eu, o Coronel Rufino Galvão, mais tarde Visconde de Maracaju, Reinaldo Soares Lousada, Manuel Luís da Rocha Osório e o irmão João Carlos, o Capitão de Voluntários Almeida Castro e talvez mais dois ou três de cuja presença não me lembro bem.

O pique de cavalaria, comandado pelo Capitão Carlos Maria da Silva Teles, acompanhava todos os movimentos do Príncipe. Quando chegamos à zona das balas de fuzilaria, ouvi um soldado desse piquete reflexionar: "Olá, aqui está pipocando feio."

Continuava, porém, a batalha. Era uma hora e três quartos da tarde, quando distintamente ouvimos canhoneio forte e seguido à retaguarda

dos paraguaios, enchendo a estes de desânimo e a nós de alegria, resultado dos planos do Conde d'Eu, tão solícito sempre em indagar dos caminhos e em conhecer a topografia dos lugares em que operava e, como bom general, tão amigo dos movimentos para os pontos estratégicos nas zonas de ação. Nisso chegava também, a todo dar de rédeas, a esperada brigada de cavalaria do Coronel Hipólito que, transpondo logo com verdadeira fúria o Juqueri à direita, além do flanco da pequena coluna de tropa oriental que nos acompanhara, deu mortífera carga sobre os batalhões paraguaios, os quais buscavam com grande empenho reformarem-se do lado dela.

Parece-me ainda estar vendo como as lanças se abaixavam fulgurantes, vertiginosas, atirando alto no ar, como que simples novelos de algodão, os corpos que iam ferindo e que, no geral, caíam agachados, acorados e, mais que isto, enrolados sobre si mesmos. Não poucos infantes buscavam defender-se com a espingarda, mas era resistência momentânea; alguns atiravam fora a arma e ocultando o rosto entre os braços abaixavam a cabeça e esticavam o pescoço à espera do golpe das pesadas espadas, apressados em dar tudo por acabado e buscando na morte pronta solução a tantas desgraças e tão seguidos sofrimentos.

Depois da carga da brigada Hipólito, e amortecido o fogo da bateria paraguaia, foi o passo varado pelos nossos que assaltaram à baioneta as oito peças, as tomaram após não pequena luta corpo-a-corpo e as foram atirando à água, cujo volume ainda mais cresceu nesse ponto, atravancado de grande número de cadáveres, carros, carretas e bois mortos.

Foi quando o Conde d'Eu por seu turno transpôs o ribeirão e, apenas do outro lado, correu gravíssimo perigo. Um batalhão paraguaio, reformado à borda do mato, de lá saiu com temível fúria e caiu sobre um corpo de infantaria, atrás de cuja linha singela então nos achávamos. Esse não resistiu ao ímpeto inimigo e debandou, deixando-nos absolutamente sem proteção. Vi-me perdido. O Conde d'Eu sacou da espada, no que todos o imitamos e pusemos os cavalos a galope indo ao encontro da carga. Aí, porém, outro batalhão nosso em desapoderado marche-marche pôde a tempo repelir o ataque, encurralando os paraguaios de novo junto à beira do mato, onde os fuzilou com a maior energia.

Este é que constitui o episódio do quadro de Pedro Américo, intitulado *Batalha de Campo Grande*, inverossímil sem dúvida, nas posições

forçadas, impossíveis até dos cavalos representados mas onde o risco foi, na realidade, muito grande para os que lá figuram.

O Príncipe montava um bonito cavalo rosilho, animal, porém, muito manso, dócil e calmo no meio do fogo e que nunca se lembraria de empinar-se todo tomando visos de verdadeiro repuxo, como imaginou o pintor. O capitão de voluntários Almeida Castro pegou de certo, no freio desse animal para embargar o passo ao Conde d'Eu mas se bem me lembro, estava ele então a pé e não cavalgava o fogosíssimo e agachado bucéfalo desenhado no grande painel.

Enfim exagerações de artista. Nem lá havia frade algum, pois frei Fidélis de Ávila se achava nesse momento no Estado-Maior do General Vitorino.

Daquele segundo corpo do exército eram os tiros que ouvíamos cada vez mais próximos a nos anunciarem o final da vitória após dia tão longo e cansativo, o triunfo da última das batalhas de toda a guerra do Paraguai. Depois delas com efeito não se deram senão combates parciais e tiroteios, cada vez menos renhidos até ao último de Aquidabaniqui em que foi morto Solano López.

Assim se haviam passado às coisas.

Conforme a ordens e instruções dadas pelo Conde d'Eu e escritas com toda a minuciosidade, depois do mais apurado estudo das localidades todas e das estradas que as ligavam e após proveitosa meditação e cotejos de todas as informações colhidas em contínuos e bem penosos interrogatórios, trabalho sobremaneira fatigante, mas de que não pode de todo prescindir precavido general, levantara o Marechal Vitorino acampamento de junto ao Arroio Itá, às 2 horas da tarde do dia 15 de agosto. Às 5 desse dia saiu de Peribebeú, ocupando às 10 da noite Barreiro Grande. Depois de mandar descansar por algumas horas a divisão de cavalaria sob o mando do General Câmara, fê-la seguir às 2 horas da madrugada em direção à Vila de Caraguati, ponto indicado de junção dos dois corpos do exército.

Às 7 horas da manhã de 16 essa força, encontrando a estrada tomada por forte coluna inimiga, assestou a artilharia da ala do 1º regimento até às 10 horas quando chegou o grosso do 2º corpo do exército.

Dividiu-se este em duas grandes frações, uma comandada por Vitorino que ficou entestando com os paraguaios por aquele lado, outra

que, incontínenti, marchou no sentido em que se ouvia distintamente o seguido e violento canhoneio de formal batalha travada.

Pouco andou e esbarrou com 2.000 homens e oito bocas-de-fogo fortemente apoiados num obstáculo natural, uma das voltas do arroio Juqueri, acima do ponto em que combatiam tão renhidamente os batalhões do 1º corpo do exército em Campo Grande.

Dirigiu o primeiro ataque o Brigadeiro Resin, chefe dessa fracção do 2º corpo do exército. Ordenou depois o barão de São Borja que se entregasse a coluna de assalto, composta do 1º corpo de cavalaria e dos batalhões de infantaria ao Brigadeiro Correia da Câmara, que de roldão levou a resistência por diante de si e dispersou em todas as direcções a força entrincheirada.

Era quando vinha chegando do lado do Sul a brigada Hipólito e dava a sua terrível carga, fazendo aí junção com a divisão Câmara.

Eram 3 horas da tarde e ficara limpa de inimigos uma extensão de mais de duas léguas, em que se havia pelejado desde as primeiras horas do dia.

Eis o que foi a batalha de Campo Grande ou Nhuguaçu, e que, mais ou menos do mesmo modo descrevi no *Diário do Exército* (pág. 179 até 185), bem frescas aí as impressões recebidas pessoal e imediatamente.

Pelo que deixei contado, vê-se bem que belo serviço prestou o 2º corpo do exército. Tinha o Marechal Vitorino ao seu lado, no cargo de ajudante-general, o prestimosíssimo Coronel Antonio Tibúrcio Ferreira de Sousa. Era o Tibúrcio, nome popularíssimo no exército, homem de resoluções prontas e muito felizes, dotado de brilhantíssimas qualidades militares, entre as quais sobressaía indiscutível bravura, com a melhor das feições que pode tomar a serenidade nos momentos mais arriscados e decisivos. Tinha a paixão das armas e sentia-se a gosto, no seu elemento, quando em pleno conflito, a dirigir fogo de artilharia ou a levar batalhões ao combate e assalto. Muito estimado entre os soldados, que o sabiam sempre pronto para arrostar os maiores perigos e dar exemplo às mais corajosas e destemidas, a todos inspirava confiança e medo; confiança por nunca perder a cabeça e o sangue-frio nos lances mais terríveis, medo porque ninguém mais que ele sabia incutir disciplina à força que comandasse.

Os resultados imediatos da batalha de Campo Grande foram muito brilhantes. Talvez para cima de 2.000 mortos atestasse de um lado a tenacidade dos paraguaios, apesar do armamento inferior, quase rudimentar, que então lhes restava, de outro a superioridade dos meios de ataque de que dispúnhamos e a nosso valente lidar; 1.300 prisioneiros entre os quais o Tenente-coronel Oviedo, Major Godoy e muitos oficiais; 42 carretas, 23 bocas-de-fogo; várias bandeiras; muitas espingardas de pederneira e tipo desusado, antigo e até desconhecido¹ tão primitivo era. Havia de tudo, arcabuzes de mecha, trabucos e outras espécies que só se vêem em museus arqueológicos. Nas carretas muita munição de artilharia se tomou, para mais de 900.000 cartuchos de infantaria, 500 lanças, muitas armas.

O nosso prejuízo foi de 431 praças.

O 1º corpo do exército teve 30 mortos, 269 feridos, 30 contusos e 17 extraviados; o 2º 15 mortos e 90 feridos. Dando os extraviados como mortos teremos o total de 62, perda mínima em relação à dos paraguaios que visivelmente foi enorme por causa da péssima qualidade do armamento a que estava reduzida e da má pontaria de gente quase toda recrutada de fresca. Ainda assim bateram-se como leões para honra desse nobre e desgraçado povo!

Terminara a resistência e produziam-se detonações à nossa retaguarda. Por vezes, acreditei na terrível possibilidade de um ataque pelas nossas costas. Acquietou-me, porém, a informação de que eram cunhetes de balas deixados no campo pelos corpos, à medida que avançavam e que faziam explosão por causa do incêndio da macega ateadado, no princípio da ação, pelos paraguaios para ocultarem o seu movimento tático até ao arroio Juqueri.

“Este incêndio, disse eu no *Diário do Exército*, alimentado pela macega alta e ressequida lavrara todo o dia, de modo que muitos desgraçados feridos foram queimados, subindo espesso fumo aos céus de envolta com a fumaça dos canhões.”

Só nestas palavras de cunho bem artificial, que quadro dos horrores da guerra! Aqueles mal-aventurados, caídos no cumprimento do

1 *Diário do Exército*, pág. 184.

áspero dever, vendo o incêndio vir ao encontro dos seus pobres corpos exangues ou com os membros quebradas, cercá-los de todos os lados, empolgá-los, abafá-los em rolos de espesso fogo, sufocá-los, já martirizados por medonha sede ou então queimá-los aos poucos em vida! Quantas dores inenarráveis, desconhecidas até chegar o apaziguamento da morte, do nirvana, nesses tremendos e derradeiros transes, tão suspirado como fecho de todas as dores físicas e morais.

Vi – ninguém me contou – um paraguaiozinho vinha gritar para um companheiro ferido também, mas de pé: “Amigo, mate-me por favor!” E o outro, acudindo à cruel imploração, desfechou-lhe um tiro à queima-roupa.

Às quatro horas da tarde, o Príncipe saiu daquele passo do arroio Juqueri, que lhe ia sendo fatal, transpôs adiante o Peribebeuí e, caminhando ainda perto de uma légua por belíssima tarde, chegou, ao cair da noite, ao acampamento do General Câmara.

Este acampamento no lugar chamado Pindoti ficava situado na encosta de um morro encimado por denso matagal. Ali se estabeleceu uma bateria paraguaia, de dois canhões, apoiados em um batalhão, que o Tibúrcio, à nossa chegada, foi tomar, o que efetuou com muita felicidade e facilidade. Quis acompanhá-lo e ele disse me dissuadiu: “Deixe-se disso, Taunay, aconselhou-me; não se exponha senão quando for dever expor-se. No mais, não proporcione a uma bala tonta acabar com muito estudo e cortar o belo futuro, que o espera e a que Você tem direito.” Cumpre-me, ao referir, com a maior exatidão estas palavras, acrescentar que o Tibúrcio, se mostrava amigo meu decidido, conservando, desde 1863 até à sua morte, comigo as mais estreitas e afetuosas relações.

Às 8 horas da noite, pude afinal descer do cavalo. Atirei-me em cima de um couro, o ligal de uma carga de cangalha e ferrei-me no sono. Acordaram-me o Reinaldo e o João Carlos, por volta de meia-noite, para comer um pouco de churrasco, o que fiz quase sem sentir o que mastigava e tornei logo a dormir, que o cansaço era demais.

Quando acordei no dia seguinte, uns raios oblíquos de sol me batiam no rosto. Vi então que bem perto de mim estavam estendidos não poucos cadáveres de paraguaios. Pouco importava; esses não me faziam mal algum.

Já então me servia como camarada o meu fiel soldado da tão penosa campanha de Mato Grosso, o Floriano Antônio Alves ou Floriano Antônio dos Santos, não me lembra bem mais qual o seu apelido de família. Vindo por água, com o batalhão 21, de Cuiabá, estava em Assunção, quando por lá passei. Procurou-me e entrou logo no meu serviço, dando-me um alegrão a sua presença, que me reportava sempre aos terríveis, mas assim mesmo saudosos tempos do Coxim, Morros, Miranda e Nioac. Era, aliás, excelente camarada, comodista decerto, mas sobremaneira entendido na sua especialidade e no lidar com animais de cangalhas, preparar um pouso, armar barracas, etc.

E o que era mais, estimava-me deveras do que me deu não poucas provas. Carregava a minha guaiaca¹ cheia de libras esterlinas e nunca me faltou uma única peça de ouro. Basta este simples fato, para deixar bem claro o grau de confiança, que me merecia.

1 Cinto de camurça ou couro macio em que se guarda dinheiro, junto a carne.

.....

XII

NO DIA 17 de agosto não se marchou. Nesse dia chegou a coluna de 7.000 homens, que ficara guarnecendo Piraiú na baixada da serra. Subira a cordilheira pela picada do Alto e tomara uma trincheira em que tivemos 62 mortos e feridos, sem dúvida pelo péssimo sistema de se atacarem esses obstáculos de frente e não os torneando, como se fizera na de Sapucaí com tamanho êxito e tão pequenas perdas.

Do Campo Grande partiam três estradas que se uniam em Caraguataí, o povoado mais próximo.

Determinou então o Conde d'Eu que o General Emílio Mitre, chegado na véspera com a sua gente argentina, tomasse pela direita, ao passo que o nosso 1º corpo do exército marcharia pela da esquerda, devendo o 2º, sob o mando do Marechal-de-campo Vitorino caminhar pela do centro, muito mais curta que as outras, depois de ter investido a bateria que lhe embargava o passo e que fechava a picada chamada de Caguijuru (boca da mata) e dela se apoderado, varrendo aquele empecilho.

O Príncipe e o seu estado-maior seguiram com o primeiro corpo do exército.

Era o caminho largo e dava extensa volta para o ocidente. Como o sol se tornasse incomodativo, depois de algum tempo de cansativa marcha por lugares encharcados, foi o Conde d'Eu descansar numa casinha

encostada a pitoresco outeiro, coberto de basto laranjal, lugar tão fresco e agradável, que nos estendemos pela relva, conversando animadamente sobre os fatos da véspera. Quanto a mim, tirei o talim, a que estavam suspensos a espada e o revolver em seu coldre, e o pus num gancho de árvore, para ficar mais folgado, podendo de ato tão simples ter provido a morte mais inglória e desconhecida. Depois de algum descanso, deu-se sinal de montar-se a cavalo, e partimos todos.

Caminhávamos quase meia légua, quando, de repente, o João Carlos me perguntou admirado:

“Taunay, que fim levou a sua espada?” Lembrei-me então que a havia deixado ficar no cabide natural em que a dependurara. “Não é que ficou no pouso em que estivemos descansando? respondi; mas vou buscá-la.” Quis ele acompanhar-me, ponderando que havia muito inimigo escondido pelos matos; mas, vendo eu numerosa gente nossa pela estrada, bagageiros e camaradas, recusei os seus bons ofícios, e a trote largo, voltei rédeas. Arrependi-me, mal entrei no campo, em que se erguia a tal casinha rodeada de frondoso laranjal. Só um ou outro tropeiro, só uma ou outra carreta vinha vindo. Tudo deserto, quase, na ardente cintilação do implacável sol.

Não havia recuar. Esporeei o animal e subi a encosta a galope. Ao dar a volta da choupana, esbarrei atônito. Deitados, como estivéramos a pouco, via não poucos paraguaios.

Passou-me pela mente a idéia da morte; mas felizmente não perdi o sangue-frio.

Com gesto imperativo, mostrando a espada, disse para um dos paraguaios em péssimo espanhol, mas sem tremer a voz: “Amigo, me dê usted aquilo”. E o homem levantou-se e executou, com sorriso até amável a ordem. Muchas gracias, agradei e, amarrando o talim à cintura, voltei costas com toda a serenidade.

E não querendo dar mostras de temor, descí a rampa devagar, embora fosse comigo mesmo dizendo “Estou perdido! Vão-me varar de balas” Só na várzea foi que pus o animal de novo a galope, e sempre a galope, alcancei o estado-maior do Príncipe.

Contei o episódio aos companheiros e nessa noite valeu-me ele descarga terrível de nervos. Acordando, de repente, comecei a tremer de

medo, sim positivamente de medo, retrospectivo e por tal modo que a minha camazinha de vento era violentamente sacudida.

No dia seguinte, apresentaram-se muitos oficiais e soldados paraguaios e um grupo deles, para fazer valer o sincero desejo de paz, contou que deixara escapar, sem mal algum, um oficial brasileiro a quem poderiam ter fuzilado sem que ninguém os pudesse acusar de semelhante execução.

Fora eu!

Nesse dia acampou-se num ponto de má aguada chamado Tubi-chati, tornando-se a estrada cada vez mais penosa pelos muitos atoleiros.

A 19 seguimos de manhã cedo e passando por trincheira abandonada de fresco, com perto de três léguas de marcha, formou-se acampamento no lugar chamado Alfonso.

Aí recebeu o Príncipe notícia de que o 2º corpo do exército destroçara radicalmente o inimigo fortificado em Caguijuru, tomando-lhe doze bocas-de-fogo, uma bandeira, muitas lanças e numeroso armamento. Morreram o Tenente-Coronel Vernal, o major-coronel e talvez mais cinquenta ou sessenta oficiais paraguaios, além de duzentas praças e quatrocentos prisioneiros. Dos 2.000 homens que guarneciam a picada, o resto debandou pelos matos e foi depois se apresentando.

Era evidente que Solano López pretendia não desistir da luta e havia de aproveitar todas as dificuldades naturais do seu tão mal conhecido Paraguai para prolongar quanto possível a luta de emboscadas e guerrilhas, levando as forças que poderiam ir em sua perseguição ao cansaço extremo. Caminhara para o norte seguido de uns restos do numeroso exército de outrora tão disciplinado ou antes cheio de fanatismo, que pusera com tanta confiança e ostentação em armas, afrontando a um tempo o Brasil e a República Argentina. Dos 70 ou 80.000 que congregara no princípio das operações e que dirigiu sempre com a maior inércia, força é convir, quantos homens lhe restavam na sua apressada fuga? Talvez nem sequer 1.500, mal armados e possuídos do mais absoluto desânimo, avassalados, porém, pelo terror ao jugo do ditador que se tornara cada vez mais pesado e cruel. Parece que Francisco Solano López vivia então em estado de contínua embriaguez, o que pode, até certo ponto, explicar os seus planos insensatos e desatinos não recuando diante de atrocidade alguma. Levava, aí, presas as duas irmãs e a própria mãe e tencionava entregá-las a um tribunal *ad hoc*,

com poderes para determinar até a pena de morte contra estas infelizes! Era voz geral, que a sua amasia, a célebre aventureira Mme. Lynch, mulher divorciada do sábio Quatrefages, concorria para tornar ainda mais temeroso e irritado o gênio do déspota; mas é de crer-se que, por fim, essa mesma mulher vivesse sob a ação de contínuo terror.

O certo é que a tática, aliás natural, de fugir sempre, buscando os lugares mais ínvios, punha o tirano fora do alcance das nossas armas, assumindo, desde então a campanha a feição de que o Duque de Caxias, depois das grandes vitórias do mês de dezembro de 1868, lhe dera, declarando que não queria para si o papel de capitão-do-mato, a andar pelas selvas e bosques a perseguir fugidos.

A 19 de agosto de 1869 entrou o Príncipe à frente das tropas brasileiras em Caraguataí, povoado onde estivera na véspera Francisco Solano López! Vê-se que por bem pouco, deixara de cair em nosso poder. Seguiu o tirano em direção do norte, Santani ou Santo Estanislao dos Hervais com uma força ainda de 4 a 5.000 homens e vinte e duas bocas-de-fogo. Ordenara o incêndio, no rio Iagui, dos vapores *Apá*, *Anhambaí*, *Guairá*, *Iporá*, *Paraná* e *Pirabebê*, ali encalhados, rebotalhos da brilhante esquadra fluvial que recebera o primeiro golpe mortal em Riachuelo, a 11 de junho de 1865. O General Câmara (Visconde de Pelotas) da margem daquela corrente, a que chegara às pressas assistiu a esse abrasamento e aí perdeu uma praça por causa da explosão de um dos vasos, que servia de depósito a muita pólvora e munições de guerra.

Em Caraguataí foi que começamos a sentir escassez de víveres. A parada havida na remessa de gêneros e forragens das províncias platinas para Assunção produzira danosas consequências e a fome foi se acentuando desde os dias de S. Joaquim até o ponto culminante que foi mais tarde o potrero Capivari.

.....

XIII

QUANDO cheguei a Assunção, fui hospedar-me no palacete do Conselheiro Silva Paranhos e lá partilhava do seu ótimo tratamento. Depois o General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, que se conservou sempre meu amigo sincero, chamara-me para a sua mesa. Ao nos separarmos no Taquaral, tive a preocupação diária do rancho que não é pequena em campanha até que se acerte com um camarada que entenda um pouco de lidar com panelas. Sofri e não pouco, já por não ter preparo algum para organizar o meu rancho, já por me haver tocado para camarada um legítimo palerma, madraço e avelhacado, quando não refinado tratante. Quantas saudades tive então do meu tão dedicado e engenhoso Floriano Alves, da expedição de Mato Grosso! Que falta dele senti naquela apertada conjuntura! Passei dias e semanas a comer peixe e carnes de conserva, compradas a bom preço no mercado. E no fim daquele tempo estava com o estômago a arrebentar. Foi quando o General João de Sousa da Fonseca Costa, depois barão e visconde da Penha, sabendo pelo seu ajudante-de-ordens Miranda dos meus singulares e, até certo ponto, engraçados apertos, veio ter comigo e fidalgamente instou para que eu me sentasse à sua mesa em Piraiú. Partido ele, achei-me novamente no ar até que fui resolutamente entender-me com o grupo rio-grandense dos ajudantes-de-campo do Príncipe, que, arranchava junto, capitães Reinaldo Soares Lousada e Manuel Luís da Rocha Osório e o irmão deste Tenente João Carlos da Rocha Osório, ambos os sobrinhos do popularíssimo general. Desde então me

vi livre de embaraços por esse lado, pois me cifrava de dar ao nosso rancheiro, o Manuel Luís, a minha cota mensal que variava entre 7 a 8 libras esterlinas e chegou, num período de melhores refeições a 12 libras, por termos excelente cozinheiro – um galé de Fernando de Noronha, assassino de muitas mortes. Quantas vezes, porem, não tive que tragar péssimos almoços, detestáveis jantares ou então estrambóticos petiscos rio-grandenses! Uma feita, o Reinaldo, em Curuguati, gabou-me em entusiásticos termos um prato excepcional, com que pretendia obsequiar-me. “Você verá *Tunay*; é de se lamber os dedos muitos dias. Vá afinando o apetite e cuidado com o *fuá*.” (Assim chamava ele o João Carlos, excelente rapaz, coração de ouro, mas todo arrebatado como um cavalo espantadiço, a que os rio-grandenses dão aquele apelido imitativo dos bufos que solta por qualquer causazinha de espanto.)

Esperei com certa impaciência a iguaria anunciada, mas qual o meu espanto vendo um dos nossos camaradas trazerem numa folha de Flandres uma cabeça inteira de boi assada com couro, cornos, olhos, dentes, língua, tudo perfeitamente *au naturel*!

A esses incidentes fiquei sujeito, além de achar-me em contínuo contato com os mais arrebatados gaúchos Manduca Cipriano, Amaral Ferrador, Hipólito, e muitos outros, que assiduamente nos freqüentavam o rancho. Verdade é que deles escutei histórias bem pitorescas, algumas muito engraçadas e características. De um deles, ouvi da própria boca a narração do seu encontro com um dos nossos generais. «Aí, contou-nos ele, o *generá* me perguntou: «Então, Sr. Coroné, o *sinhô* é casado?» «Sim, *sinhô*.» «E quantos *fios* têm?» (Nenhum, minha *muié* é como a de Vossa Excelência, é machorra.» «Que é machorra? perguntou ele, abrindo uns *oiões*.» Como ele não sabia fui-lhe ensinando: «Machorra é égua que não dá cria!» Foi esse mesmo que, de volta ao Rio de Janeiro onde fora com recomendações de um general, lhe dissera em entusiástico cumprimento: «Sim, senhor *marechá*, estive com a sua Sra. V. Exa. deve se *gabá*; está bem montado, pode *viajá* certo, nada de a *pe*!»

Da cidade de Caraguatá (poder-se-á chamar cidade aquelas duas praças cercadas de casas?) seguiu o Príncipe para a margem do rio Manduvirá a formar acampamento no forte Gonzales e depois no de Arecutacué feio e lodacento, aonde chegamos a 9 de setembro de 1869. Deste ponto foi ele embarcado no vapor *Guaicuru* de passeio a Assunção. Fui também e muito

apreciei aquela diversão que me fez bem ao espírito. Animei-me, com efeito, um tanto com as distrações que nos proporcionaram os festejos oficiais, uns populares, *sortijas* (jogo de argolinha) e corridas de cavalo, outros de melhor tom, tertúlias e bailes. O *Te Deum* na catedral, que é bem vasta foi abominavelmente cantado. Houve trechos engraçados de disparatados acordes e tremendas desafinações. Fiquei confortavelmente alojado no palácio ocupado pelo Paranhos, enquanto o Príncipe ia visitar todos os lugares do começo da campanha: Luque, Areguá, Taquaral e Piraiú. Daí foi ao acampamento de Ascurra e por aquela picada subiu a Cordilheira e alcançou Cãacupé percorrendo com vagar a área da batalha travada e ganha em Campo Grande (Nuguacu em guarani) e indo conferenciar com o Marechal Vitorino, acampado ainda em Caraguataí, à frente do 2º corpo do exército. No dia seguinte, 16 de setembro, estava de volta a Assunção às 7 horas da noite, completadas quarentas léguas de viagem redonda.

De Assunção voltou o Príncipe para Arecutacuá e, lá chegando, ordenou se mudasse o acampamento do 1º corpo do exército para a vila do Rosário, mais ao norte, fazendo dela base de operações para a invasão dos Hervais.

No Rosário tivemos a visita do conselheiro Silva Paranhos, cujos serviços no Paraguai foram imensos. Serviu de centro, para assim dizer, a todos os movimentos divergentes em procura de López. Depois daquela visita decidiu o comando-em-chefe deslocar o quartel-general para mais perto da zona setentrional que o ditador parecera ter escolhido para refúgio e internar-se, pelo menos, até Caraguataí. Com este objetivo saímos da vila de Rosário a 8 de outubro, levantando o corpo do exército acampamento pouco depois das 5 horas da manhã.

Já então tínhamos entre nós o general Osório, chegado de Assunção a 25 de setembro e com muito prazer abracei o prestimoso velho que me mostrava, já o disse, particular simpatia.

No dia 13 alcançamos Santo Estanislau, a que o povo chama por contração Santani ou também Santami, povoaçãozinha rodeada de colinas com um belo riacho de excelente água ao sopé. Aí nos recebeu como comandante do batalhão nº 9 de infantaria quem depois se tornou tão célebre na história do Brasil, o Floriano Vieira Peixoto, então tenente-coronel de artilharia.

A 13 em Santani, dizia eu; quatro dias depois no potreiro Capivari, o célebre acampamento em que vi renovadas as dolorosas cenas de miséria e fome, tão minhas conhecidas na expedição de Mato Grosso. Aí se carnearam, no dia 18, as últimas 23 rezas que restavam! E as notícias do 2º corpo do exército em S. Joaquim e Caraguataí eram ainda mais desoladoras! Foram dias para todos nós de terrível angústia. E que calor, que temperatura de fogo! Um banho demorado no arroio Cururu-coró, à entrada desse potreiro¹ Capivari, ia sendo causa de minha morte. Dele saí ardendo em febre, pois as águas rolavam sujas de barro e detritos de folhas mortas, engrossadas pelo aguaceiro da véspera. Habitual ou quase infalível dessa quadra de chuvas e enchentes. Chamado o Dr. Ribeiro de Almeida, que sempre foi bom camarada meu e dos mais hábeis médicos que tenho conhecido, receitou-me três gramas de sulfato de quinino em três papéis, receoso de uma perniciosa.

Só nos rodeavam, a todos, cenas bem cruéis, agravadas as coisas pelos roubos às barracas feitos por soldados, muitas vezes argentinos. Entretanto nesse acampamento não escasseavam castigos exemplares todos os dias e até fuzilamentos, cujos ecos sinistros ouvíamos.

Uma noite de belo luar, acordei de repente com a impressão de uma grande sombra estampada no pano da minha barraca, nada mais nada menos, um ladrão que a ela se chegara cautelosamente. Tudo quanto eu possuía era todas as tardes amarrado debaixo da minha cama de campanha armada nas canastras, já na previsão de algum assalto de gatuno, de maneira que me deixei ficar quieto, deitado como estava. Vi a sombra agachar-se e desaparecer. Era o patife que se cozia com o chão para enfiar o braço por entre as alças da barraca e, assim esticado, poder fazer um semi-círculo interno, procurando agarrar qualquer coisa, que lhe caísse debaixo da mão. A primeira tentativa foi baldada, pelas preocupações tomadas, em vista dos muitos furtos já havidos. A segunda já eu me achara armado de uma grossa régua de pau que, nem de propósito, pedira na véspera emprestada para riscar um mapa e ficara caída junto de uma das canastras. Assim levantando um pouco, o corpo, quando a mão do tal meliante tornou a passar por diante de mim, apliquei-lhe pancada tão violenta que ele soltou

¹ Assim se chamam pequenos descampados cercados mais ou menos regularmente de mato. Há alguns lindos.

um grande grito, acordando todo o nosso arranchamento. Imediatamente tiros, alarma, perseguição mas o homem correra como um gamo. Algum desgraçado impellido pelo desespero da fome!

Perto do nosso abarracamento ocorreu outra cena de latrocínio mas que essa terminou em tragédia sanguinolenta. Um dos ajudantes-de-campo do Marechal Osório, tenente da Guarda-Nacional do Rio Grande do Sul, Tito de Tal, moço de máscula beleza com ondeantes e bastas barbas negras, possuía um soberbo cavalo de que cuidava com estremecimento de verdadeiro amigo. Assustado com a matança que os soldados argentinos faziam alta noite nos animais para lhes cortarem a cabeça, que comiam com avidez, quase que não dormia mais, passando largas horas em assídua vigília. Uma madrugada, rompendo já o dia, supôs poder com segurança ir tomar algum repouso. Mal, porém, dormira uns quartos de hora, foi despertado por grande alarido junto à barraca. Cercado de gente, sem mais a cabeça! O pobre do Tito ficou como doido e não descançou enquanto o General Osório não foi ao acampamento argentino exigir castigo de exemplar severidade para com os criminosos. Averiguadas rapidamente as coisas, o chefe argentino mandou formar um dos seus batalhões e declarou que o ia quintar, caso não fossem denunciados os culpados. O primeiro número cinco sobre que caiu a sorte, vendo iminente a morte, deu-se pressa em apontá-los. Eram dois pobres coitados, que incontînti, foram fuzilados sem mais processo! Parecia em regra vingado o Tenente Tito; mas não parou aí o tremendo holocausto a tão chorado quadrúpede. Nessa mesma noite, suicidou-se o inconsolável dono, fazendo saltar os miolos com um tiro de revólver!

LONGA, bem longa foi a nossa parada no potreiro Capivari, pois bastante tempo decorreu até que se regularizasse o serviço do fornecimento. Afinal, sucedeu a fartura à fome e o Conde d'Eu pôde ordenar a prosecução da marcha para diante, muito embora as notícias sobre os movimentos de Solano López, em fuga, o descem cada vez mais longe, para as bandas do Norte, perto da fronteira do Brasil. Corria até que pretendia tomar rumo da Bolívia, transpondo em qualquer ponto, o grande rio Paraguai.

Só no dia 2 de dezembro foi que levantamos acampamento mettendo-nos de novo em picadas abertas em mataria elevada, em que é positivamente intolerável a quantidade de moscas, mutucas e outros insetos sugadores do sangue dos animais de carga e tiro. Quanto me afligia ver à beira dessas sombrosas e humildes estradas pobres burros e bestas caídos por terra, exaustos de forças e condenados à morte, cobertos de uma nuvem daqueles terríveis inimigos, cujas ferroadas tanto os deviam fazer sofrer, agravando-lhes a agonia.

Outra praga sobremaneira os perseguia e essa bem singular nos efeitos desastrosos. Provinha de umas lindíssimas borboletas, as chamadas 88, por parecerem ter esse número escrito na parte externa das asas rajadas de caprichosos desenhos preto-branco. Não se imagina porém o mundo daqueles gentis lepidópteros, na aparência bem inocentes, mas de fato em extremo perniciosos, em toda aquela parte do Paraguai. Amontoavam-se nos cantos dos olhos e nas ventas dos animais, buscando qualquer umidade

corpórea e em breve provocavam tal irritação nos pontos em que pousavam teimosas, que não tardavam a produzir abundante corrimento, a princípio de aguadilha e logo após copiosíssimo pus!

Um horror!

Que desespero das nossas desventuradas cavalgaduras para se defenderem das hostes imensas, flageladoras e sempre mais e mais engrosadas e ferozes dos minúsculos inimigos! Que contínuo e fadigoso dar de cabeça! Impossibilitadas de pastar, emagreciam à vista de olhos e com pouco ficavam de todo cegas! Uma vez no chão, cercadas de milhares de assaltantes, cada órbita tornava-se medonha e nojenta fonte de purulentos rios, que atraíam ainda mais porção das tão terríveis borboletas. Teríamos, com certeza, perdido todos os nossos animais de montaria e carga, se não se houvesse tomado adequada providência, munindo-os de uma testeira de palha de milho cortada em fios, finos, que lhes servia de anteparo aos olhos, sem impedir a vista. Aliás, dentro em breve, desapareceu essa medonha praga particular só a certa e limitada época do ano.

Às cinco e meia da madrugada de 12, era um domingo, deu-se o sinal de marcha, sob uma atmosfera carregada que anunciava próximo temporal. E realmente não tardou a cair copiosíssima chuva que durou mais de cinco horas. Tornou-se a picada de Pacová muito má, sulcada de regos onde a água corria nas declividades pronunciadas do terreno.

Fora ela praticada através de esplêndida floresta que atravessamos creio que por mais de duas léguas. Atingimos depois aprazível campo banhado pelo ribeirão Corumbataí onde encontramos uma ponte que os paraguaios na precipitação da retirada haviam poupado.

Transposto este curso d'água os terrenos vão sendo altos, cobertos de matas mais ou menos seguidas, até Curuguati. Vencêramos umas vinte e oito e vinte nove léguas do Rosário até lá, Curuguati foi tomado, pouco tempo antes, pelo Coronel Fidélis, que lá matou, sem encontrar quase resistência, não pouca gente, conforme corria à boca pequena. Aliás, acabou também mal, agarrado num dos contínuos movimentos sediciosos do Estado Oriental em 1871 ou 1872, estaqueado e morto após prolongado martírio. Tinha, por certo, que pagar culpas praticadas no Paraguai, em relação às tendências sanguinárias de toda aquela gente meio brasileira, meio espanhola e que vivia e vive à espreita

de qualquer pendência armada para poder satisfazê-las na indústria da guerra de surpresas e emboscadas.

Que bonita aquela povoaçãozinha de Curuguati, tão sem pretensão e agreste, já bem no fundo do Paraguai! Que lindo gramado, fino, denso, a revestir o dorso da colina em que se ergue!

“A situação da vila de Curuguati, diz o *Diário do Exército*, também chamada Santo Isidro Labrador, é muito pitoresca, pois assenta em um como que planalto tapetado de verdejante e finíssima relva, cujo aspecto descampado e alegre contrasta agradavelmente com as sombrias matas que cobrem toda aquela zona. Nas quebradas das serras serpeia um ribeirão correntoso e por todos os lados brotam rebentões de lindíssima água. O pasto para os animais é, além disso, excelente. Há várias casas vastas, cobertas de telha e rebocadas. Uma delas traz à porta as armas da república, contendo uma grande sala onde outrora se davam bailes e cujas paredes mostravam ainda visivelmente inscrições em honra e louvor a López. A igreja matriz é espaçosa, construída com grande solidez e obra dos jesuítas. Como sempre, as imagens de santos são grosseiríssimas, trabalhos primitivos, e sem arte, de artistas do país, completamente bisonhos ridiculamente ingênuos nos seus ensaios de escultura.”

Tinha Curuguati elemento primordial de agrado para mim, a bondade da água, o que sempre apreciei em extremo, sendo grande *buveur d'eau*.

Às 11 da manhã ali chegava o Príncipe. Encarregara-se o bravo Tenente-Coronel rio-grandense Antônio José de Moura da tarefa de recolher os infelizes *destinados* de López, então a vaguear pelas matas, tendo como guias os caiuás.

Achavam-se à margem inóspita do Iguatemi, numa espécie de campo de concentração denominado do Espadim. Numerosos eram esses desventurados. No dia 14 de dezembro vimos chegar ao nosso acampamento oitenta e tantas mulheres e crianças, escapas ao terrível desterro.

Entre elas, gente das melhores famílias do Paraguai! As senhoras Céspedes, Ordapilleta, Bedoya, Arambúru, Gil e Dávalos, todas elas vestidas de modo a demonstrar a antiga situação social de que as arrancara a implacável fatalidade, pelo órgão da obstinação selvática do monstruoso ditador.

Ainda conservavam, algumas destas míseras, jóias, por vezes de valor, últimos vestígios de uma opulência desaparecida às mãos de López. Os caiuás revelando conhecerem o valor dos adereços e adornos haviam mostrado a maior avidez em lhos arrebatam. Por preços inauditos vendiam-lhes os mais singulares alimentos: sapos e rãs, por dois e três patacões, cãezinhos a cinqüenta e afinal burros magros e feridos a mil! Para as guiarem ao nosso acampamento tinham-lhes exigido quantias avultadas. Entre estes destinados vimos infelizes brasileiros, uma família rio-grandense de S. Borja, por nome Soares, um rapazinho e um molecote aprisionados em Corumbá.

Foram as pobres paraguaias tratadas por nós com grande humanidade; deu-se-lhes carne, ordenando o Príncipe que as acomodassem numa casa. Algumas estavam a morrer de fraqueza; socorremo-las com caldos de extrato de carne e bolachas.

Por quanta miséria tinham passado tantas pessoas, outrora habituadas à mais farta vida, se não mesmo à opulência! Que ano lhes deparara este milésimo de 1869! Dolorosíssima experiência para as pobres vítimas da tirania daquele a quem chamavam El Supremo e a quem outrora haviam dado as mais extraordinárias demonstrações de adulação entusiastas certamente sinceras, na sua coação, aliás, patriótica, de todas as medidas do sanguinário ditador.

Reinava no Espadim indescritível miséria de que morrera muita gente e muita estava a morrer. O que lá havia em matéria de víveres, dizia-se, eram poucas laranjas azedas.

Procurava o Tenente-Coronel Moura com afincos salvar entre estas desgraçadas uma irmã com duas filhas. Era uma brasileira que se casara com certo português, estabelecido em Vila Rica, desde o tempo de Carlos López. Morrera-lhe o marido e tivera de abandonar a sua morada por ordem do ditador, sendo após longas marchas atirada no degredo de Ihú e afinal no de Iguatemi.

Poucos dias mais tarde soubemos de um ajudante-de-ordens do General Resquin, que viera entregar-se, quanto era terrível a miséria no exército de López. Havia uma rês para 600 praças!

Entre nós reinava novamente grande fartura de carne verde fazendo-se a distribuição de rações com toda a regularidade.

Em fins de dezembro continuávamos em Curuguati, tendo partido o Coronel Moura com uma força de cavalaria para atingir o tão falado passo Espadim no Iguatemi onde se dizia estarem centenas de destinados entre os quais sua gente.

Pouco depois voltava o bravo oficial. Achara mais de mil mulheres e crianças no estado da mais absoluta miséria. Tivera a infelicidade de não mais encontrar a irmã; falecida, após atrozes sofrimentos, alguns dias antes. Salvara contudo as duas sobrinhas, já mocinhas.

A 29 de dezembro entrava no nosso acampamento a sinistra coluna dos escapos aos horrores do Espadim, nada menos de 350 destinados, termo singular com que se designavam as pessoas sentenciadas por López a degredo perpétuo e conseqüente execução por causa dos supostos crimes de seus parentes, já fuzilados.

Assim se exprime o *Diário do Exército* a respeito do lúgubre episódio:

“O espetáculo que oferecia a singular procissão dessas mulheres que haviam resistido às mais apuradas necessidades e que enfim atingiam o dia ardentemente desejado de sua libertação, era comovente e ao mesmo tempo altamente curioso. Aí se viam representantes de nomes familiares em todas as peças oficiais do Paraguai e conseguintemente sobremaneira bajulatórias a López e ofensivas ao Brasil, caminhando a pé, quase nuas, carregando na cabeça o que havia a custo escapado do naufrágio de suas fortunas. A mãe do bispo Palacios com sua filha Carmelita, célebre pelos seus desmandos nos saques das povoações de Mato Grosso, as senhoras Decoud, Haedo, Aquino, Bedoya, Barrios, irmã do general, a mulher do infeliz cônsul português Leite Pereira, a francesa Duprat com sua filha Mme. Lasserre, muitas mulheres escravas e criadas, crianças, etc., foram se apresentar à Sua Alteza, que ordenou distribuição de alimentos e fê-las acomodar, umas em casas, outras ao redor da igreja no vasto alpendre que a circunda.”

Daí em diante diariamente apareciam-nos dezenas e dezenas de míseros destinados.

Era mau o estado sanitário das localidades em torno de Curuguati, talvez devido ao número extraordinário de cadáveres que pejavam os caminhos, desde Panadero até Itamarán. Numerosas praças e oficiais recolheram-se aos nossos hospitais.

Arrojada e penosa fora a tarefa do valente Moura: precisava vencer as dificuldades da subida da serra de Maracaju para atingir o chapadão, onde corre o Iguatemi. Durante mais de uma légua lutara com os obstáculos da mata entrançada e afinal, logo atingido o planalto, encontrara pobres mulheres semimortas de fome, estacadas baldas de forças. Fugiam aos horrores de Espadim e havia seis dias que tinham conseguido escapar à vigilância dos algozes.

Prosseguindo na sua marcha entrou Moura na estrada do Panadero onde horrível espetáculo se lhe deparou: nele jaziam cadáveres numerosos de mulheres, homens, crianças e velhos que dias antes haviam sido degolados.

Alta noite atingiram os nossos, três miseráveis ranchos onde, em torno de fogueiras, se acocoravam famílias, mulheres e crianças. O abalo sofrido por tão experimentada gente foi imenso, algumas mulheres desatavam em ruidoso pranto, fugiam outras espavoridas e como desnordeadas; a maioria aclamava, abraçava os libertadores.

Já era madrugada quando afinal puderam os brasileiros chegar ao lóbrego local em que já haviam perecido centenas de infelizes, depois de indescritível martírio.

A notícia da próxima chegada dos nossos, já circulara, trazida por um índio caiuí, mas as desgraçadas mulheres, afeitas a tanta desventura sem um raio de esperança em melhores dias, acreditaram mais num embuste para melhor perdê-las, como tanto estava nas praxes de López. E disto se convenceram vendo à boca da noite chegarem dois espíões, seus compatriotas.

À uma hora da madrugada atingiram o Espadim duas das mulheres salvas pelos nossos que às companheiras vinham trazer a boa nova da avançada brasileira. Desvairadas puseram-se a gritar, anunciando o grande fato. Presas, iam ser degoladas quando na palhoça, onde sofriam tratos, entraram subitamente os nossos que incontínenti mataram os espíões.

A alegria que demonstraram as destinadas foi indescritível. Mulheres, com fachos acesos, corriam de um lado para outro dando gritos descompassados; muitas caíram em delíquio; outras expiraram de emoção e por todos os pontos erguiam-se preces e cânticos de grupos que, ajoelhados, agradeciam a Deus a sua providencial salvação.

Mil e duzentas eram estas desventuradas! Grande trabalho teve o Coronel Moura em lhes encaminhar a caravana. Tal a precipitação em fugir aqueles horríveis lugares que ao transporem o Espadim, atropeladamente, numa ponte improvisada, várias se afogaram nas águas correntosas deste rio.

Dividida em diversos grupos, pôs-se a caminhar aquela teoria esquálida de humanos fantasmas. De fraqueza e desânimo deixou-se metade estendida pelas longas léguas a vencer até atingir as nossas linhas.

Entre as libertas estava a mãe do bispo Palácios, fuzilado como se sabe pelo tresvariado amo a quem sempre dedicara a mais subserviente e indecorosa sujeição.

A 7 de janeiro de 1870 voltava o Conde d'Eu à Vila do Rosário cuja situação lhe parecia – e o era – mais propícia ao aceleração e terminação das operações da guerra. Ao romper d'alva deixamos Curugati.

Penosa marcha sob céu límpido e um sol terrível, em que homens e animais arfavam. Caminhamos talvez seis léguas e passamos a noite à boca da picada de Pacová num péssimo pouso. Ali ficamos um dia, dia de pavoroso calor, terminado por violentíssimo temporal à tarde. A 9 transpusemos mais cinco e meia léguas sob fortíssimas e repetidas bátegas de chuva por vezes diluvial! E, a 10, percorridas outras cinco léguas, fomos descansar em Santani. Deixando Santani passamos por Itacurabi onde se achava destacado o Floriano Peixoto. Afinal a 13 pelas 8h30min da manhã atingíamos a vila do Rosário onde nos esperava o Marechal Vitorino rodeado de numeroso estado-maior.

Grande era a animação na vila. Construía-se muitas palhoças, algumas bem-feitas e espaçosas. Eram as ruas alinhadas e nelas se notavam muitos barracões de ativo comércio. Visitou-nos o acampamento a 16 o Visconde do Rio Branco acompanhado do chefe de divisão Lomba, e esta visita serviu de pretexto para que se fizesse um grande grupo fotográfico em que figuram o Conde d'Eu, ele, Paranhos, eu, Salgado (Barão de Corumbá), Ribeiro de Almeida, etc. Nesta época coube-nos contestar um ofício do Visconde do Rio Branco que capeava outro do ministro dos Negócios Estrangeiros, motivado por uma nota dirigida pelo ministro francês, em que se pediam informações sobre a sorte de numerosos súditos franceses como os Anglade (pai e filho), Marc Penabert, Narcisse Lasserre, Cyprien

Duprat e seu filho Aristides, etc. Ao acampamento do Rosário haviam vindo ter Madame Duprat e sua filha Madame Lasserre, viúvas, a primeira de Cyprien Duprat, a segunda de Narcisse Lasserre, ambas resgatadas do desterro de Espadim, para lá da serra de Maracaju.

Madame Lasserre, moça de vinte e cinco anos, restabelecera-se de seus padecimentos. A mãe, porém, apesar de grande robustez de constituição; sofria das moléstias oriundas das privações e trabalhos a que fora sujeita.

Informavam elas que os franceses, acima nomeados, haviam sido, como os mais estrangeiros, incluídos por López na imaginária conspiração de cuja existência todos naturalmente ignoravam e que não era mais do que um pretexto para as execuções que se fizeram em S. Fernando e Lomas Valentinas. Narcisse Lasserre preso a 6 de julho de 1868, Leopoldo Anglade na noite de 13, Cypriano Duprat e Marcos Penabert a 14, Aristides Duprat a 16, haviam sido fuzilados nos dias 9, 22, 3, 23 de agosto daquele ano.

Essas declarações confirmou-as o Diário do General Resquin publicado na obra – *Papeles del tirano del Paraguay* – impressa por ordem do governo argentino sobre documentos apanhados em Lomas Valentinas no assalto de 27 de dezembro de 1868.

Mme. Lasserre, como se sabe, escreveu uma interessantíssima notícia de todos os seus sofrimentos durante a guerra, e com energia de estilo que merece especial menção, deu preciosas informações sobre muitos pontos da sangrenta história do Governo de López e sobre o procedimento ignominioso de vários representantes de nações estrangeiras.

Ao nosso Governo remeteu o Príncipe cópia da exposição que esta senhora fez não só das crueldades de que foi, em companhia de seus compatriotas, vítima por parte de López, como das relações que com aquele tirano e Mme. Lynch teve o cônsul francês Sr. de Cuverville, tornando-se esse documento digno de toda a publicidade não só pelo interesse que inspira como pela elucidação de muitos fatos importantes, como seja, por exemplo, o de haverem sido, em dezembro de 1868, as casas de Assunção saqueadas por ordem de López, cujos agentes se serviam de chaves falsas ou arrombavam as fechaduras.

De todos os lados nos chegavam notícias e pormenores do descalbro do lopismo.

Abandonara o tirano o Panadero, onde segundo os passados fora o número de execuções enorme, daí sobrevindo perigosa epidemia devida aos cadáveres insepultos.

Diziam os desertores que naquele lugar se via muita gente morta a formar grupos horrorosos com as lanças ainda fincadas nos corpos. Soubemos que não havia muito fizera o ditador morrer à míngua o seu irmão Venâncio após o haver mandado surrar do modo mais cruel.

O General Câmara e Joca Tavares (mais tarde Barão de Itaqui) iam vencendo todas as resistências. Pelotas operava em torno de Concepción, não só vigiando a fronteira mato-grossense como procurando impedir a passagem de López para a margem direita do Paraguai.

CHEGAVAM-NOS continuamente notícias da situação cada vez mais angustiada em que as nossas colunas punham os últimos destroços do exército de López.

Tivemos a visita de Frei Fidélis agora nomeado pelo Internúncio Apostólico enviado por Pio IX ao Brasil, vigário forâneo da diocese da República. Deixáramos o bom missionário em Curuguati e com prazer acolhemos todos a notícia da distinção conferida pelo Papa ao virtuoso e incansável capelão.

Não era Frei Fidélis homem instruído como geralmente sucede aos padres de sua Ordem, recrutados quase sempre para pregar às massas populares, mas tinha grande coragem e sangue-frio e era eminentemente caridoso e abnegado. Digno de grande respeito distinguia-se pelo seu espírito cristão e sacerdotal quer no campo de ação, quer na prática da dedicação hospitalar. E como ele se apontavam diversos...

Quanto haveria a contar dos capelães militares na campanha? Quanta historieta, quanta anedota gaiata, brejeira, inventada no lazer dos acampamentos e apimentada pela intromissão da presença destes bons eclesiásticos!

Uma das que mais me fez rir foi a que ouvi do Catão Roxo, logo que cheguei ao Paraguai, e rir, sobretudo, porque conhecia perfeitamente os personagens a que dia se referia, entre os quais um capelão muito colérico,

arrebatado e soldadescamente “desbocado”. Com ele embirrava muito o X..., indivíduo, aliás, antipático como raros implicante, escarninho, malévolo, fútil e segundo muitos, perigosamente intrigante. Poucas pessoas conheceu, de tão desagradável contacto como este oficial, a quem, aliás, todos nós consagrávamos a mais acentuada ojeriza. E a mais justificada[...] força é convir.

Vamos, porém, ao caso do nosso capelão... Pregava ele certo domingo um daqueles sermões “eloqüentes” cuja autoria com certeza gostosamente subscreveria o famoso Cônego Filipe, porque estava dentro dos moldes do seu estilo sacro-oratório.

Para maior gáudio dos rapazes que piscavam os olhos uns para os outros, começara o bom do frei... o seu sermão por legítima bernardice: “Reinava em França Dom Manuel III...”

Finda a missa, incorporara-se o padre a uma grande roda pondo-se a discutir sobre a homilia edificante e, sobretudo, rigorosamente histórica que acabava de proferir, quando apareceu o tal oficial implicante que, aliás, vivia a atormentá-lo com os seus contínuos remoques insolentes. “Padre, como é isto? Se em França nunca houve D. Manuel I, como que o senhor descobriu este D. Manuel III?”

Apesar de já a ira lhe subir às faces, mal disposto como estava pelas contínuas provocações e grosserias do interpelador, ainda contemporizou o frade: “Ora esta! Pouco importa a questão do nome do rei, o que vale é a filosofia, a essência do caso: Se não era D. Manuel, seria D. Antônio ou D. José...”

– Também nunca os houve em França, redargüiu ainda, num tom melífluo e perverso, o pouco amável reparador.

Aí perdeu o bom do capelão as estribeiras e dando largas ao insopitável carácter respondeu-lhe com uma veemência de palavras cujos termos soldadescos preciso parafrasear: “– Olhe, quer saber de uma coisa? Se não era D. Manuel, D. Antônio ou D. José seria ou D. vá... plantar batatas ou D. vá para o diabo que o carregue!”

Contava o catão que o enérgico encerramento do incidente tal explosão de gargalhadas, e demonstrações de aplauso, ao valente clérigo trouxera que o chasqueador aturdido, se retirara desnortado e confundido. Boa lição!

Quando, creio que em 1890, li pela primeira vez o *Coronel Rommolt* de Charles Leroy, impagável charge contra o oficial de tarimba, do

velho soldado que ao assentar praça “encontrava na mochila o bastão de Marechal de França” como dizia a expressão tão antiga quanto popular no exército francês, acudiram-me logo à memória as histórias dos vários Ramollots a quem conheci em campanha, quer em Mato Grosso, quer no Paraguai, mas sobretudo aí.

Quantos desses nossos velhos *grogards* mal sabiam ler e escrever e quanta calinada desferiam a todo o propósito... Quanto também nós outros, da *rapaziada da escola*, vivíamos a repetir... e a inventar... inocentes pilhérias postas “no lombo” dos veneráveis soldados da Independência e dos veteranos do Prata?

A principal vítima das gaiatices do Exército era, creio, um velho brigadeiro, tão conhecido pela sua bravura como pela ignorância.

Dele se contava que ditando ao secretário a parte relativa a um combate dissera: “Não se esqueça de escrever que o inimigo fugiu tomado de um terror *pândego!*”

Outra vez, como voltasse de longo e penoso reconhecimento, exclamava a cada momento: “Ah! estou estrompado: tenho os pés *intransitáveis.*”

A conversa deste brigadeiro era uma série de contínuas batata-das, como se dizia então no Exército, embora não fosse absolutamente um toleirão.

De uma china, formosa rapariga por quem certo oficial rio-grandense fazia grandes sacrifícios, referia ele: “Aquela chinota sustenta um luxo asinático.” “Asiático”, queria exprimir o bom do homem. Casa *aritméticamente* fechada, casa de *genealogias* verdes eram cousas que lhe atribuíam entre muitas e muitas outras calinadas de alto viso.

Por exemplo relatavam que uma vez fizera com ar pesaroso a seguinte observação, ao contemplar enormes rolos de fio telegráfico, deixados numa estação pelos paraguaios: “Que pena não nos poder servir tudo isto?” “– Mas, por quê, General?” “– Ora e que palerma! não passariam senão palavras em guarani!”

Dele, ou de outro, se relatava ainda que um dia de forte trovoadada fizera uma ordenança varrer às pressas o assoalho da sala juncado de pontas de cigarro. E como indagassem os presentes, surpresos da necessidade de tal medida, redargüira vivamente: “Então os senhores não conhecem o poder das pontas em eletricidade?! Com efeito!”

LIVRE como se achava o curso do Paraguai determinara o Conde d'Eu que o Coronel Hermes, com uma brigada, ocupasse Corumbá, fizesse vigiar por patrulhas volantes, espias e índios cadiueus ambas as margens do grande rio, guardar as embocaduras do Miranda e do Taquari e por meio de cruzeiros observar a margem esquerda do Paraguai, desde a confluência do Miranda até o Apa, em cujas cabeceiras se dizia encontrar então o apossado ditador. Devia aliás o Hermes em tudo ouvir o presidente de Mato Grosso que então era pela terceira vez, creio, o ilustre e benemérito Augusto Leverger, Barão de Melgaço, cujos conhecimentos topográficos da província tão notáveis eram.

Dentre os depoimentos interessantes então pelo quartel-general recolhidos figura o do Alferes de Marinha Angel Benites. Era um moço de aspecto vivaz e inteligente falando com desembaraço e abundância de palavras, e, mostrando-se perfeitamente a par de todas as circunstâncias relativas aos recursos de que ainda dispunha o tirano. Com ele desertaram um Capitão Ramon Vera e um outro, este ajudante-de-ordens de López, Elias Luján.

Com vivas cores pintavam a progressiva dissolução das forças do tirano confirmando as crueldades já sabidas às quais se adicionavam outras, cada vez mais estupidas.

Fora Benites empregado do comissariado do Exército e relatou que, achando-se López em Itanarán, ordenara um balanço em todas

as carretas de dinheiro; ainda dispunha de 10.000 patações de prata e algumas centenas de onças sem contar grande soma em papel-moeda, que afinal abandonou, sendo o ouro e a prata, daí em diante, levados em cargueiros.

Relatou-nos o alferes paraguaio que assistira em Ascurra à entrega de 28.000 patações em prata e 600 onças de ouro, feita pelo ministro Camiños ao plenipotenciário norte-americano, Mac Mahon, então em vésperas de se retirar do Paraguai, onde agira do modo menos diplomático, quase provocando sua atitude inconveniente a ação do nosso Ministério de Estrangeiros junto ao Governo do General Grant.

Informou ainda que mais 20.000 patações haviam sido enviados, por ordem de López, a um tal Gregorio Benítez em França. Eram migalhas que, por meio de amigos, ia o tirano acautelando na Europa no caso de se ver compelido a abandonar o governo da infeliz e heróica nação que aniquilara. Em Ascurra, ao começar a campanha da Cordilheira, contava o Alferes Benites, ainda o acompanhavam uns doze ou quatorze mil homens, sem contar as forças do Norte. Em Panadero, após Peribebeu e Campo Grande mal dispunha de uns três mil e oito bocas-de-fogo.

Onde quer que passasse fazia López os seus infelizes súditos trocar o seu numerário de prata pela moeda que emitira, verdadeiro papel sujo.

Assim, segundo conta Thompson, creio, fizera a Lynch com as belas libras de ouro encontradas nas algibeiras dos nossos e dos argentinos, mortos no desastre de Curupaiti, pelos soldados do seu feroz amasio.

Continuávamos no Rosário, chegando notícias do acossamento contínuo, e cada vez mais cerrado, que as diversas colunas do General Câmara faziam ao déspota.

A 22, dia do meu aniversário natalício, falecia nos meus braços, como aliás o relatei, o bom, o excelente Reinaldo Soares Lousada de quem sempre guardei a mais grata memória. Belo coração, belo caráter!

López acossado junto ao Apa, em Cerro Corá, tinha perto de si na Bela Vista e na Laguna, exatamente no lugar de onde começara a nossa retirada de 1867 as forças do General Câmara.

No dia 4 de março embarcamos pela manhã, no vapor *Conde d'Eu* com destino à villa de Concepción, que o Príncipe desejava visitar.

Pouco depois de meio-dia chegou-nos a notícia inesperada e sensacional da morte de López! Estava acabada a terrível campanha de cinco anos!

No *Diário do Exército* assim se noticiou o grande acontecimento:

«Navegava o vapor rio acima, quando, às 12 horas e meia do dia, passou pelo vapor de fornecimento *Davison* que vinha descendo com bandeira americana à popa e brasileira à proa, e que apitou, virou de bordo e marchou nas águas do *Conde d'Eu*, denunciando ser portador de grandes notícias. Na realidade de bordo dele saltou o Capitão de Cavalaria Pedro Rodrigues que foi recebido entre gritos e vivas, por isso que haviam todos compreendido, e logo sabido, que a guerra se achava terminada por ter sido López alcançado e morto, fato que achou sua confirmação no ofício do General Câmara lido por Sua Alteza, em voz comovida, entre frenéticas ovações.

“Este ofício, escrito às pressas, a lápis, e dirigido com data de 1º do corrente ao Marechal Vitorino, anunciava que, debaixo das vistas do mesmo general Câmara, acabara de sucumbir o tirano do Paraguai o qual, intimado várias vezes, recusou entregar-se. O general Resquin fora feito prisioneiro.

“Depois das primeiras explosões de contentamento, Sua Alteza, respondendo aos brindes que num *luncheon* improvisado foram feitos à Sua Majestade o Imperador e à sua pessoa, ergueu um viva, estrondosamente acompanhado, em honra do General Câmara.

“No *Davison* o intendente Deschamps desceu a fim de ir a Assunção pôr imediato termo a todos os contratos de cavalos e mulas e o Conde d'Eu seguiu à uma hora e meia rio acima, chegando às seis horas da tarde à barranca da Conceição.

“Sua Alteza, ao som das salvas e vivas partidos da canhoeira *Merarim* ali ancorada, saltou em terra sendo recebido pelo Coronel Antônio Augusto de Barros Vasconcelos que o esperava rodeado de toda a oficialidade e de grande quantidade de povo, cuja alegria era manifesta.»

Causou-nos o aspecto de Concepción muito boa impressão. Bonita a vila, bastante espaçosa, regularmente construída em um campo perfeitamente plano. Cortavam-se suas ruas em ângulo reto e várias casas havia com boas e elegantes fachadas.

Pareciam aqueles paraguaios sinceramente satisfeitos com a morte do tirano que lhes arruinara a pátria e por quem, na mal entendida

dedicação, cegueira patriótica invencível sentimento de obediência se tinham deixado ferreamente governar e levar à morte. À noite reuniram-se as melhores famílias da vila e organizou-se um baile a que assistiu o Conde d'Eu. Continuaram no dia seguinte as demonstrações de alegria. Iluminou-se toda a cidade e o chefe político capitão Caríssimo, inimigo figadal de López que lhe mandara degolar a família, ofereceu-nos, a nós do estado-maior do Príncipe, um baile onde muito se dançou.

No domingo 6 regressamos ao Rosário; a nossa chegada na vila provocou verdadeiro delírio na oficialidade e soldadesca, havendo iluminação geral no acampamento e passeata dos batalhões com músicas à frente.

Insípidos correram o resto do mês de março e a primeira quinzena de abril. A 16 embarcávamos em Assunção no *Galgo*, com destino ao Rio de Janeiro. A 20 estávamos em Buenos Aires onde ocorreu ridículo incidente com um dos nossos companheiros de bordo. Quis saltar com um de nós: esquivação geral. Foi caso engraçado, pois o homem levou formidável trote dos garotos. Ia de dignitária da Rosa a tiracolo, espada à cinta, e guarda-chuva na mão!

A 23 estávamos em Montevideu onde se deu curiosa cena. Foi a bordo uma comissão de senhoras pedir ao Príncipe para que interviesse a favor dos prisioneiros políticos, há muito detidos, alguns. Deu-se uma entrevista do Conde d'Eu com o Presidente Battle mas nada se conseguiu.

Verifiquei quanto haviam os progressos de Montevideu sido grandes. Fomos hospedados pelo capitalista Cândido Gomes personagem simpático e um tanto original. Deu-nos animado e engraçado almoço.

A 29 ancorávamos no Rio de Janeiro.

.....

Apêndice

O príncipe Dom Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, Grã-Cruz de todas as Ordens Brasileiras, Marechal do Exército, efetivo, etc. etc.¹

ATESTO, por me ser pedido que, tendo eu sido nomeado por Decreto Imperial de 22 de março de 1869, comandante-em-chefe de todas as Forças Brasileiras em Operações contra o Governo do Paraguai, o Sr. Capitão da arma de Artilharia, Bacharel Alfredo d'Escragnolle Taunay foi por mim requisitado ao Ministério da Guerra para servir no Exército de Operações; em virtude desta requisição embarcou nesta Corte em minha companhia no 30 do mesmo mês e ano, chegou no porto de Assunção a 14, e ao acampamento do exército em Luque a 16 tudo de abril do referido ano; foi em seguida nomeado membro da comissão de engenheiros e por mim especialmente incumbido da organização do *Diário do Exército*; nesta qualidade acompanhou o Quartel-General na marcha que se empreendeu de Luque a 22 de Maio, com destino a Piraiú; comigo assistiu aos diferentes reconhecimentos que se dirigiram contra as posições inimigas de Ascurra, Cerro Leão e Cabañas, marchou a 3 de agosto no movimento destinado a contornar a cordilheira de Ibitirapé, tomou parte no assalto de Peribebugá a 12 e à batalha de Campo Grande a 16, tudo no mesmo mês; nestas duas

1 Todo o documento é do próprio punho do atestante.

ações se conservou a maior parte do tempo a meu lado, ao alcance dos tiros inimigos e às vezes adiantou-se mais, para ir aos lugares onde se achava travada a peleja, portando-se em tudo com a bravura própria dum oficial brioso: no dia 18 continuou comigo a marchar para Caraguataí e de aí a 3 de setembro para o Passo do Manduvirá; a 9 embarcou para Arecutaguá, a 14 para a Assunção, regressou para Arecutaguá e de aí seguiu embarcado para a Vila do Rosário; marchou deste ponto a 8 de outubro para o Potreiro Capivari e daí a 2 de dezembro para Curuguati; a 7 de janeiro regressou desta vila para a do Rosário; acompanhou-me igualmente em duas viagens que deste último ponto fiz para a Conceição; tendo-se retirado para o Brasil o Capitão Bacharel Jerônimo Francisco Coelho que exercia o cargo de Secretário Militar do comando-em-chefe passou a desempenhar estas últimas funções cumulativamente com suas outras incumbências; seguiu com o quartel-general para Assunção e Humaitá de onde embarcou comigo a 17 de abril para esta Corte, por ter sido extinta a comissão de engenheiros de que era membro; que durante todo o tempo a que me referi desempenhou sempre os encargos que lhe foram confiados; e por fim que o considero não só um oficial muito inteligente e muito cumpridor de seus deveres mais ainda com habilitações literárias e científicas bastante excepcionais.

Dado no Rio de Janeiro a 22 de agosto de 1870.

Gastão de Orleans.

IMPRESSÕES DA EUROPA
(1878 - 1879)

.....

I

A Exposição Universal de Paris
O *Guarani* nos grandes concertos do Trocadero
Carlos Gomes aclamado

Paris, 20 de junho de 1878

DESCREVER o que é a Exposição Universal de Paris fora verdadeiramente impossível. Não me abalço a semelhante tarefa, pois no deslumbrante espetáculo que a capital da França presentemente desenrola aos olhos maravilhados do mundo há tanto que ver, que estudar, admirar e contemplar, que passa os limites possíveis de perfuntórias e ligeiras notícias.

Cada sala pode ser motivo de um *in-folio*, cada vitrina de um livro, cada estante de longos e estirados artigos.

O que quero comunicar hoje ao Brasil é o triunfo que acaba Carlos Gomes de colher no grande concerto dado pela orquestra do Teatro Scala, de Milão, no palácio do Trocadero. Imagine-se antes do mais uma sala imensa, podendo conter mais de 6.000 pessoas, parecendo pelas proporções singela, apesar da riqueza de ornamentação; de excelente acústica, unindo a elegância à majestade, o apuro da perfeição em todas as minudências à nobreza e correção das linhas. Causou-me muito mais impressão do que a tão falada sala da ópera, que é uma boceta de ouro, uma espécie

de pesadelo, em que se amontoam mármore de todas as cores, enormes cariátides douradas, emblemas, alegorias, pinturas colossais, luzes por toda a parte, enfim uma ostentação baralhada de luxo e pompa, que traz logo à lembrança a crítica do mestre a uma estátua muito gabada de Vênus: Não pudeste fazê-la bela, disse ele ao autor, fizeste-a rica.

Figure-se agora naquele salão do Trocadero a melhor orquestra do mundo, como eu ainda não ouvira igual nem aproximada, composta de 114 mestres, dos quais 26 primeiros-violinos, e há de compreender-se o estremecimento de entusiasmo que me despertaram os primeiros compassos da *ouverture* do *Guarani*.

Infelizmente, talvez fôssemos nós os únicos brasileiros naquelas 4.000 ou 5.000 pessoas que, afrontando a chuva torrencial do dia, concorriam ao primeiro concerto milanês.

A energia, firmeza, grandeza do estilo, suavidade e delicadeza com que foram interpretadas todas as belezas daquela página inspirada de Carlos Gomes, passaram minha expectativa. Por vezes assomaram-me lágrimas aos olhos; por vezes ia insensivelmente levantando-me. Parecia que um sopro — o sopro da pátria, ingente, irresistível, arrebatava-me, conturbando-me o espírito, causando-me insólita inquietação. Quando aquelas rabecas todas, obedecendo ao aceno magistral do regente, desferiam num conjunto admirável melodias aos centos, como que me sobressaltava o receio de ouvir de repente instalar uma corda e sair uma nota desafinada, uma dissonância qualquer que tudo perdesse. Qual! Lá ia a sinfonia caminho do triunfo: também apenas morreram os últimos acordes nos eixos da sala romperam palmas frenéticas, espontâneas, duradouras, palmas de um auditório que se sente penetrado da inspiração de um grande artista.

Deveras o meu orgulho nacional ficou plenamente satisfeito. O êxito foi completo. Dei por vezes o sinal bis, que outras vezes em diversos pontos repetiram, mas o programa era tão extenso, que se passou adiante.

Em todo caso aplaudimos com frenesi, fazendo das mãos verdadeiras manoplas. Perto de mim havia uma senhora de certa idade, que exclamou em dois ou três trechos: *C'est très bien ! Mais c'est superb!*

Não pude conter-me mais. Este compositor Gomes, disse-lhe eu, é brasileiro, é meu compatriota! *Je vous en fais mon compliment*, respondeu-me ela, *il a beaucoup de talent. C'est un maitre!* Tive ímpetos de abraçá-la.

Podemos proclamar bem alto que a sinfonia do *Guarani* significa uma grande vitória neste imenso Paris, onde tudo e todos se confundem, passam desconhecidos, confundidos, numa mó enorme de gente, nesta multiplicidade vertiginosa de sensações, sucessos, futilidades e divertimentos.

.....

II

Paris, capital artística
O Louvre e o Luxemburgo
O Salon de 1878

Paris, 28 de junho de 1878

É INCONTESTÁVEL que esta grande cidade é hoje e há muito tempo a capital artística do universo. Não precisa longo tirocínio ao viajante para reconhecer essa primazia sobre todos os outros centros de civilização da velha Europa. Aqui não há, para assim dizer, canto algum que não esteja assinalado por uma manifestação notável das artes liberais.

Superabundam por todos os lados grupos em mármore e bronze, estátuas, chafarizes magníficos, jardins surpreendedores, monumentos e palácios de todas as épocas, gostos e estilos; nos museus, templos e edifícios públicos ou particulares só se deparam ricos quadros, adornos da mais alta valia, mas o que deixa bem claro esse sentimento beletrístico são os grupos constantes de gente de toda classe, desde a sobrecasaca aristocrática e condecorada até à blusa do operário, envergada com tal ou qual ostentação, parados diante das exposições que diariamente fazem as lojas e magazines das ruas e bulevares. Há como que uma necessidade de aspiração incessante ao belo, de posse completa e gozo no puro sentido estético. As galerias de pintura são aqui preciosíssimas: o Louvre tem valores inestimáveis; por

toda parte há coleções do mais vivo interesse. Pois bem, são constantemente visitadas, mas a população, não satisfeita ainda, ou melhor, não saturada de tamanhas riquezas artísticas, para a cada instante diante das exibições particulares e variadíssimas que em todas as vias de maior trânsito fazem os mercados.

As igrejas ainda mais estão literalmente atonetadas de soberbos painéis da moderna escola francesa, a qual segue de perto as pisadas da grande escola italiana. Que força, entretanto, de colorido! Que vigor! Quanta ciência, perfeição e naturalidade de posições, gestos e atitudes, quanta graça, suavidade, encanto e doçura no inimitável e inexcédível período do Renascimento.

Os olhos como que se encandeiam diante de tamanhos esplendores. Todas as mais escolas, com exceção deste ou daquele mestre, parecem logo tão abaixo, tão inferiores tão destituídas de cor e de energia, tão flácidas, que não precisa olhar muito adestrado para discriminar uma produção deste ou daquele período, desta ou daquela nacionalidade. E entre tantas maravilhas como brilha a palheta veneziana, como se avantajam Ticiano, o Tintoretto e Paulo Veronese! Há quadros que parecem ter sido pintados ontem e a poder de cores positivamente mágicas. É um deslumbramento.

Tudo isto é verdade, mas a escola moderna francesa, deixando o colorido rechupado e falso de David, de quem, contudo, aproveitou a ciência exata do desenho e o respeito à influência clássica, entrou francamente no grande sentimento daqueles mestres italianos e tem produzido obras de mérito superior quer debaixo do ponto de vista da composição, quer do colorido. Não gostei de Ingres; achei-o um tanto frouxo, frio e demais estudado, mas vi no mesmo Louvre quadros que muito me impressionaram, embora saísse poucos instantes antes da grande galeria de 400 metros de extensão, onde chamejam os grandes mestres italianos. Citarei todos os quadros de Delacroix, sobretudo *Dante e Virgílio nos infernos*, um de Deveria – admirável – *O nascimento de Henrique IV*, de Paulo Delaroche, *Os filhos de Eduardo* e talvez *A morte de Isabel de Inglaterra*. No Luxemburgo há cousas soberbas; paisagens de Corot de um vaporoso inexprimível; cenas campestres lindas de Breton e Rosa Bonheur; quadros admiráveis de Gleyre e Hébert por exemplo a *Tarde*, a *Malaria*, etc.; composições ma-

gistrais como *A chamada das últimas vítimas do Terror*, de Muller, ou as de Meignan: *A partida dos normandos para a Inglaterra*, etc., miniaturas nunca assaz preconizadas de Meissonier, enfim dezenas e dezenas de obras cujo estudo e apreciação exigiriam muitos e muitos meses.

Na exposição universal ainda mais se evidencia a superioridade artística da França. Na seção belas-artes, com exceção de alguns quadros do espanhol Fortuny, que iniciou uma verdadeira escola, de vários grupos e estátuas da seção italiana, na verdade dignos de sincero aplauso, e de poucos trabalhos austro-húngaros, são as salas francesas que chamam todas as vistas.

Ali figuram, entre os primeiros, as grandes telas de Regnault roubado à pátria e às artes por uma bala prussiana, vil chumbo que de súbito estancou com a vida a chama do gênio: *O retrato do general Prim*, *Uma execução em Granada* e outras; ali figuram centenas de produções que abrem verdadeiros caminhos às aspirações do mundo intelectual.

No meio, contudo, desse aluvião de quadros, ou melhor por causa mesmo dessa abundância fertilizadora, cada concurso anual vem ou denunciar novos e novos talentos, ou então confirmar as esperanças que falanges de artistas davam aos seus mestres, amigos e admiradores.

Por isto neste grandioso Paris, onde há normalmente tanto que ver, não é das coisas menos interessantes ir ao Palácio da Indústria e visitar as salas da exposição anual de pintura. São em número de 25, algumas imensas, todas bem iluminadas e com as paredes totalmente cobertas das telas que mereceram a honra de ser ali recebidas e expostas ao exame e ao juízo do público.

Foi presentemente necessário aos artistas dobrar de atividade, mas não raros conseguiram figurar com distinção, quer no salão de 1878, quer na exposição universal, levados do ardor de adquirirem duplos aplausos, dobradas coroas e incitamento em larga escala.

Uma das telas que mais atenção chamaram atualmente no Palácio da Indústria é sem dúvida a *Apotheose de Thiers*, por J. G. Vilbert. Embora nesse sentimento vá de envolta uma instigação política; a obra por si é credora dos maiores encômios, O grande estadista está deitado num leito simbólico e ornado de emblemas com os olhos cerrados pela morte, a fisionomia serena, mas sem vida, pálida, esclarecida só pelos raios da glória.

Envolvido num manto vermelho, sobre seu peito descansam as grã-cruzes que recebera em sua agitada existência. Entre elas com satisfação patriótica reconheci a fita e a venera da Rosa. Em frente, no primeiro plano, estão atiradas grandes coroas mortuárias, feitas com admirável cuidado e exatidão. À direita estorce-se no chão e sanguinolenta a Comuna, cuja tocha incendiária está caída sobre o escudo da cidade de Paris.

De um lado e de outro de Thiers alteiam-se duas figuras alegóricas, cuja execução levanta ainda viva polêmica, mas me pareceram excelentes. Uma, a *Glória*, desce dos céus trazendo palmas de louros nas mãos e pára nos ares com verdadeira leveza; outra, a França, sentada junto ao leito, mergulhada na mais profunda dor, estende parte da bandeira tricolor sobre o augusto cadáver. No fundo e um tanto vagamente vêem-se o enterro de Thiers e os fortes de Paris a darem salvas; no alto, entre nuvens, no tom mais suave e vaporoso como se fora um sonho, aquelas cenas de batalhas do tempo de Napoleão que o exímio historiador soubera tão bem descrever.

Nessa mesma sala XXV formando singular contraste estão os quadros de Carolus Duran e de Ranvier, destinados ambos à decoração de tetos. O deste representa a Aurora e prima pela delicadeza do toque, fineza e harmonia; o daquele, pelo contrário, é no gosto veneziano com um céu vivíssimo, cores esplêndidas e contrapostas. Pintando tudo de escorço pela necessidade da perspectiva, pôs no primeiro plano um negro possante e truculento cujas carnes dão maior realce ao colorido de duas lindas raparigas colocadas logo atrás.

Quem não colhe palmas na razão de sua tríplice ambição de desenhista, pintor e escultor é Gustavo Doré. Não contente com a reputação que lhe deram as edições de D. Quixote, Rabelais e Dante, atirou-se à pintura e começou a produzir coisas que podem de relance parecer magníficas, mas não resistem à menor análise. Tudo é melodramático, exagerado, *porté à l'excès*. É a impressão que causam as duas imensas telas dos salões 22 e 25 do Palácio da Indústria. Numa – o *Ecce homo* – vê-se um Cristo colossal exposto no alto de uma escadaria, com um manto escarlate aos ombros, de um escarlate vivíssimo que mais assemelha um envoltório de chamas; a outra representa uma cena de carnificina no Egito, creio eu, ocupando todo o primeiro plano um verdadeiro lago de sangue, em que bóiam cadáveres mutilados.

Nas salas V e XXV notei algumas telas designadas Benjamin Constant. A parada no deserto, por exemplo. Prisioneiros mortos à sede precipitam-se ofegantes sobre um fio d'água que serpeia na areia:

é, porém, de notar a imobilidade do cavalo que monta o guarda. Parece tão fresco e bem disposto como se acabara de sair de boa e farta estribaria poucos instantes antes. Mais bem concebida parece-me a *cena do harém*. Uma mulher velha e negra toca viola rodeada de odaliscas e almeas. Uma destas, lindíssima, e deitada a fio comprido no chão, tem grandes olhos voluptuosos e amortecidos que parecem estar contemplando recordações íntimas e de infância. Outra, ri-se com perfeita naturalidade e mostra dentes de pérola numa boca encantadora. Há luz, vida e movimento nesse quadro, que lembra, aliás, uma das melhores coisas de Delacroix.

Na sala XVII pareceram-me merecer a primazia duas telas – *Saadi, a feliz*, de Saint-Pierre, e sobretudo *Angústias* de Schenck. A primeira é ainda uma odalisca, a quem sem dúvida cabe superioridade não disputada no harém do senhor; a segunda, em gênero totalmente diferente, pinta um episódio de inverno. É um campo vasto coberto de neve: no meio uma ovelha baila triste e angustiadamente, tendo debaixo de si o cordeirinho agonizante. O sopro do brado de socorro congela-se ao ar frio. O que, porém, toma caráter aterrador é o círculo negro de corvos que vai-se apertando cada vez mais, a exigir funéreo repasto. Ali gravemente sobre o chão branco esperam o momento de repartir entre si os despojos do infeliz moribundo. Um deles, mais ousado, está já quase sobre a presa. E ao longe nem sinal de socorro!...

Nas salas I, II e XX citarei o *Velho toreador*, de Cool, uma *Santa Cecília*, de Dubufe Filho, *Santa Inês*, de Ferrier, o *Duque de Guise em Blois*, de Aublet.

Nas de números VI, VII, VIII e IX quadros de Fabre – o *Nilo (à noite)* – de Gardon – *A floresta de Compiègne* (excelente paisagem), *A pesca dos camarões*, de Delobre – *A morte de Acteon*, de Hermann (ação muito viva e dramática) – *Uma viagem, na Ucrânia*, de Chelmon – *Paris à noite*, de Herpin – *Uma carrada de flores*, de Jeannin, mas quem tem sempre um círculo compacto de espectadores é J. A. Garnier com a sua tela *O libertador do território*. Representa a sessão do Parlamento francês em que Thiers foi aclamado salvador da França. A meu ver é medíocre trabalho e só pode

interessar como reunião de retratos de pessoas conhecidas na atualidade e debaixo do ponto de vista político. Como cor é fraquíssimo, tanto que a fotografia causa muito melhor impressão.

Abundam os quadros pequenos e mimosos, Entre todos o que mais me agradou, pela delicadeza e finura de pincel, foi o *Casamento de conveniência* (sala V) de Loustaunau. Marido e mulher estão sentados de um lado e outro da mesa algum tanto comprida. Este, vestido de caçador e pronto para alguma de suas alongadas expedições, parece todo embebido na leitura de um trecho de *sport* e leva distraidamente um copo de vinho à boca; aquela, esquecida da iguaria que tem diante de si, contempla o esposo com um olhar, que olhar! fino, sarcástico, cheio de vinganças femininas e perfídias felinas. O criado parece dar fé do drama de família que se prepara... talvez atrás daquela pesada cortina haja bem escondidinho algum Cherubim, pajem travesso, algum companheiro de caça do incauto Nemrod, o qual sem dúvida faltará ao *rendez-vous* na floresta para vir caçar em outras terras. Quem sabe?

Apreciei também bastante: *Grandeza passada*, de L. Lambert (sala X). Sobre a cabeça de um tigre brincam uns gatinhos felpudos e gentis como amorezinhos. O tigre, já se vê, é uma simples pele de salão sem adorno; a cabeça, conservada com habilidade, tem enormes fauces abertas e o olhar vibrante..., mas de vidro.

E por hoje basta, tanto mais porque não sei se os compositores do seu jornal, meu caro Redator, poderão adivinhar as garatujas com que enchi estas folhas de papel.

P. S. – Notícia também artística. No 3º concerto milanês, dado na sala do Trocadero, repetiu-se ontem, a sinfonia do *Guarani*, prova que agradou e muito.

.....

III

A grande festa oferecida pelo governo francês
aos visitantes estrangeiros da Exposição Universal

Paris, 1º de julho de 1878.

ACABO de assistir a uma das mais esplêndidas e curiosas festividades desta capital de contínuas festas e divertimentos. Foi uma ocasião para regozijo do povo, um pretexto para associar ricos e pobres, grandes e pequenos às solenidades da Exposição Universal.

O Marechal Presidente marcou o dia e a noite de 30 de junho para festejar o triunfo pacífico da França no grande certame industrial, e determinou que, em homenagem aos estrangeiros que a ele tinham concorrido, a cidade de Paris se enfeitasse de galas e luminárias. A população ficara encarregada de dar quase exclusivamente execução ao decreto.

Se jamais se viu incumbência bem desempenhada foi sem dúvida essa. Com efeito não houve casa, melhor, não houve quase janela que não arvorasse sua bandeira tricolor, não acendesse sua luz, desde o modesto toco de vela até ao elegante balão veneziano ou globos multicores. Alguns edifícios tinham bandeiras de todas as nações, exceto uma única – a alemã. Todas as mais flutuavam como símbolos de amizade, misturando à menor aragem suas cores cintilantes. Vi não raras brasileiras e, a pedido meu, a dona do hotel mandou pregar uma à minha janela, de um verde e amarelo esplêndidos.

O tempo, sempre brusco e chuvoso dias antes, fixou-se por volta de meio-dia, de modo que nada veio perturbar a alegria daquele grande

festival. Até horas de jantar percorri de carro os *boulevards* e os pontos mais notáveis, principalmente a praça do Trono e a avenida dos Campos Elíseos; à noite então fui ao Bosque de Bolonha, e, graças à energia e desembaraço de um parente meu, distinto oficial do exército francês, pude com minha mulher conseguir, junto do lago superior, um lugar excelente, donde assistimos perfeitamente a todo o desenvolvimento das iluminações, que passaram muito além de qualquer espetação.

Antes do mais, convém assinalar a satisfação viva, o sincero prazer de que todos estavam possuídos. Grupos compactos, enormes, de gente, moviam-se de todos os lados, homens e senhoras, com fitas e *tops* tricolores nas casacas, chapéus, vestidos, paletós, já como brincos, já colares, pulseiras ou cintos.

Os carros quase todos tinham bandeirinhas tricolores; enfim o aspecto geral da população, casas, edifícios, armazéns tornara-se único. Cantava-se a *Marselhesa*, mas... sem grande entusiasmo. A festa era toda de paz e aquelas palavras belicosas, aquelas evocações sanguinolentas destoavam apesar do seu caráter eminentemente republicano. A aspiração geral cifrava-se em ver, admirar e sobretudo divertir-se.

O bosque de Bolonha apresentava um quadro indescritível. As árvores todas carregadas de milhares e milhares de lanternas venezianas vermelhas, desde os mais altos ramos até ao chão formavam um jardim das Hespérides totalmente fantástico.

Além de 40 globos elétricos do sistema Jablockoff alimentados por duas possantes máquinas a vapor e disseminados pela mataria mais densa, só nas avenidas havia 55.000 focos de luz, dizem hoje os jornais. Copinhos de todas as cores, formando mil caprichosos desenhos, ora quiosques, ora armas, animais, aves, etc., inundavam tudo de luz errante e de efeitos totalmente novos à visão.

Os dois lagos, superior e inferior, eram uma maravilha. Cercados de um extremo a outro por uma linha de copinhos cambiantes que refletiam na água, tinham nas ilhas que encerravam as mais caprichosas combinações de luz, Jablockoff, *magnesium*, fogos de Bengala, enfim, uma confusão ofuscadora por vezes, e que arrancavam gritos de admiração aos espectadores.

Duzentas barquinhas e gôndolas, iluminadas com lanternas e carregadas de músicos e cantores, sulcavam aquelas encantadas águas, cuja superfície não encrespava a mais ligeira aragem.

Às 9 horas e meia começaram os fogos de artifício para lá dos lagos, em Montmartre, e na praça do Trono. Foi uma boa precaução dividir assim a multidão para impedir cenas de horror, atropelo e esmagamento que se dão aqui nas grandes festividades.

Também não houve um só acidente notável que lamentar, nem sequer, causa característica, uma rixa maior, uma intervenção mais decidida e forte da parte da polícia, aliás, meticulosa e severa nas suas funções de vigilância e repressão.

Os esplendores pirotécnicos coroaram dignamente esse dia tão cheio e divertido. As bombas estouravam nos ares, desfazendo-se ora em lágrimas multicores, ora em chuvas de ouro e prata, arrebrandando como bólidos e iluminando os espaços ao longe ou então desfazendo-se em palhetas cintilantes ou em pó luminoso.

De repente partem a um tempo milhares de rojões num ramalhete colossal, e o bosque, as fortificações, Paris enfim aparece subitamente como uma visão que dura segundos, talvez um minuto e se esvai, deixando uma impressão vivíssima.

Ali começa a *marche aux flambeaux*. Ressoam os tambores, as cornetas estrugem por toda a parte; mil ecos acordam e uma enorme faixa de luz serpeia entre as árvores e lá vai caminho dos Campos Elíseos.

O bosque como que fica desamparado. Então rompe o incêndio. É a cena do *embrasement général*. Chamas vermelhas, azuis, verdes, rosas, escarlates erguem-se por entre os maciços de árvores, levantando fumaças das cores mais diferentes.

Cresce a mais e mais de intensidade. O efeito é de pasmar. Só se ouvem também exclamações de surpresa e admiração. Parece em grande uma decoração de teatro. Reboam palmas, gritos e hinos.

Mas... o tempo vai correndo. É já meia-noite e cumpre voltar para a casa. A multidão escoá-se tranqüila e dali a pouco a solidão e o silêncio imperam soberanos naqueles lugares e recantos, horas antes tão cheios de alvoroço e de tumulto.

Sem maior novidade e sempre debaixo da direção do nosso primo, o mais amável e inteligente dos *ciceroni*, depois de boa marcha a pé alcançamos o carro que nos trouxera até a porta Maillot e à 1 hora da madrugada entrávamos no nosso hotel.

.....

IV

Compiègne e Pierrefonds – O rei de
Lahore Baile no Ministério da Guerra
Triunfo da Inglaterra no Congresso de Berlim

Paris, 14 de julho de 1878.

PARA quem quer ver, embora por alto, Paris, e conhecer mais ou menos as inúmeras riquezas e curiosidades que encerra dentro de suas muralhas ou que o cercam nos múltiplos e pitorescos arrabaldes há dias de verdadeira e penosa fadiga. Para nós, por exemplo, estes últimos de digressões nos arredores. Saindo do nosso hotel anteontem de manhã, tomamos o trem de ferro de Compiègne, visitamos rapidamente o magnífico palácio, residência favorita de Napoleão III; numa hora atravessamos a floresta toda de Compiègne e fomos almoçar em Pierrefonds, cujo castelo restaurado pelo arquiteto Viollet le Duc é uma maravilha da Idade Média.

O homem um tanto lido tem diante dos olhos uma página em pedra e cal de Walter Scott. Ali se alteia imenso castelo feudal que resistiu impávido a numerosos sítios desde os tempos calamitosos da guerra dos cem anos. Tudo foi reconstruído com extremo cuidado e consciência, reportando àquelas épocas de violências e lutas iluminadas, contudo por luz tão viva e esperançosa. Percorrido às pressas o alcáçar de Luís d'Orleans cuja soberba estátua domina o pátio central, tornamos a Compiègne, en-

tramos no trem de ferro e de volta a Paris cumprimos o grato dever de ir jantar com uma distintíssima senhora que consagra ao Brasil e aos brasileiros extremosa e justificada amizade.

Ornamento da sociedade do Rio de Janeiro quando lá se acha, e daqui, onde habitualmente reside, espírito fino, cultivado, e a quem se deve a primorosa educação de augustas princesas, temos recebido dessa ilustre senhora as provas mais completas e lisonjeiras de sua estima e consideração.¹

Ainda abatidos da cansativa digressão da véspera, tivemos de acordar ontem bem cedo para percorrermos outros arrabaldes. Voltando já sobre tarde de *Saint Germain en Laye*, cuja visita nos tomou umas boas quatro horas, à noite fomos assistir na grande ópera ao *Rei de Lahore*, ópera de Massenet, desigual no seu todo, mas que contém incontestáveis belezas, e, voltando à casa a fim de mudar de fato, à meia-noite nos dirigimos para o esplêndido baile dado pelo ministro da Guerra, saindo daquela suntuosa festa às 3 horas da madrugada, mais pela exigência imperiosa do corpo do que por desejos do espírito.

Não vi nessa festa uma única fisionomia conhecida no meio de centenas de tipos. Reconheci várias por fotografias populares no mundo inteiro, mas se quis trocar algumas palavras com alguém, tive que travar momentâneo conhecimento e por iniciativa própria com três ou quatro oficiais franceses, aliás de extrema amabilidade. Abundavam os uniformes de todas as cores e feitios; cruzavam-se todos os trajes, desde o alvo albornoz árabe até as roupagens talares dos hindus ou as largas vestes chinesas. Os japoneses trajavam à européia e estavam horrendos. Cintilavam as condecorações nos peitos dos homens e os brilhantes no colo e cabelos das senhoras. Orquestra imponente e meio oculta entre árvores derramava em todas aquelas salas iluminadas por milhares de candelabros e faíscas de luz elétrica, torrentes de harmonias. As valsas, sobretudo, eram arrebatadoras – a novidade da estação musical.

Notei *toilettes* de toda espécie. Umas inexcedíveis no luxo, outras de duvidoso gosto, outras enfim totalmente impróprias de semelhante

1 A Condessa de Barral e Pedra Branca.

local. Senhoras de vestido afogado e fazenda baratíssima, creio que cassa ou musselina. O contraste tornava-se flagrante, quando a proximidade obrigava o confronto, ao lado por exemplo de um vestido de cauda muito longa de gorgorão de seda branca todo bordado de prata ou até com ramagens e arabescos de ouro.

Os jardins formavam esplêndido espetáculo. Estátuas e jorros d'água, esclarecidos de quando em quando por jatos elétricos, ressaltavam de entre o arvoredo, que tomava formas e cores fantásticas, à luz dos fogos e mistos cambiantes. Bicos de gás aos centos e globos venezianos iluminavam *a giorno* todas as alamedas onde passeavam os convidados, cavalheiros ricamente uniformizados, dando o braço a senhoras vestidas no último apuro da elegância e do luxo.

E tudo aquilo, ouros, condecorações, espadas, dragonas, sedas, diamantes e gemas brilhava, cintilava, faiscava, trocando mil reflexos, confundido de súbito em massa deslumbrante de luz ou esparzindo raios repentinos de cor tão viva quão fugace.

Como rainhas do baile na beleza, competia sem contestação o cetro a diversas inglesas e americanas. Havia tipos de uma meiguice encantadora. Uma sobretudo, admirável no oval do rosto, brilho de grandes olhos negros, perfeição e delicadeza do nariz e boca. Contraste lindo: tinha cabelos louros, finíssimos e abundantes que coroavam dignamente tão bela cabeça.

Era impossível obter pelo artifício semelhante cabeleira. Disse-me que pertencia à mais alta nobreza de Inglaterra. Não duvido. As homenagens a rodeavam e entretanto em seu soberbo colo e venustos braços não luzia o mais insignificante adorno!

As americanas-do-norte distinguiram-se pelo talhe esbelto do corpo, olhos e cabelos negros, cores delicadas da cútis, que infelizmente no fim da noite com a agitação e vivacidade das danças se transformavam em placas por demais avermelhadas. Ainda assim eram lindas.

Se houve senão na festa, foi em relação ao serviço. As salas da copa eram poucas e apertadas, de modo que para se conseguir um refresco, um copo d'água quando muito, fazia-se cauda como aliás em qualquer canto de Paris, isto é, cada qual espera pacientemente longos minutos até que chegue sua vez de obter ou ver o que deseja, colocados uns à retaguarda

dos outros. Era impossível pôr a mão em um sorvete, tomar uma xícara de chocolate ou caldo, a menos de consagrar todo o seu tempo a esse demorado empenho.

Toda aquela gente parecia de relance divertir-se muito, estar de coração entregue ao prazer e ao baile; entretanto não precisava muito esforço para conhecer que sobre a festa pairava uma preocupação séria e penosa.

Em todos os círculos só se falava em uma coisa: no Congresso de Berlim e no seu inesperado desfecho. O Marechal Mac-Mahon mostrava-se distraído e triste. M. de Marcèx, a cujo baile anterior assisti, não tinha a habitual alacridade. Ah! Também é impossível disfarçar o triste papel que a França representou no círculo dos espoliadores da infeliz Turquia, e o triunfo imenso, inconcebível da Inglaterra. De um jato, colocou-se ela à frente de todas as nações; firmou a pata do leopardo na ilha de Chipre e estendeu o braço protetor sobre os destroços do império otomano.

Não é mais a clássica aurora que tem as chaves do Oriente, é simplesmente a astuta, ou melhor, a sábia Albion. Lord Beaconsfield descarregou um legítimo golpe de jarnac em todos os seus colegas e, depois de colher o mais completo triunfo, com bastante *desapontamento* da Rússia e Prússia, deixa de assistir às últimas sessões do burlado Congresso, pretextando súbita indisposição de garganta. Por isto a esta hora o entusiasmo na Inglaterra pelo grande diplomata não conhece limites e lhe preparam a mais estrondosa ovação, quando tocar a terra natal. O Partido Conservador ganhou tal força que, querendo o lado *whig* nestes últimos dias fazer uma manifestação de apreço a W. Gladstone, o povo dispersou o *meeting* a socos e batatadas.

A França manietada, impotente para fazer prevalecer as idéias generosas que tem por hábito sustentar, e quando lhe é impossível impor ao mundo à custa até de seu sangue, só trata hoje de salvar sua dignidade, operando uma retirada honrosa daquela reunião de estadistas que cada qual levou ao Congresso instruções formais e restritas de seus governos de puxar para o seu lado os maiores retalhos do território otomano. O representante italiano propusera a Mr. Waddigton imediata cessação do seu comparecimento, mas este respondeu com nobreza que era dever seu representar o seu país, enquanto julgava ainda possível fazer alguma coisa em bem da justiça. Fez, com efeito, uma tentativa nesse sentido, propondo

a desistência da parte da Rússia das fortalezas turcas, a fim de impedir a ocupação inglesa em Chipre. Foi quando estourou o tratado de aliança ofensiva e defensiva, já há muito celebrado, entre a Turquia e o império britânico, que os jornais daqui apelidaram com razão um *coup de théâtre* que estabelece hoje a incontestável preponderância e domínio da Inglaterra em todo o Oriente desde o Bósforo até ao mar do Japão.

Os jornais de hoje publicam o resultado das sessões do Congresso que modificam o tratado de *San Stefano* e a conclusão dos trabalhos dos diplomatas que se reuniram debaixo da direção um tanto, senão muito, autoritária do Príncipe de Bismark. O Conde d'Andrassy dirigiu-lhe palavras de agradecimento em nome dos seus colegas, a que o terrível chanceler respondeu breve e secamente. Parece que lord Beaconsfield continuava doente, ou melhor, incomodado da garganta, mas a ilha de Chipre já foi ocupada por tropas inglesas e o seu primeiro governador partiu a toda pressa de Londres. Dizem que as populações acolheram essa mutação com singular frieza, questão do temperamento e da fleuma habitual dos orientais, explica o *Times*.

Enquanto a Inglaterra consegue no círculo das transações políticas tão estrondosa vitória, no certame industrial, na exposição universal, não menos palmas colhe, papel não inferior representa. É admirável a exibição dos produtos dessa procedência, a manifestação mais completa da grandeza, força, perseverança e superioridade na nacionalidade britânica. Tudo é suntuoso. Só vencida a isso parcialmente pela França, no gosto e no apuro artístico, avanta-se o trabalho inglês a todos os mais pelas qualidades geralmente conhecidas da perfeição e solidez. Os cristais são soberbos, os estofos, perfumarias, cutelaria inexcelíveis; máquinas, imprensa, fotografia, superiores e muito a todas as outras nações.

O saguão da exposição das Índias é que dá idéia do alcance e da vastidão do poder da Inglaterra. Cada reino, possessão ou Estado é representado pelo seu pavilhão e por todos os lados flutuam as cores mais brilhantes, bandeiras mais diversas e variegadas. Os presentes que o Príncipe de Gales recebeu dos rajás e soberanos submissos é um desses amontoamentos de pedras preciosas, diamantes, ouro, marfim, que só a lâmpada de Aladino, nas *Mil e uma noites*, podia fazer ver aos olhos deslumbrados de quem supõe estar sonhando.

Estrasburgo e sua catedral – belezas de Nüremberg

Carlsbad, 10 de agosto de 1878

ESCREVO estas linhas da mais célebre estação de águas da Boêmia, para onde vim depois de verificar que as de Contrexéville, que me haviam sido recomendadas em Paris, não eram para o meu caso de suficiente eficácia. Parti, pois, do departamento dos Vosges, e, atravessando a nova fronteira prussiana, em Avricourt, fui, no dia 5, dormir em Estrasburgo, debaixo da proteção das baionetas do imperador Guilherme.

Causa verdadeiro dó transitar por esses departamentos da Alsácia e Lorena, tão profundamente franceses de coração, e entretanto hoje anexados, *par droit de conquête*, à poderosa Germânia.

A diferença radical que num simples relancear de olhos se nota ao transpor a divisa da França é palpitante.

De um lado vêem-se férteis campos cultivados por homens entregues aos valentes e forçados trabalhos próprios do seu sexo; do outro, todas as estações do caminho de ferro e cidades cheias, atonetadas de soldados, latagões fortes, corados e robustos, de braços cruzados, a fumarem e a *flanarem*, ao passo que as mulheres estão ceifando, colhendo as searas e ajudadas por crianças, dirigindo juntas de bois e de cavalos. É o ideal realizado do chanceler de ferro, do Príncipe de Bismark. E assim por toda a

parte onde predomina o sistema da guerra preparada para ter paz, isto é, ao Grão-Ducado de Baden, Wurtemberg e Baviera, que fui cortando, e mais países da Alemanha unida para a felicidade e grandeza da Prússia.

Em Deutsch-Avrincourt não se mostraram os empregados aduaneiros nada exigentes, pelo menos comigo. Examinaram-me pela rama das bagagens, sem esmiuçar o que eu levava e contentando-se com sucintas declarações verbais. Uma só coisa ia transtornando-me o capítulo: um caixote de livros que eu trazia de Paris.

“São obras proibidas?”, perguntaram-me. “Não sei”, respondi com verdade. “Se quiserem, verifiquem”. Aberto o caixote, passaram rápida revista, mas pareceram esbarrar diante de um dos volumes da magnífica *Geografia Universal* de Elisée Reclus; a França. O nome, com efeito, do autor não é de boa nota, mas a obra tem coisas excelentes, muito sérias e de verdadeiro valor científico. “Para que leva este livro?” indagaram com ar suspeito. “Para lê-lo”, repliquei e, reunindo um tanto dificilmente os retalhos de alemão que ainda conservo em memória, fiz ver que as páginas estavam quase todas cortadas. Consultaram entre si, foram ouvir uns empregados de categoria superior e afinal o Elisée Reclus transpôs também a fronteira, em companhia de alguns romances ingleses e das *Harmonias da Natureza* de Bernardin de Saint Pierre.

Quem chega a Estrasburgo deve obrigatoriamente consagrar um dia de estática admiração à sua magnífica catedral. É um monumento estupendo, uma das maravilhas que nos legou a arte gótica em todos os seus períodos de transformação desde os mais felizes e puros tempos, até às épocas da decadência em que se cobria de ornamentação supérflua e abastardada.

O conjunto, porém, é soberbo e causa de pronto a mais viva impressão, não só pelo grandioso da mole como pela cor vermelha da pedra, mais mármore do que grés, com que foi erigida tão extraordinária construção. Depois vão-se apresentando de todos os lados, acima e abaixo, ao olhar admirado, os desenhos mais delicados e finos, arcarias aéreas, colonazinhas esbeltas, inúmeras estátuas, imagens de todos os tamanhos e tipos, figuras fantásticas, monstros grotescos, animais ferozes, alegorias, baixos-relevos, tudo aberto na pedra, tão rendilhado, porém, e de tão fino labor que parece obra de talhe em madeira. A perfeição de todo o trabalho

é espantosa, e até ao ápice da flecha, que rompe os ares com indizível graça e majestade, não há um só ornato que não esteja acabado com o mais acurado cuidado e elegância.

Para se subir à plataforma, donde se alteia aquela flecha, vencem-se 365 degraus sempre em caracol. Proporcionei-me essa canseira, cuja compensação está no panorama que dali se descortina. Vê-se, com efeito, num raio de muitas léguas, o Reno, a Floresta Negra, as ruínas de vários castelos, o convento de Santa Odília e as montanhas dos Vosges; mas, como em assunto de paisagens e natureza, nada pode chegar aos esplendores do Brasil, preferi voltar aos olhos para a bela balaustrada que cerca a plataforma, e procurar nas paredes, entre milhares de inscrições, nomes históricos e conhecidos. Mostraram-me uma, aberta pela mão do grande Goethe em 1777; outra do Príncipe de Ligne, várias do século XVII, algumas de personagens e soberanos ainda vivos. Não vi o nome do Sr. D. Pedro II; entretanto tinha idéia de que o Imperador do Brasil visitara Estrasburgo; e se Sua Majestade lá esteve, naturalmente deu-se o gosto de galgar aquela penosa escadaria, indo ainda mais até ao alto da flecha, satisfação que poupei às minhas cansadas pernas, pois teria de girar uns bons minutos e não sem perigo, até alcançar a altura de 143 metros acima do solo.

Desci da plataforma um tanto apressadamente, por isso que se aproximava o meio-dia e eu tinha de ver trabalhar o célebre relógio astronômico, a maior curiosidade do interior da catedral, e só por isso grande e interessante monumento.

Começado por ordem do bispo Bertoldo de Bucheck em 1352, terminado dois anos depois e consertado em 1547, deixou de funcionar tão-somente de 1789 até 1838, data em que foi entregue para restauração completa e de acordo com o desenvolvimento das noções astronômicas ao habilíssimo construtor Schwilgué, o qual, procurando conservar o plano primitivo, harmonizou as exigências da ciência de hoje com as indicações e desenhos antigos. O mecanismo é complicadíssimo, pois o relógio, além da sua parte pueril, marca a um tempo os eclipses do Sol e da Lua, calculados para todo o sempre; as festas móveis eclesiásticas; as fases da Lua; a revolução da terra, com a supressão dos dias bissextos seculares; o tempo verdadeiro e sideral; a precessão dos equinócios; as equações solares e lu-

nares para a redução dos movimentos médios do Sol e da Lua em tempo e lugares verdadeiros, e não me lembro mais o quê.

A altura total é quase de um sobrado. A cada quarto de hora sai uma figura de um nicho e vai bater no tímpano que a Morte, sempre visível e presidindo a todos os minutos da vida humana, tem suspenso na mão esquerda. O primeiro é dado por uma criança para representar a hora que começa; o segundo por um adolescente; o terceiro por um homem feito e o último por alquebrado velho. Quando soa a primeira badalada do meio-dia, um galo, de tamanho natural, empina-se nas suas patas, sacode as asas, estica o pescoço e solta o estridente canto, a cujo anúncio principia a procissão dos 12 apóstolos diante de Jesus Cristo que os vai abençoando, à medida que se ajoelham e passam. Segunda vez canta o galo, quando aparece S. Pedro, repetindo o estrepitoso grito no momento em que Nosso Senhor estende o braço e, voltando-se para a direita e para a esquerda, deita a bênção sobre o orbe.

O espetáculo atrai sempre muita gente, pelo que é preciso resguardar das unhas dos *pick-pockets* carteiras e lenços. Enquanto os ingênuos curiosos expandem o rosto atento num sorriso de beatitude alvar, industriosas mãos estão lhes revistando com solícitude os bolsos dos coletes e paletós. Quanto a mim, deixando que ao meu lado umas inglesas vermelhas, feias e compridas, que as há ao lado de outras lindíssimas e vaporosas, acompanhassem com exclamações e gestos de espanto as proezas do galo e a procissão dos apóstolos, concentrei toda a atenção numa linda coluna de alto a baixo ornada de estátuas e arabescos feitos, segundo me disse um guarda, pela filha do primeiro e mais célebre arquiteto da catedral, Erwin de Steinbach. Por uma lembrança delicada, colocou ela a figura do pai numa tribuna fronteira à tal coluna, a examinar com o queixo apoiado na mão direita aquele trabalho da discípula. A fisionomia cheia de bondade do velho com uma pontinha talvez de ironia repassada de admiração representa fielmente as impressões que devera experimentar aquele coração de pai e de artista.

Saindo da catedral, fui com minha mulher à igreja de S. Tomás ver o mausoléu de Maurício de Saxe, a que o célebre escultor Pigale consagrou 20 anos de assíduo labor. É sem contestação obra digna de nota, mas, não sei, pareceu-me teatral depois das ingênuas sublimidades

que eu acabara de contemplar. O Marechal desce, a convite da Morte, os degraus de um túmulo aberto aos seus pés, com um ar um tanto dramático. Há decerto calma no rosto varonil, mas calma estudada. Foi o que o artista quis exprimir ou conviria mais simplicidade na aceitação da inadiável sentença? A figurada França em pranto, repelindo a terrível conselheira e buscando reter o herói na escada da vida é bela, animada e contrasta com frieza sardônica com que a Morte mostra a ampulheta fatal, em que se escoam últimos e raros grãos de areia. Bandeiras desfaldadas francesas, outras abatidas da Áustria, Inglaterra e Holanda, representadas por animais simbólicos, completam o monumento, cujas figuras de tamanho superior ao natural e de mármore alvíssimo mostram o esmero que o consciencioso Pigale empregou na execução de sua obra capital.

Às 8 1/2 horas da manhã de 6 de agosto saímos de Estrasburgo. Atravessando o Reno na soberba ponte de Kehl, rapidamente, isto é, duas horas depois, chegamos a Carlsruhe, cujos arrabaldes fomos cortando; daí seguimos para Bitchingen, onde a estrada de ferro bifurca-se; tomamos para Heilbrom e, passando por diversas cidades, chegamos às 6 horas da tarde a Nuremberg, um dos mais singulares e completos legados da Idade Média.

Eu imaginava uma cidade velha, escura, feia, cheia de tétricas e sombrias recordações, e achei ruas espaçosas, praças magníficas, casas lindas e curiosíssimas, fortificações antigas e possantes decerto, mas cobertas hoje de hera e espessa vegetação. Por todos os lados a Idade Média, com efeito, mas em contínua reparação, construções como se fossem feitas há quatro ou cinco anos. Assim se conservou o tipo original e por vezes da maior elegância, de todas aquelas habitações legendárias, por exemplo, a morada de Nassau, construída em 1400, a de Alberto Durer, e muitíssimas outras.

Vimos a cidade de Nuremberg em quatro ou cinco horas, nessa tarde e na manhã seguinte, mas ela merece bem uns dois ou três dias senão mais de cuidadoso exame. Não há, para assim dizer, parede ou canto que não tenha alguma coisa que valha a pena deter os olhos. Por toda a parte gregotins, estatuetas, quimeras, símbolos esquipáticos, arabescos, carrancas, alegorias, animais estrambóticos, figuras fantásticas, nichos, frisos, la-

vores de toda a sorte, uns de gosto puramente gótico, outros influenciados já pelas tendências italianas do Renascimento.

No interior das igrejas é que se concentrou o sombrio daquelas épocas tenebrosas e terríveis, daquele caos moral e intelectual, donde a custo irradiou a civilização moderna. São todas magníficas, cheias de maravilhas em escultura, mas das sete ou oito notáveis que conta Nuremberg, infelizmente só pude entrar nas de S. Lourenço e S. Sebaldo.

Em ambas, as vidraças têm uma cor tão intensa e brilhante, tal poder de coloração, que a luz, coando por elas, transforma-se em chamas cambiantes. São talvez ainda mais belas do que as da Santa Capela em Paris. Um enorme crucifixo, em São Lourenço, e o tabernáculo, pirâmide de pedra toda aberta a cinzel e contendo um sem-número de figurinhas, tomaram-me quase o tempo de que eu podia dispor nessa rápida visita.

Em S. Sebaldo levei um bom quarto de hora diante do túmulo daquele mártir. O sacristão, para fazer jus à espórtula do viajante, explicava-me em alemão todas as particularidades concernentes a essa obra-prima da arte alemã, mas como eu, mediante 70 *pfennigs* me munira de uma espécie de guia em francês, cerrava os ouvidos à lengalenga do pobre do velhinho e abria quanto podia os olhos para ler e sobretudo referir o que lia e ao que estava vendo.

Fomos, de S. Sebaldo, percorrendo de carro algumas ruas e praças, ornadas de chafarizes de gosto antigo, mas sempre original, e seguimos ao longo das velhas fortificações, cuja sólida construção tem resistido ao pitoresco abandono em que as deixam. De quando em quando se erguem, dominando as pontes levadiças, enormes torres, outrora temerosas atalaias dos senhores feudais e centros de enérgica resistência, hoje simples moles de pedra terminadas grotescamente por telheiros que abrigam pacíficos proletários. As mais importantes e que flanqueiam o castelo (*burg*) fundado, disse-me o guia, não sei se com verdade, no ano mil da era cristã, são as dos pagãos e de Maximiliano, que contém os aparelhos e a câmara de tortura. Subimos a ver aquela sinistra coleção e na verdade é de pasmar a variedade e riqueza dos meios que imaginações infernais puderam engendrar para supliciar e atormentar a pobre humanidade. Há grandes berços com pontas rombas de ferro, em que os desgraçados pacientes eram barbaramente embalados até ficarem com as costas e o crânio descobertos e em carne

viva; há rodas de Ixion para lacerar os músculos; cepos para quebrar a espinha dorsal; tenazes para arrancar as unhas; instrumentos para desarticular as pernas, e por fim a abominável *Virgem de ferro*, que se abria de meio a meio e recebendo em seu seio o condenado, ao fechar-se, traspassava-o com pontas mais de palmo de comprido. Causa horror contemplar aquela figura impassível que serviu para execução de tão negros suplícios!

Demo-nos pressa em deixar aquela tenebrosa sala e, sem olhar para vários quadros de Dürer, Culmbach e Cranach, aliás pessimamente colocados, galgamos, por velha escadaria de madeira, até ao alto da torre, não só por causa de uma coleção de armaduras antigas e de copos de cerveja de dimensões colossais, como para gozar do panorama que dali se domina e que com efeito, aos últimos toques da tarde, é, sobretudo, encantador.

Um incidente, doloroso sem dúvida, e sempre contestador, dava então realce ocasional à paisagem esclarecendo-lhe os primeiros planos com reflexos purpurinos e atirando aos ares densos novelos de negro fumo. Era o incêndio, e incêndio violento, de uma grande casa dos arrabaldes. Os sinos desde muito tocavam rebate, mas só apareceram os primeiros bombeiros quando já tínhamos descido e caminhávamos em direção ao nosso hotel de Baviera (Bayerische Hof). Decerto era caso de se desejar a prontidão e atividade dos nossos capitães Neiva e Girard.

Na manhã de 8 de agosto, por volta de 8 1/2 horas, deixamos Nuremberg e, transpondo umas cinco horas depois a fronteira austríaca, em Eger, chegamos, às 4 horas da tarde, a esta linda e pitoresca cidade, onde por enquanto ficamos.

.....

VI

O Museu de Dresda e a Madona de São Xisto

Dresda, 9 de setembro de 1878

VALE DECERTO a pena de qualquer ponto do mundo vir a esta cidade contemplar as riquezas artísticas que se encerram em suas incomparáveis galerias. Parece até pasmoso que, com os recursos sem dúvida limitados de um Estado da importância da Saxônia, houvessem os seus monarcas podido acumular tamanha cópia de preciosidades, aglomerar tão grandes valores, amontoar tesouros de avaliação quase impossível.

No *Grünes Gewölbe* (abóbada verde), há causas de tal opulência, um conjunto tão extraordinário e ofuscador de enormes brilhantes, puríssimos rubis, deslumbrantes safiras, esmeraldas, pérolas, topázios, ônix, vasos tão valiosos, obras tais em marfim e cristal de rocha, que os presentes orientais do Príncipe de Gales, que tanta admiração causaram na Exposição Universal de Paris, perderam muito aos meus olhos no seu prestígio.

O que, porém, ainda excede essas estupendas riquezas é a galeria real de pintura, uma das primeiras da Europa e, portanto, do mundo inteiro. Pequena relativamente em número, embora tenha talvez trinta salas atoadas de exímios painéis, apresenta uma escolha como é raro ver-se, o primor das produções dos mais célebres e afamados mestres, cujos pin-

céis deixaram na história das belas-artes um traço luminoso e para sempre perdurável.

Não quero falar nas admiráveis obras das grandes escolas italianas, espanholas, flamengas, que contém; não, concentrarei toda a atenção em dois únicos quadros, duas maravilhas: a *Madona de S. Xisto*, de Rafael, e a *Noite Sagrada*, de Corregio.

O primeiro ocupa, ele só, uma sala para a qual convergem todos, antes de percorrerem as outras do museu. Sem se desperdiçarem olhares, passa-se, pois, depressa diante dos Ticianos, Tintoretos, Van-Dycks, Rembrandts, Murilos, Riberas e toda essa prodigiosa série de gênios, e vai-se estacar diante de uma das obras mais acabadas que tem saído das mãos do homem.

Colocada numa espécie de altar e recebendo a luz de lado, causa logo vivíssima impressão.

No centro a Virgem, tendo ao colo o Menino Jesus; à direita S. Xisto em adoração; à esquerda Santa Bárbara; em baixo dois anjinhos recostados a uma balaustrada em que descansa a tiara do Papa.

Nada mais! Quantas idéias, porém, despertam aquelas figuras! Quanta leveza naqueles corpos sustentados por nuvens! Que perfeição nos mais insignificantes pormenores! Quanta elegância nas dobras das roupas! E, sobretudo, que sublimidade de expressões!

Em toda aquela singela cena há como que um sopro de imenso infortúnio; nela paira uma melancolia profunda, concentrada, mas suave e repassada de resignação. É desde os primeiros tempos da vida de Cristo o assinalamento das profecias tremendas e que têm de ser cumpridas.

A Virgem é de uma beleza imensa, puríssima, etérea, toda ideal. Seus grandes olhos negros e aveludados parecem ler no futuro o destino daquele filho. No começo da existência, no brilho de uma mocidade como não há igual na natureza, conhece as dores que os anos lhe reservam, e aceita pensativa a missão a que foi destinada.

Esta expressão que se desenha logo ao espírito do observador ainda mais se acentua no rosto do Menino Jesus. Ali há até uns laivos, não direi de terror, mas de receio. É a criancinha inofensiva que tem ainda o seio de sua mãe para abrigo na hora do perigo e das aflições. É ela, pobrezinha, que há de um dia tragar o medonho cálix da amargura e, em completo

abandono entregue a si e a contemplar face a face o Calvário, terá de suas gotas de sangue para remir as injustiças da humanidade em peso!

S. Xisto é todo fervor, Santa Bárbara, suavidade e meiguice em seu arrebatamento: mulher de uma beleza extraordinária, mas sem aquela formosura radiosa da Madona.

As nuvens delicadíssimas, tênues como gaze e que formam o fundo do quadro, são cabecinhas de anjos, que todas patenteiam contemplação e êxtase.

Só depois de longos minutos é que os olhos podem distinguir essas minudências, reparar na cor das roupagens e na delicadeza de toques. Os primeiros instantes são de concentração absoluta no rosto da Virgem e de Seu Filho.

Entretanto, tudo ali é merecedor de estudo e admiração. Que contraste justo e harmônico de cores! Como o verde pálido das cortinas que se abriram para deixar ver a aparição combina-se, por contraposição, com o amarelo vivo e os ornatos das vestes pontificais!

Na frente do altar estão gravadas em letras de ouro as palavras de Vasari, dedicadas a este célebre quadro, *cosa rarissima*, diz ele, e *veramente singolare*.

Deixemos, porém, embora a custo, essa sala e comecemos a percorrer o museu. Logo aos primeiros passos, prende-nos as vistas uma admirável *Santa Família*, de Julio Romano, esplêndida *Assunção* de Ticiano, mas dali a instantes fica-se extático diante de quatro grandes Corregios.

Ah! se houve jamais grito de consciência verdadeiro foi o daquele homem ao contemplar uma obra-prima de Rafael! *Anch'io son pittore!* O outro era imenso, mas ele também recebera de Deus a centelha sagrada que lhe permitia a nobre e ufanosa contestação. Sua exclamação foi um protesto íntimo, irresistível contra o desânimo que lhe invadia a alma, e a posteridade consagrou o julgamento lavrado pelo orgulho mais justo e elevado.

A *Noite santa* ou a *Adoração dos pastores* não tem sala à parte, mas duvido que deixe de reter quem quer que seja menos tempo do que levou a admirar o quadro de Rafael.

Cristo acaba de nascer: criaturinha alva e rósea, solta, nos primeiros instantes da vida terrestre, os vagidos do ente que já sofre, mas de si

irradia-se logo a luz que ilumina toda a composição e o universo. Inclinada sobre ele, a Virgem o considera com ternura indizível, verdadeiro amor de mãe, misturada, porém, da adoração que deve ao seu Deus.

Rodeando o berço, estão três figuras: duas mulheres e um homem. Uma delas, em arroubo e toda enlevada, toca no braço do pastor que parece a custo tirar o barrete e evidentemente lhe diz:

“Descobre-te, descobre-te depressa e dobra os joelhos; eis o Messias, eis o nosso Salvador!”

O que, porém, me causou assombro foi a verdade e energia de expressão do rosto da outra mulher. Vê-se que ela quer fitar o recém-nascido, mas não pode. Debalde procura com uma das mãos resguardar de tanto brilho os olhos deslumbrados! Ali fica o mistério a lhe agitar o pensamento. É a representação fiel do espírito de dúvida, antes de tocado pelo raio da fé. Na sua fisionomia desenham-se, a um tempo, ardente curiosidade, enleio quase doloroso, vacilação, inquieta preocupação, um sem-número de sentimentos novos e encontrados que, depois de curto embate, vão todos fundir-se aos toques da suprema verdade. Essa luta veemente ao lado da aceitação instantânea que expande no rosto da companheira, como o desabrochar de íntima irradiação, é um rasgo imenso do gênio de Corregio!

E depois que suavidade de colorido!... As carnes da tenra criança! A luz que se projeta daquele centro ofuscador! Que elegância de pincel! Quanta ciência do escorço nos anjos que pairam lá em cima!

Rafael era divino, mas Corregio também era pintor!

.....

VII

Um grande baile oficial em Versailles

Paris, 24 de outubro de 1878.

DA GRANDE festa de Versailles de 22 do corrente mês guardarei sempre uma viva recordação: o arrependimento de lá ter ido.

Diziam maravilhas daquela esplêndida função, que devia acordar todas as magnificências, há mais de século adormecidas, do suntuoso palácio de Luís XIV. Distribuíram-se vinte mil convites, deixando de ser atendido talvez dobrado número de pedido e instantes empenhos. Assim, pois, entrava eu no invejado círculo dos felizes que podiam ir de perto contemplar aquelas grandezas, recebendo do Presidente da República francesa opulenta hospitalidade por uma noite.

A primeira dificuldade, contudo, era chegar a Versailles. Como fazer? Havia o caminho de ferro e depois a linha de *tramways*; mas, desde muito antes do meio-dia de 22, apesar da chuva, que caía a cântaros, açoitada por violenta ventania, os trens estavam sendo tomados de assalto e partiam atropetados de homens e senhoras, que tudo afrontavam para alcançar um lugar. Dessa gente, aumentada pelos curiosos que saíam das estações intermediárias, parte dispersava-se pela cidade conquistando os mais insignificantes cômodos dos hotéis e hospedarias, parte corria, debaixo dos aguaceiros, para o parque e jardins do palácio, onde, à espera das prometidas iluminações, patinhava a gosto no lamaçal das aléias, molhada até aos ossos.

Parece que era curiosíssimo ver aquele ajuntamento, em que grupos e grupos de famílias, improvisando abrigos debaixo das árvores, formavam grotescos acampamentos, cuja alegria e animação faziam frente a todas as contrariedades.

Quanto a mim, meti-me às 7 horas da noite em um carro com mais quatro companheiros e lá fomos rolando em direção a Versailles, como outrora o grande rei. Felizmente levantara um tanto o tempo; mas, além da umidade desagradável, continuavam fortes lufadas de vento.

Às 9 ½ horas avistávamos as iluminações do pátio de honra. Os *jablockoffs* resistiam valentemente às rajadas, mas os copinhos de cor e bicos de gás apagavam-se a cada instante, de modo que o primeiro aspecto nada apresentava notável e brilhante. Aí começou a cauda dos carros, coisa interminável e que nos tomou duas boas horas! Do fogo de artifício, que foi então queimado, só vi algumas lágrimas cambiantes e era só o que podia ver, a menos de tomar o expediente de um alto personagem chinês, que ao nosso lado saiu da sua magnífica carruagem para ir assentar-se na boléia, ao lado o cocheiro, deslocando o lacaio.

Enfim à meia-noite, mais ou menos, púnhamos pé em terra, diante da única porta que naquela imensa vivenda havia sido reservada para o grosso dos convidados. Também era tão compacta a multidão, que enchia o corredor, subia as escadas e transbordava pelas salas que não se davam dois passos seguidos.

Surgiu então séria dificuldade: desembaraçar-se dos sobretudos, mantas e capotes, cujo peso e calor agradáveis fora tornavam-se inatúráveis portas a dentro. Já haviam sido entregues milhares de cartões, e os criados não tinham mãos para receber tudo quanto centenaes de braços freneticamente esticados lhes apresentavam para guardar.

O que fiz então foi escorregar um franco entre os dedos do contínuo que fazia sentinela numa das entradas interiores, prometendo-lhe segundo, se à saída encontrasse a minha excelente capa de pelúcia por detrás da estátua de Miguel de Montaigne, em que a encafuei. Tomado de súbito zelo, aquele estimável guarda afiançou-me dar conta exata do depósito, e, para vigiá-lo melhor, atirou-o irreverentemente em cima da cabeça do memorável filósofo.

Fui aos poucos progredindo, vencendo os primeiros degraus da escada. Aí o aperto tomou proporções assustadoras. Se não fora a impenetrabilidade dos corpos, muitos teriam desaparecido. No meio de gritos angustiosos de senhoras, imprensando ricos *toilettes*, pisando em caudas de seda e gaze, agarrando à direita e esquerda condecorações, bordados, dragonas e fitões, aquela condensada massa flutuava de um lado e de outro, oscilando para diante e para trás, sem poder avançar.

De repente produziu-se uma corrente descendente furiosa, formada por aqueles que, repelidos das salas, buscavam, a todo o transe, sair, achar ar e liberdade. Foi então imprescindível trabalhar com os punhos e cotovelos. Esquecidas as leis da civilidade, cada qual tratava de defender as suas costelas e procurar um meio qualquer de caminhar ou para cima ou para baixo.

Sem saber como, e quase sem ter sentido debaixo dos pés degraus, achei-me no patamar da escada, diante de um corredor, cuja porta abriu-se casualmente. Enfiei por ele e alcancei uma sala escura em que havia comprida mesa com bandejas de sorvetes e sanduíches.

Sem perda de tempo retempererei as forças, mas não achei comunicação para o interior, de maneira que lá fiquei encantado; tanto mais quanto acabara de entrar uma onda de gente, impelida sem dúvida como eu fora. Causava dó ver o estado em que chegavam as senhoras àquela guarida. Umhas com os vestidos rotos e machucados atiravam-se no chão, pois não havia cadeiras, outras em braços e completamente desmaiadas eram deitadas a fio comprido sobre a mesa, servindo-lhes de travesseiro as mantas e capotes que por acaso se encontravam. Aquilo não era mais uma festa: tomava ares de debandada – espécie de pesadelo após lauta refeição.

Naquela sala protetora fiquei outras duas horas, indo de vez em quando verificar se havia meios de penetrar no baile. Enfim, às 3 horas da madrugada entrei na célebre galeria dos espelhos, que estava com efeito deslumbrante, mas ainda tão cheia de gente que os valsistas giravam no mesmo lugar tempo infinito, fazendo prodígios de rotação sobre si mesmos.

Chegar, ver e partir, foi o que fiz, por isso que, entregando segundo franco ao meu fiel contínuo, sem dificuldade desembarcei a bela e pensadora cabeça do ilustre Montaigne do peso que a acabrunhava. Para aqueles que tinham deixado à entrada os seus sobretudos e paletós, esses longos

quartos de hora da saída foram atrozes. A confusão tomou tal incremento, que os criados, no auge do desespero, agarrando braçadas de capas, mantos e roupas, atiraram tudo ao pátio, onde, ao frio intenso da noite, senhoras decotadas e homens de casaca e gravatinha branca, saídos do calor do baile, procuravam ansiosamente o que lhes pertencia, ou tomavam ao acaso tudo quanto lhes parecia mais de jeito. Foi coisa sem nome!

Às 7 horas da manhã entrava eu no meu hotel, *jurant, mais un peu tard, qu'on ne m'y prendrait plus.*

.....

VIII

Carlos Gomes em Milão

Lecco, 12 de novembro de 1878

NA BELA estação da estrada de ferro de Milão, um homem moreno, de feição expressiva, olhos negros, coma grisalha e metido num sobretudo que lhe descia aos pés, precipitou-se sobre mim, apertou-me freneticamente nos braços e beijou-me as faces. Era Carlos Gomes. Apresadas, atropeladas, saíam-lhe dos lábios inúmeras perguntas sobre o Brasil, o Imperador, os amigos e conhecidos do Rio de Janeiro, o conceito que dele faziam, a confiança que porventura merecia, sobre mais isto e mais aquilo, o transbordar, enfim, sincero e impetuoso de um coração de artista e de patriota. “Há tanto tempo”, exclamava ele tomando-me as mãos, “que não digo uma palavra de português!... E é tão bom a gente exprimir-se na língua que falou em criança!”

Fomos para o grande hotel de Milão, à Rua Alessandro Manzoni. Nem de propósito, por feliz coincidência anunciaram os cartazes suspensos à porta que no teatro *dal Verme*, o único que trabalha agora, naquela noite representava-se o *Salvador Rosa*. Ato contínuo e a pé dirigimo-nos para lá a tomarmos um camarote.

Pelas ruas, Gomes era muito cumprimentado, pessoas deixavam a calçada do lado oposto para virem dar-lhe a mão com verdadeira afetu-

osidade. No teatro, desde o porteiro até ao diretor, acolheram-nos com sorrisos e facilidades. “Para o *maestro*, tudo”, diziam eles e, como eu ia sendo à medida apresentado pelo *maestro* com calor e quase entusiasmo, a amabilidade italiana tomava formas de pomposa exuberância. Camarote, o melhor, libretos, entradas, tudo foi-me oferecido no meio de muitos elogios ao Brasil. “Que terra! Que natureza! Que Imperador! Que talentos!”

À noite, depois de passearmos todo o dia pela cidade. – Agora, cá do meu lado exclamo: “Que belezas! Que monumentos! Que magnificências!” – Fomos, eu e minha mulher, ao teatro. Gomes, apesar de estar com o peito muito atacado de um defluxo e já com uma pontinha de febre, quis por força acompanhar-nos. À porta, um menino apresentou-lhe o *libretto*, gritando: “Salvador Rosa! A grande ópera!” O porteiro, que viera abrir-nos o carro interpelou-o, rindo-se:

“Então, tolinho, não conheces ainda *o maestro*? Queres vender pão ao padeiro?”

O teatro *dal Verme* é vasto e elegante. Foi enchendo-se aos poucos. Às oito menos um quarto começou a *ouverture*, executada por excelente orquestra. Gomes não estava, contudo, satisfeito, aliás, como sempre. “Não acho sonoridade, resmoneava ele; os violinos não cantam. Estes músicos ainda não compreenderam o que eu quis dizer!”

Nesse tempo a sala estava quase cheia. Também a inspirada canção de Gennariello:

Mia pêccérella, deh? vieni allo mare
Nella barchetta v'è um letto di fior!

foi muito aplaudida e bisada. Cantava-a, aliás, a favorita do público, a senhora Elena Boronat, que tem voz fresca e extensa. Tão feliz não era Salvador Rosa, cujo papel o tenor Frederico Devillier, conhecido no Rio de Janeiro pelo seu fiasco, interpretava pessimamente, ou melhor, assassinava. A cada nota desafinada, e não eram poucas, Carlos Gomes metia a mão nos cabelos, erguendo com fúria concentrada aquela legítima juba. A primadona Contarini, que fazia de Isabela, é boa, mas está um tanto cansada. Com muito sentimento disse a bela *romanza*.

Volate o libere
Aure dei cieli

e no apaixonado dueto do 3º ato com o Duque d'Arcos, o *signor* Tamburlini, mereceu as palmas que colheu. Quanto a Massaniello (Bertolasi) não compensava com a voz a impropriedade de seu tipo avolumado e um tanto grotesco.

Apesar dos senões da interpretação, a ópera agradou-me imenso. Os dois últimos atos; sobretudo têm cousas muito notáveis, e que arrancaram sempre aplausos de um público habitualmente desatento.

No 4º ato foi novamente bisada a canção de Genariello, e se a Boronat não se declarasse fatigada, teria sido repetida pela terceira vez. “É sempre assim, disse-me Gomes, o que nada me custou, o que escrevi apenas num momento de bom humor, causa todo este barulho, ao passo que a *Fosca*, que é um trabalho sério, consciencioso e cheio de valor, foi recebido friamente. Retrataram-se, é certo; cobriram-me de flores e palmas com a mesma *Fosca*, mas o golpe já estava dado. Desse tempo é que datam os meus cabelos brancos. Compus *Salvator Rosa* em seis meses, como mero desabafo.”

A linguagem de que usa Gomes é sempre imaginosa e pitoresca, um tanto *acaipirada*. Assim, quando ao finalizar Devillier a ária do 1º ato

Forma divina, eterea
Di luce e di candor,

que cantou sempre meio-tom abaixo, engasgando-se por vezes, gritaram *bis*, Gomes exclamou do seu canto e frenético: “Qual bis! Qual bis! Toca o boi para diante!”

Nos entreatos vieram ao nosso camarote o diretor do teatro, o Sr. Villa, e o regente da orquestra, o Sr. Cialdo Cialdino. Este contou-nos que o tenor gabara-se de estar numa de suas melhores noites, tendo naturalmente chegado a contentar o maestro, cuja presença sabia no teatro.

O Sr. Villa mostrava-se satisfeito com a casa que tinha. “Gomes, disse-me ele, é o favorito do público”. É hoje a 10ª representação desta ópera na presente estação, e, entretanto, acode sempre gente. Agora simultaneamente dá-se o *Salvator* aqui em Milão, em Florença, Roma, Nápoles e Malta.”

Em Florença foi escolhido para o espetáculo em grande gala, por ocasião da chegada do Rei Humberto.

Sem termos visto o bailado que se seguia, voltamos para o hotel à meia-noite.

No dia seguinte, pela manhã, fui à casa do maestro, 2º andar, nº 10, Via Soncino Merati, mais viela do que rua, pois é tão estreita que nela mal entra um carro. Achei-o de cama, tendo ardido toda a noite em febre.

Ainda assim estava já de lápis em punho a corrigir as últimas provas da *Maria Tudor*, cuja redução para piano e canto por N. Celega sairá por todo o mês de dezembro, formando uma das mais belas e luxuosas edições que dará o importante estabelecimento Recordi.

Esta ópera é a grande esperança de Gomes e de sua extremosa e inteligente esposa Adelina Péri.

“Se *Maria Tudor* for por diante, então editores e empresários não de ficar comigo que nem cordeirinhos.”

Ali mesmo executei ao piano uns trechos que me pareceram excelentes e cheios de harmonias contraponteadas.

Para compor, Carlos Gomes lê e relê o libreto que lhe dão; não o deixa noite e dia; decora-o; leva-o consigo a toda a parte; a cada instante o consulta. Possui-se do assunto quanto possível; depois num dia de maretta senta-se à mesa do trabalho e rapidamente enche cadernos e cadernos de papel de música. Muitas vezes, num ímpeto de impaciência, rasga tudo quanto escrevera durante semanas inteiras e recomeça logo, sem guardar nada da primeira inspiração. Com a *Maria Tudor* aconteceu que, estando pronta para o prelo, julgou dever modificar alguma coisa e de emenda em emenda, a cortar ou aumentar, refez de princípio a fim toda a partitura. Eis o labutar consciencioso, a aspiração irresistível à perfeição, acompanhada dessas agitações íntimas e contínuas, que o poeta pintou neste verso:

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo, e que nesta vida tudo podem dar, ovações, grandezas, glória, apoteose, menos a felicidade.

Se ele quiser ajudar-se ao piano, a improvisação o levará por veredas sem fim e nada lhe ficará de horas e horas de melodioso devaneio. É preciso agarrar pelos cabelos a imaginação e obrigá-la a caminhar de modo que a pena possa seguir-lhe os precipitados passos.

“Estou pensando muito na *Moema* que você me mandou, disse-me ele, mas tenho medo de me meter outra vez com bugres! Preciso, enfim, remexer tudo aquilo nesta caldeira, a minha cachola.

“O maldito Ghislanzoni, o melhor libretista da Itália, foi encafuar-se em Lecco, ficou um esquisitão, ainda sempre arrufado e faz-me uma falta imensa.”

De todos os lados, aliás, enviam-lhe libretos, dramas líricos ou cantatas para serem postos em música, todos com pomposas dedicatórias, legítimas filhas do engenho meridional.

Entregue de corpo e alma à família, Carlos Gomes, compõe, instrumenta, combina todos os efeitos de orquestra, faz e desfaz no meio do barulho e gritaria dos seus dois filhos Carlos André e Mário. Nasceu-lhe, há dois meses, uma gentil filhinha, que se chamará Ítala. A sorte dessas crianças preocupa-o muito. “Que serão elas, nascidas e criadas aqui? Meus filhos italianos?” E batendo com uma mão fechada na outra, protesta com violência: “Não quero!” Hão de ser brasileiros. É a pátria deles o Brasil!”

Perguntei-lhe se não pretendia ir um dia estabelecer-se no Brasil. “Eu bem quisera! E daí quem sabe? Mas como sair deste centro da maior agitação musical? Todos os anos apresentam-se na Itália, e principalmente aqui, para mais de 40 óperas novas em concorrência. E quantas de afundam para sempre! Onde está Marchetti? Onde Auteri, que apareceram como astros cheiros de esplendor e sumiram-se como meteoros. Que teatro dá mais *Dolores*? Quem sobrenada é Ponchielli, uma grande esperança!

O *Guarani* continua em sua carreira ascensional! Disse-me o professor Celega que só na Itália o editor Lucca já tirara para cima de 250.000 francos líquidos, e de contínuo o levaram à cena em Trento, Trieste, Barcelona, Madri, Malta, sem falar na América.

“Foi a minha salvação o *Guarani*, exclamou Gomes. Sem ele, eu estaria hoje, quando muito, professor de piano e música, sou por isso grato a Lucca, mas entreguei-lhe a fortuna de meus filhos!”

E note-se que aqui nos lugares nos teatros são baratíssimos, ridículos até. Um bilhete de platéia custa 1 fr. 25 cents.

Na tarde de 10, voltei à casa de Gomes e só às dez horas é que me levantei para sair, apesar de seus protestos. “Espere mais um pouco, homem, pedia ele, tenho tanto que lhe perguntar!” A fazer-lhe a vontade, ficaríamos a noite inteira a conversar.

Meio receoso de me perder e a tiritar com frio, tomei por uns becos, dobrei a Rua Pietro Verri, saí na de Bigli e, ao desembocar, esbarrei com a porta do meu hotel.

Na manhã de 11, fui então dizer-lhe o adeus de despedida. Passara melhor a noite e pretendia nesse dia levantar-se.

A senhora acompanhou-nos até ao momento em que entramos no carro, que nos levou à estação do caminho de ferro com destino ao lago de Como.

.....

IX

Veneza ao luar – São Marcos – O palácio dogal A escola veneziana

Veneza, 15 de novembro de 1878



QUE GRANDIOSA e singular cidade, esta Veneza!

São 11 horas da noite; faz um luar esplêndido, e um mundo de recordações repassadas de melancolia esteve a tumultuar-me no cérebro, enquanto, recostado à balaustrada de uma das janelas ogivais do palácio Bernardi – hoje Hotel Danielli – deixei o olhar pairar absorto, de lado e doutro, desde a ponte *della Motta* até à entrada do canal Grande.

Defronte de mim, numa das 120 ilhas deste prodigioso arquipélago, ergue-se a majestosa igreja de São Jorge Maior, cuja bela fachada desaparece na sombra, ao passo que a cúpula central e o elevado campanário, recebendo de soslaio um raio de prateada luz, brilham com suave serenidade.

Além, lá para os lados da Giudecca alteia-se, como que de vaporoso limbo, o templo do Redentor, obra-prima do arquiteto Paládio; mais perto resplandecem o globo dourado e a estátua da Fortuna na torre da *Dogana del Mare*, e um pouco para traz a lanterna e os mármore de *Santa Maria della Salute* vão tendo aqui e ali uns pontos cintilantes.

Quanta calma!

Nas águas esverdeadas e límpidas dos canais de São Jorge e da Giudecca alarga-se já argenta esteira, superfície lisa e polida, que nenhum sulco de barca ou negra gôndola risca agora.

Cessou todo o alarido no cais dos Esclavões. No relógio da praça de São Marcos, não há muito, os dois índios de bronze intercaladamente bateram onze badaladas, que o *campanile* e as múltiplas igrejas, de um extremo a outro da cidade, repetiram, cada qual no seu tom e com intensidade diferente.

O céu, depois de dois dias de incessantes aguaceiros, está quase limpo de nuvens e desdobra-se como imenso vélum, de um azul tão puro e esbatido que os olhos humanos como que penetram e devassam os mistérios do firmamento.

Poucas estrelas, aliás; aqui e acolá, no espaço, alvas névoas, que, ao sopro da brisa um tanto fria, caprichosamente se transformam, se agrupam ou se desfazem.

Defronte da Catedral de São Marcos, cheia de magnificências orientais, que de dia eu contemplara com assombro, estive esperando duas horas quando menos, pelo emergir da lua. Às 8 ½, as cinco cúpulas bizantinas da basílica foram, cada qual por seu turno, destacando-se num fundo esbranquiçado e aos poucos colhendo a princípio linhas, depois faixas de luz cada vez mais vivas. Afinal o astro, desferindo por entre elas uns raios intensos, surgiu como que de repente e iluminou todo um lado da praça, parte do palácio real, a mimosa *loggetta* de Sansovino, projetando no chão a arcaria do átrio que Napoleão I mandou construir, e adiante na *Piazzetta* a sombra dos seculares monólitos que sustentam, um o leão alado de São Marcos com a pata sobre o Evangelho aberto, outro o São Teodoro, primeiro padroeiro de Veneza, em cima de um crocodilo.

O antigo alcáçar dos doges mais e mais se enegreceu, escondendo numa de suas sinistras dobras a Ponte dos Suspiros, à espera que por sua vez lhe tocassem também algumas parcelas luminosas para fazer valer o rendilhado elegante das janelas mouriscas e o bordado aéreo das sacadas e varandas...

Deveras me considero feliz. Quando estava ameaçado de só ver Veneza por tempo borrascoso e molhado, rompeu belíssimo dia, que cambiou em formosa noite.

Também com chuva ou com sol, não perdi sequer um instante e, ora flanqueado de um cicerone assaz inteligente, ora sem ele e só com o Baedeker em punho, já de gôndola, sulcando os sinuosos *rii* (canais), de onde surgem palácios e casebres, já a pé e por vielas estreitas e tortuosas, fui visitando, tudo quanto mais de perto deve merecer a atenção de um viajante apressado.

Para bem se apreciar Veneza e conhecer de suas riquezas, sobretudo artísticas, fora necessário consagrar-lhe meses, alugando, como fez Lorde Byron, o Palácio Mocenigo para lá passar estações inteiras.

É um deslumbramento contínuo e natural o sentimento que, depois de séculos e séculos de poderio e existência, houvesse para sempre desaparecido da face da Terra aquela original organização política e social, misto de horrores, intrigas, risos e glórias, monstruosa oligarquia, que produziu tamanhas coisas e tão extraordinária cidade. Daqueles tempos ainda restam algumas casas ilustres, apelidos sonoros, que nada mais são do que um eco que vai morrendo.

Que não fizeram em belas-artes? Verdade é que nos templos e palácios só se ouve, quase exclusivamente, citar três nomes, Ticiano, Tintoretto e Paulo Veronese; mas como esses homens colossais trabalharam, que obras produziram, que imaginação, quanta variedade e audácia na concepção, que abundância, que fecundidade, e acima de tudo quanta ciência!

Para eles não havia tela que chegasse, parede demasiado extensa.

Precedidos por João Bellini e Victor Carpaccio, que para mim foram uma revelação, Bocaccino e Cima de Conegliano, e Giorgione, aqueles mestres dos mestres têm, em diversas épocas, como que grupadas em torno da cintilante trindade gerações de artistas da força dos dois Palma, Sebastião del Piombo, Marconi, Lotto, Bonifazio, Pordenone, Moretto, o infatigável Bassano, Paris Bordone e Padovanino, que encheram a cidade ducal, rainha dos mares, e esposa do Adriático, de verdadeiras maravilhas, já pelo imenso desenvolvimento da composição, já pela valentia, energia, verdade e exuberância do colorido.

Academia, palácios e igrejas não têm quadros senão dessa escola, mas qual outra também pode sustentar a competência?

Falei há pouco de Giovanni Bellini. Eu considerava-o, pelo que vira em outros museus, como um desses notáveis vultos da pintura,

que, em época de transição, haviam preparado a grande epopéia do Renascimento; mas em Veneza vim encontrá-lo verdadeiro gênio, palheta de primeira plana. As madonas que criou, embora um tanto pedadas nos gestos e posições, são belíssimas, quase tão belas e etéreas como as de Rafael, vencendo o divino Sanzio no vigor do colorido. Na sacristia do templo da Redenção há três virgens de Bellini, que me causaram verdadeiro pasmo.

No museu há dele painéis excelentes, de vastas proporções, e que mereceram colocação na sala II, sala de honra, riquíssima de ornamentos, mas infelizmente bastante escura, onde imperam as duas obras-primas de Ticiano e Tintoretto: a admirável *Assunção da Virgem* e o *Milagre de S. Marcos*.

É aí que também se vê o primeiro trabalho de Ticiano, *A visitação*, feita em tenra mocidade, e o último *O enterramento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, que ia completar 98 anos de idade, quando a morte lhe tirou a custo das mãos o magistral e inexcédível pincel. Palma o Moço deu-lhe os últimos toques, declarando por baixo da tela que só por ordem da República a tanto se atrevera.

Nas salas XV, XVI e XVII os quadros tomam agigantadas dimensões. Muitos personagens do primeiro plano, embora duas e até três vezes maiores que o natural, nada têm em si monstruoso e desconforme. É tão-somente o símbolo da grandeza. Aí prima Bonifazio, tão mal representado em todas as outras galerias do mundo, e cuja vivacidade de tom e combinações arquitetônicas permitem-lhe vantajosamente lutar com Paulo Veronese. Aí se acham deste mestre o *Banquete em casa de Levi*, primor de perspectiva aérea, cheio de pompa e ofuscante luz; aí a célebre *Apresentação de Nossa Senhora no templo*, por Ticiano.

Na sala XVII vi uma tela, que, me parecendo de mestre, destoava com tudo e muito da tonalidade geral. Cercada de gente veneziana, estava como que deslocada, de uma cor frouxa, fria, de atitudes teatrais. Consultei o meu Baedeker, nada me disse. Chamei então um guarda e, escorregando-lhe na mão uns *soldi*, perguntei o nome do autor. “É, respondeu-nos ele com ar enfático, que adotam os guias em todos os museus e coleções, de um célebre pintor francês Carlos Lebrun, e foi mandado de Paris em troca de um quadro de Paulo Veronese, que ficou no Louvre.”

Falava das *Bodas de Caná*. Não há dúvida possível, os franceses na barganha não perderam.

Tintoreto, que possante individualidade! Que prodígio de atividade! Não se dá um passo em Veneza sem se deparar alguma obra desse incomparável engenho! Na *Scuola di S. Rocco* tudo foi por ele pintado. São salas, e salas amplas, escadarias suntuosas, paredes que não acabam mais, cobertas de alto a baixo por sua incansável mão. Sempre os mesmos assuntos, mas uma variedade inimaginável, espécie de caleidoscópio, que com três ou quatro elementos dá uma multiplicidade indefinida de combinações.

E, depois, que figuras, que braços, que pernas! Que imaginação vai por ali! No palácio dos doges há dele uma cena gigantesca — *As glórias do Paraíso* — perfeitamente conservada, contra o que eu lera não sei onde, em que mais de 600 tipos de bem-aventurados têm o seu movimento e expressão diferentes. É a maior tela do mundo. Parece espantoso que um homem pudesse ter tido o tempo material de cobrir simplesmente de tintas tão vastas superfícies!

S. Marcos, um dos monumentos mais extraordinários em galas e pompas mais pitorescos que se pode encontrar, todo coruscante de mosaicos de ouro, todo cambiante das cores as mais variadas e vivas, atopetado de preciosidades, e encerrando centenários e centenários de colunas de todas as espécies, épocas e procedências, pois grande parte foi trazida de Constantinopla, da Grécia e do Extremo Oriente.

Outras igrejas primam pela singeleza e severidade das linhas.

A dos jesuítas, que decerto não entra neste número, é toda forrada internamente, desde o ápice do zimbório até ao chão, de mármore branco incrustado de serpentina, formando arabescos verdes sobre fundo branco, espécie de tapeçaria de gosto muito duvidoso, mas luxo inexcusável.

Na de *Gli Scalzzi*, cada família nobre de maiores cabedais e importância em Veneza tomou conta de uma capela, travando entre si renhida luta de riquezas e esplendores, que deixa a gente deslumbrada de tamanha ostentação e vaidade.

Tudo isso, porém, tem um lado mau e profundamente contestador. Em legítimos museus transmutam-se os templos, as casas de oração, donde a simples curiosidade ou a impressão e o sentimento artísticos ex-

cluem totalmente o menor espírito religioso. Neles há tudo, menos unção e recolhimento. É de ver-se o desembaraço com que os guias, sacristães e até padres falam alto, criticam, comparam, gesticulam, apontam e nos altares arredam os crucifixos e imagens sagradas para fazerem valer este ou aquele lavor mais oculto, obra de Santorino ou Bonazza ou qualquer outro artista de marca.

Durante os ofícios não cessam, como na França, Inglaterra e Alemanha, as visitas, o estrépito dos passos e o vozear das conversações ruidosas. Não; continua-se a passear por todos os lados e recantos, e chega-se, sem cerimônia alguma, junto do altar em que o sacerdote está celebrando o sagrado sacrifício da missa.

Em algumas igrejas de Milão, notei verdadeiro alarido, bandos de crianças de colégio a brincarem a cabra-cega e a jogarem taponas, viram até galinhas com ninharias de pintos; nas de cá mais respeito e ordem, mas em toda esta Itália, tão bela quão cheia de desenganos e desgostos, a questão é sempre de dinheiro, por pouco e ridículo que seja.

É uma praga a ganância de baixa esfera, a mendicidade disfarçada, que dão incessantes assaltos ao viajante. Não se pode andar sem os bolsos cheios de moedinhas de cobre para distribuí-las de instante a instante. Se alguém pára diante de um edifício, se parece estar examinando-o, e, sobretudo se consulta um livro, acode logo uma chusma de vadios e malandros, que com modos revoltantemente obsequiosos e ferozes volubilidades oferecem os seus serviços técnicos, vão dando explicações e impondo-se, e, apesar dos protestos, repulsão e gestos de desprezo e fúria, exigindo pagamento. No interior das igrejas, são cenas quase idênticas defronte de cada altar. Acrescem então velhas de rosário em punho e lágrima no canto do olho, que por *due soldi* propõem-se a rogar à Madona, ou a este ou aquele santo de mais particular predileção, que vos dê um dia o Paraíso.

Ainda ontem, achando-me perdido num meandro de ruazinhas escuras, por perguntar a um indivíduo decentemente vestido a direção da Paça de S. Marcos tirou ele humildemente o chapéu e pediu a paga do *seu trabalho*. Dei-lhe 20 centésimos.

É de desesperar.

Muito há que perdoar a esta remota terra, tão infeliz e vilipendiada durante séculos, mas que afinal viu raiar a hora sublime da sua regeneração.

Nápoles, 20 de novembro

Aqui cheguei ontem por Bolonha, Ancona e Foggia. Abro a carta para acrescentar algumas linhas.

A cidade toda ela é festas, iluminações e frenéticas ovações ao Rei Humberto. O entusiasmo, após o atentado de Passanante, toca ao delírio.

Do seu lado, o Vesúvio está em plena erupção. À noite é um imenso braseiro, cujos ardentes reflexos iluminam as encostas do vulcão e, de quando, em quando, tingem de vermelho as águas desta soberba baía.

.....

X

Rafael – Pintores da Escola Romana
A primazia do pintor de Urbino
O Dominiquino – Ribera – Os realistas. Taine e Rafael

Roma, 28 de novembro de 1878

PARA mim hoje uma das provas mais cabais de que à contingência humana nunca será dado tocar à perfeição, é Rafael. Se, com efeito, aquele homem tivesse possuído a força e verdade de colorido a que chegou Ticiano em alguns dos seus mais célebres quadros, se, como o veneziano, houvera conseguido fixar na tela o frescor, animação e brilho da cútis, o frêmito da respiração a levantar o peito, as palpitações do coração que bate, carnes, enfim, a viverem, ter-se-ia erguido acima da natureza, desprendido um vôo angélico, pairado em região outra que não a nossa, atingido a perfectibilidade, e sido quase Deus.

Se não fora detido pela mão da morte na escada luminosa que ia subindo, quem pode dizer até onde não alcançara? Que passos de gigante desde as primeiras composições até à última – a *Transfiguração* – que ficou em meio! Aos 37 anos, que tantos tinha ele quando faleceu, ter criado tantas maravilhas, quando o gênio talvez de todo não se expandira!

Causa assombro.

Para quem acaba de ver Rafael aqui, no teatro de sua maior atividade, triunfos e apoteose, não parece simples gongorismo o epítáfio

que na sepultura do Panteon lhe pôs o Cardeal Bembo: “Vivo, receou-se a natureza ficar vencida; morto, extinta.”

Tudo quanto saiu de sua mão, ainda nos verdes anos da primeira mocidade, tem tal magia, tamanho encanto, irradiação por tal forma etérea e sobrenatural, tanta superioridade, que em todos os museus e galerias incontestavelmente lhe pertencem os lugares de honra. Então, quando ia tocar a meta, deve estar só, em sala separada, como em Dresda, consigo mesmo, ou, quando muito, ter ao lado uma *Comunhão de São Jerônimo*, como no Vaticano.

Decerto os frescos de Michelangelo na Capela Sistina são admiráveis, e causaram-me muito mais impressão do que jamais supusera. Há ali exuberante e impetuoso transbordar de gênio concentrado e um tanto feroz. Naquela compacta multidão de figuras agigantadas que enchem o teto e a parede do fundo, descortina-se um mundo de ciência, estudo e ousados arroubos; mas, apesar da grandiosa vizinhança e dos estragos do tempo e da umidade, quanto me agradaram mais os frescos de Rafael! Que harmonia e variedade, e já então quanto colorido! Ora gracioso, ora severo, meigo ou majestoso, aquele pincel fascinador não encontra obstáculos, nem experimenta cansaço.

No alto de uma janela fica o *Concerto de Apolo*, primor de elegância e delicadeza; em outro da sala imediata a *Libertação de São Pedro*, obra de fé e energia. Vê-se aí o cárcere esclarecido pela luz de um anjo, que acaba de baixar dos céus. Pois bem, abrigando-se com um anteparo os olhos da claridade do exterior, nota-se que aquele foco luminoso desfere centelhas em todos os sentidos, até para a frente sobre o observador; centelhas, porém, suaves, que não ofuscam, não ofendem as vistas, mas iluminam a alma e por entre as quais se desenham os mais objetos da prisão.

Na *Escola de Atenas*, *Disputa do Santo Sacramento*, *Expulsão de Heliodoro do templo* e no *Incêndio da vila* há tudo: vastidão de plano, excelência de execução, expressão exata das menores intenções, saber profundo, pasmosa erudição teológica, em suma, uma esfera imensa que abrange um sem-número de conhecimentos.

Quando a idéia primordial é do mestre e a palheta dos discípulos, ainda que eminentes, ressaltam como na *Batalha de Constantino*, o desenho, a distribuição dos grupos, a verdade das situações e movimentos,

mas desagrada o colorido vermelho carregado das figuras, que semelham homens de barro roxeado, travados numa luta cruenta e decisiva.

Vi em Bolonha uma *Transfiguração* de L. Carraccio, muito apreciada, aliás. Tudo aquilo, porém, é dramático, taumatúrgico, e patenteia o esforço do artista. Como que Cristo deu um pulo no ar, e todo contorcido, aproveitando a impulsão que levava, pergunta aos seus discípulos com um dedo levantado, à maneira de ponto de interrogação: “Se são capazes, adivinhem quem sou?” Os três apóstolos vão caindo, mas cada qual numa posição convencional e acadêmica.

Agora no quadro de Rafael, que sublime serenidade!... Nosso Senhor subiu placidamente uns degraus invisíveis, acha-se no espaço e ali, todo de branco, deixa-se ficar estático, radiante. Embora homem ainda na forma, supera a essência divina. Não pertence mais à Terra com suas misérias e dores. Todo ele é Deus!

Aos lados surgem Moisés e Elias, imóveis e leves como possantes águias a se libragem nas asas.

S. Pedro, S. Diogo e S. João prostram-se deslumbrados; apagam-se com o solo, amparam a cabeça com os braços, ocultam o rosto nas ervas rasteiras.

Um quer olhar, firmar a vista e fica deslumbrado, quase cego.

Só mais longe, em distância, é que S. Lourenço e Santo Estêvão podem, em místico arrebatamento, contemplar o estupendo prodígio.

Na base da colina, alheios ao milagre que se passa acima, congregam-se os outros apóstolos, vários homens e mulheres em derredor de um menino possuído de espírito maligno, que numa explosão, embora de ódio, proclama a divindade de Cristo. Dizem que essa parte não pôde mais ser pintada pela mão de Rafael, mas sim por seus discípulos, razão pela qual pretendem alguns entendidos severos e meticulosos reconhecer diversidade e mescla de coloridos.

A tanto não chega a minha penetração artística. O que lá vi pareceu-me sublime, dessas coisas diante das quais insensivelmente se descobre a gente, se entrou com o chapéu na cabeça.

Nessa sala da Pinacoteca do Vaticano ficam, como é sabido, três quadros. Este da *Transfiguração* – a obra-prima do pincel humano –, ao lado a *Comunhão de S. Jerônimo* do Dominiquino, e um pouco para trás a

Madona de Foligno, ainda de Rafael, prodigiosa de todo ponto, mas, quanto a mim, vencida pela de S. Sisto, também por essa tão-somente.

A grande tela de Dominiquino é, sem dúvida, digna da honra que lhe coube. Apesar de não ser original na composição, pois assim de relance parece reprodução de outra do seu mestre Agostinho Carraccio, que está no Museu de Bolonha, tem qualidades tão eminentes, tal vivacidade, gradação e combinação de cor, tamanha riqueza e gosto nos acessórios e ornamentação arquitetônica, que ninguém poderá estranhar colocação de tão alta significação.

É a maior glória da escola dos três Carraccios, o Dominiquino, talento esplêndido, caráter desconfiado e melancólico, e cuja vida, prematuramente atalhada pelo veneno que lhe propinaram infames rivais e inimigos, foi uma trama de sofrimentos e dissabores.

Formou ela também Guido Reni e Albane, mestres de nota, mas este demasiado se prendeu às delicadezas e facilidades dos gêneros anacreôntico e decorativo, e aquele, depois de belíssimas manifestações, degenerou, descorou no sentido exato da palavra e tornou-se flácido e empolado.

Painéis do Dominiquino há aqui em Roma magníficos. Na Galeria Borghese, em que passei hoje mais de duas horas, a *Diana rodeada de suas ninfas* é um ramalhete de rosadas e lindas caras, talvez um pouquinho vulgares, mas ressumbrando mocidade, alegria e deleite – tudo em pleno dia, banhado da luz do sol a pino; composição de meigos encantos, que desanuvia o espírito e lhe abre risinhos horizontes. No palácio Rosiglosi, onde estive ontem e que se visita principalmente por causa da *Aurora* de Guido Reni, o *Triunfo de Davi* é uma tela imensa e excelente, ainda que de colorido duro em algumas partes, defeito para que pendia o Dominiquino, cuja palheta Taine, não sei por que, acha mole e descorada.

Aquela *Comunhão de S. Jerônimo* é senão um rasgo de gênio, pelo menos o triunfo da consciência, o fruto precioso da meditação, que um raio de inspiração divina transformou em obra imortal e impôs à admiração dos séculos.

Não aprecio muito o apuro, tão do empenho de Ribera, com que foram assinaladas as inúmeras rugas, sinuosidades e peles caídas no ancião chegado aos últimos limites da vida; mas que devoção, quanta crença e fervor no seu olhar empanado e em que já baila a lágrima da agonia!

De toda parte assomam tristezas e saudades. É um lamento plangente da terra, de toda a criação, por perder aquele benemérito varão. Até o leão deitado no primeiro plano, conturbada a enorme face, como caída, sente o desalento abater-lhe a organização de ferro.

Olhai agora para o céu. Os anjos descem ao encontro do santo. Um deles, recostado a uma nuvem, acompanha com interesse aquele transe de dor humana que vai transformar-se em eterna bem-aventurança.

Como tudo aquilo é belo!

Nas menores minudências o exímio artista manifesta seu desenvolvimento e profunda observação. Conforme me dissera um ilustre crítico, com quem, há anos, conversei acerca desse quadro, reparei com surpresa na indicação fiel da tênue camada de poeira apegada aos pés descalços do menino de coro, que de joelhos segura os Santos Evangelhos. Que expressiva e gentil figura! Louras madeixas cercam-lhe, como auréola, a fisionomia, em que se refletem a curiosidade e despreocupação próprias da tenra idade.

29 de novembro.

Caminhar para o ideal, cada um na medida de suas forças, eis uma das mais reais e constantes aspirações do homem. Todas as produções artísticas que emanam do espírito empenhado nessa nobre tentativa, cativam-nos, subjugam-nos e, em doce enleio, contentam-nos o coração.

É sempre o triunfo do espiritualismo sobre o materialismo, que falsamente denominam naturalismo, quando a tendência em contrário está no homem e, portanto, na natureza.

Dessa vitória ainda é prova, e prova da maior robustez, Rafael.

Haja um quadro dele em qualquer parte, e todos acodem pressurosos. Fui a Dresde só por causa da *Madonna di San Sisto*. Quantos não farão assim? Contemplamo-lo com os olhos da alma e do espírito; tudo ali nos satisfaz; a custo nos desprendemos dele; ao deixá-lo de vista, nasce o desejo de tornar a vê-lo; de novo o visitamos, descobrindo sempre belezas peregrinas que de princípio nos haviam escapado. E tudo isto, por quê? Pelo toque de imaterialidade que soube infundir em todos os seus painéis, desde os tempos da adolescência, quando se penetrava das lições idealistas do Perugino, até ao dia em que foi mestre dos mestres.

Olhemos agora para uma obra-prima ao sabor dos naturalistas; por exemplo, o *Enterramento de Cristo*, de Ribera, que vi em Nápoles, no

convento de S. Martinho. De observação e verdade, dentro das raias da existência material, é com efeito prodigioso. O corpo, que vai ser dado à terra, tem, deitado sobre a mortalha branca, a cor lívida e repulsiva do cadáver, em que já trabalha a decomposição. As mãos violáceas; as unhas e lábios roxos: aqui, ali, manchas de cianose. Na esquálida feição, na boca aberta e repuxada, na frouxidão dos músculos, nas linhas dos ossos que se desenham rígidas, há a preparação do esqueleto descarnado e horrendo. É deveras o peso da morte esmagando a débil máquina humana.

Fica a gente tolhida e surpresa diante de tão viva representação, mas ao mesmo tempo surgem a repugnância e estranheza. Pois também as carnes de um Deus seguem as rápidas leis da corrupção? Porventura poderão, daqui a instantes, aqueles restos da substância que encerrara a essência divina ser pasto de ínfimos e imundos vermes gerados da podridão? A impressão é forte, mas com gosto se deixa o lugar e nunca mais a ele se volta.

Que diremos então de igual assunto tratado por Caravaggio?

No palácio Corsini há um *Prometeu* de Salvador Rosa, que é medonho como realidade.

O infeliz, com as entranhas de fora em que se ceva o impassível abutre, torce-se num espasmo de dor suprema, e roxo de tanto gritar com os membros quase deslocados, parece chegado ao último instante da vida. É de se porem os olhos e correr a buscar remédio e alívio ao mal que nos fez aquela arte a manejar com tamanho talento o que há feio, ignóbil, baixo e desgraçado neste mundo.

Consolem-nos as vistas e acalmem a alma agitada e possuída de indignação essas criações puras do Giotto, Botticelli, Fra Angélico, Pinturichio, Perugino que, como a aurora a formoso dia, precederam a vinda de Rafael e juntaram os elementos para essa admiração de todas as eras que forma o pedestal em que se alteia o vulto do divino Sanzio.

P. S. – Com o tão gabado livro de Taine sobre a Itália vou acompanhando o viajante pelas grandes cidades que visitou: Turim, Milão, Veneza, Nápoles e por enquanto Roma. Escrito com muita elegância e às vezes pompa de linguagem está, a meu ver, cheio de apreciações falsas, erros e até contra-sensos. As páginas, então, que dedica a Rafael, embora aos poucos vá adiante se desdizendo, são de um alambicado e de uma fa-

tuidade que nenhuma honra lhe fazem. Censura a torto e a direito, só acha defeitos, frieza, pouca naturalidade, placidez, parecendo, com tudo isso, ter uma tenção feita: fingida fascinação que todos experimentaram diante das telas do inexcédível mestre cujo defeito maior, disse pesadamente um crítico alemão: é a banalidade de sua glória.

Singular e triste humanidade!

.....

XI

Florença e o Renascimento – Os primitivos
O período de transição – A escola toscana – Rafael e seus mestres –
A grande trindade – Uma era de gênios.

Florença, 12 de dezembro de 1878.

BEM COMO para se acompanharem as fases de uma bela aurora, convém buscar uma eminência, de onde se descortinem largos horizontes e céus desassombrados, assim também para devidamente se apreciar o arrebol das belas-artes que em sua evolução crescente e secular produziu o esplêndido período do Renascimento, cumpre vir a Florença.

A princípio na densa escuridão da noite, nada pôde lobrigar o olhar indagador. Tudo são trevas ou, quando não, formas indecisas, quase fantásticas, filhas da ilusão fugaz e engrandecidas pela imaginação. Nos espaços cintilam apenas, como faróis de vacilante esperança, raras e cambiantes estrelas. Não tarda até que esses mesmos astros, que nos consolavam as vistas, vão, uns após outros, amortecendo o seu brilho e apagando os seus fulgores.

Por todos os lados o silêncio. Parece se não extinta a natureza, pelo menos presa de penoso e acabrunhador entorpecimento, perdidos o alento e a força.

Eis, porém, que aos poucos lá se tinge o oriente de duvidoso rosicler. Começa ali a branquejar o firmamento, qual se a subir da terra

lentamente fora desdobrando-se adelgado véu de gaze branca. Passam-se largos minutos: depois, nesse tinido alvacento acende-se, a medo, uma risca avermelhada que se alonga mais do que se alarga. Paralela a ela rompe outra, já mais extensa e afogueada; instantes após, terceira, essa, então, abraçada como uma linha de fogo.

São as barras do dia.

De manso se vai difundindo a claridade pelos céus além. Se por perto se acumularem condensadas nuvens, desenham-se-lhes os contornos como rúbidas e coruscantes curvas. Outras mais espalhadas e leves cambiam de cor-de-rosa ao roxo lírio.

Já aí principia a natureza a sacudir o letargo que a prostrara. Espreguiça-se lânguida, mas alegre e cheia de seiva. Toucam-se de clarões os píncaros das montanhas, cujos declives e lombas surgem da uniforme escuridade. Na terra borboriga o ruído da vida. Doce orvalho acorda as plantinhas do vale; zumbem os humildes insetos, e os pássaros, nas franças do arvoredo, chilram baixinho, ainda tontos de sono e como que a sonharem.

É nessa hora de indizível suavidade que nas matas do nosso Brasil o sabiá desfia essas notas soltas, puras e melodiosas que a calhandra daqui no seu hino matinal decerto não conhece.

Emerge, porém, a mais e mais a luz. O espetáculo, há pouco sereno e melancólico, transforma-se agora – é deslumbrante. Como centro de todas as riquezas, o sol, antes de raiar e ainda no berço em que rutilam a púrpura incandescente e montes de ouro e prata em fusão, arremessa em leque ofuscadores raios, uns enfeixados que tudo penetram, outros divididos que parece vão estacar e embeber-se nos nevoeiros da madrugada.

Cada vez mais se anima a terra; cada vez mais se ilumina o céu. Em cima desenrola-se o cerúleo manto; embaixo se avivam as cores mais várias e gratas à vista.

Rompe, enfim, uma onda de luz que se atira sobre o universo e de súbito o inunda, como vaga enorme do oceano a transbordar... e ergue-se o sol.

É dia!

Esta cena tão mal esboçada, mas que tantas vezes contemplei nas minhas viagens pelos sertões brasileiros é a representação fiel do des-

pontar desse sol intelectual que, na história da humanidade, se chama o Renascimento.

Vede no esboroar da sociedade antiga quanta desolação, que desgraças, que horrores! Só ruínas, só sangue, violências sem nome, infortúnios sem igual! A um tempo se alui tudo: instituições seculares, grandezas imensas, monumentos espantosos. Há um único incentivo: destruir, arrasar, nivelar tudo, a poder do fogo e do alvião, para erigir melhor o trono em que campeia a barbaria. De um extremo a outro da Europa, lavra pavoroso incêndio e, aos sinistros clarões da chama devoradora, desaparecem, sob a pata do cavalo de indômitos e desconhecidos invasores, e para sempre, da superfície da terra, inúmeras cidades, populações em peso e nacionalidades inteiras.

Depois... o abatimento da estupefação! Então sobre aqueles fumegantes destroços levanta-se a Idade Média, cárcere sombrio em que, durante séculos, esteve agrilhoadada a inteligência humana.

Na opaca escuridão cintilam apenas, aqui, ali, algumas estrelas para que se voltam as sofredoras almas... mas que caliginosa noite envolve a humanidade!

Não morreu, entretanto, de todo a esperança e, como na natureza, após longa e cruel ansiedade cujo grito mais ingente volta a férrea boca do Dante, aparecem, enfim, os primeiros sinais de uma aurora possível. No espírito do homem prepara-se lenta e gradualmente uma reação radiosa; em seu seio ferve imensa revolução que, abrangendo todas as manifestações intelectuais e agitando todos os problemas da vida social, virá a gerar o grande fato que se chama a civilização moderna.

Deixando, porém, de lado a apreciação complexa desse desabrochar simultâneo das ciências, artes e letras, que decerto me arrastaria demasiado longe dos limites de apressada correspondência consideremos, tão-somente o progredir da pintura que, talvez ainda mais de perto, siga a verdade da comparação assentada em começo.

Nela, com efeito, estavam totalmente perdidas as tradições que a podiam ligar à arte grega, cuja era filha degenerada a romana e deturpada a bizantina. Desaparecidas as noções mais simples e rudimentares, destruídas as mais singelas relações, rotos os elos da derivação, decorrem centenas e centenas de anos sem que se manifestem mais que tentativas informes, esforços sem valia, frutos enfim de um trabalho inábil e ingrato.

Nessas trevas tão densas o clarão precursor de nova era é Duccio de Siena, o segundo Cimabue, o terceiro finalmente Giotto, cuja irradiação em toda a Itália foi imensa e vivificadora.

Desde aí é que as preciosas coleções e monumentos de Florença tornam-se o histórico pausado, minucioso, único nas artes dessa luminosa progressão cujo último termo é ou Rafael só, ou uma plêiade de gênios como nunca mais viu, nem talvez verá o mundo, dominada pelo divinal filho de Urbino.

Nada conheço de Duccio, mas de Cimabue (século XIII) vi a obra capital no mosaico da meia cúpula que fecha o coro da catedral de Pisa: Cristo entre a Virgem e S. João Evangelista.

Há nessas agigantadas figuras falta quase completa de expressão, desajeito nos movimentos e posição, mas não são mais aqueles olhos atônitos, sem vida, ora oblíquos como dos chins, ora ovais como dos peixes, aqueles braços agarrados ao corpo, aquela puerilidade enfim de pincel dos chamados artistas bizantinos. Já ali há mão de nota, embora ainda peada pelo constrangimento de quem busca exprimir uma idéia e não acha como.

Dele ao Giotto há um passo enorme. Este arreda os acanhados limites que haviam tocado as lições do mestre e por suas fecundas produções espalha pela Itália sementes que não tardarão a germinar. É a criação que já dá sinal de vida.

Só se pode conhecer quanto vale o Giotto em Florença. O que se vê nos outros museus parecem meros *tentamens*, todos no gosto bizantino. Aqui de todos os lados se encontram os vestígios desse imenso talento, mas principalmente na Academia das Belas-Artes e na igreja da Santa Cruz, onde os seus grandes frescos, sem dúvida alguma, constituem a obra-prima da pintura no XIV século. Quanto esforço inovador não foi preciso para produzir aquilo! Que dificuldades vencidas para agrupar as figuras, procurar representar os sentimentos que as animam, fazer mexer os seus músculos, dar realidade à ação e cuidar de mil pormenores, cuja execução encerrava-se em outros tantos e complicados segredos! É de ocupar a reflexão de um filósofo, horas inteiras.

Estava, porém, desbastada das urzes que a cobriam a estrada perdida. Uma multidão de vigorosos engenhos surgem a trilhá-la, raios todos de

uma mesma glória concentrada a princípio em Florença, mas revelando cada qual novas aptidões, como a terra a desvendar os seus tesouros com o clarear do dia. Orcagna, Gentile da Fabriano, Giottino, Angelo Gaddi, Masacio, Felipo Lipi, Rosselli, o vaporoso Boticeli, Ghirlandajo, cujos frescos no Palácio Velho tomaram grandes dimensões, Benozzo Gozzoli, chamado a Pisa para terminar as pinturas murais do Campo Santo, e tantos outros!

A nota mais harmoniosa e celestial que se ergue de entre todos esses é Fra Angélico de Fiesole. Quanta poesia íntima, que misterismo ingênuo em tudo que saiu de sua mão! Há dele na Academia das Belas-Artes uma Madona sobre fundo de ouro que é uma carícia ao olhar.

Que pureza imaculada e que meiguice naquele rosto sereno, embora um tanto frio!

Vi também ali um *Juízo Final* que é admirável de sinceridade e infantis horrores. De um lado negros demônios que parecem vestidos de ferro movem-se freneticamente, uns a arrancarem a língua a cardeais e abades, outros a esquartejarem mulheres, estes fisingando condenados, aqueles a pularem como possessos que são, todos enfim buscando ser terríficos e medonhos, mas ficando a meio caminho dos seus tenebrosos desejos.

Olhai agora para o lado oposto. Dançam em roda uns serafins, e, na verdade, é impossível ser-se mais divinal. Um arcanjo, encolhidas as brancas asas, convida formoso adolescente a vir partilhar daqueles inocentes folguedos, e ambos são dois prodígios de graça e de candura...

Espalha-se, porém, o movimento Luca Signorelli, este último em Veneza, e, sobretudo, Mantegna, em Mântua, mestre no escorço, são claros indícios de que a arte vai tocar ao apogeu.

Sandro Botticelli pertence já ao período de transição, cujas três figuras proeminentes são o Perugino, Francesco Francia e o Pinturricchio. Há dele na academia das Belas-Artes uma grande composição – a *Primavera* – que ostenta qualidades da maior elevação. Não vou, contudo, como juízo entusiástico de um artista francês que em Roma, falando-me dessa tela, dizia-me levado da exageração própria de sua raça. “É de a gente pôr-se de joelhos!” Há uma mulher vestida de flores a fugir desengraçadamente dos abraços de um espectro, ou coisa que valha, esverdeado e meio inchado. Diante dela pulam e bailam é verdade, com leveza e donaire, três descoradas raparigas.

Chegamos, porém, ao Perugino, mestre eminente cuja direção tão bem encaminhou as tendências idealistas de Rafael. A escola toscana chegara quase ao zênite. Tudo estava preparado para a sua maior manifestação.

Perúgia e Florença representam o Oriente incandescente.

Não tarda que raie o sol!

Quer seja Rafael só o astro de luz, que tão cedo deverá obumbrar-se, quer a trindade de Leonardo da Vinci, Rafael e Miguel Ângelo, o certo é que há uma explosão de gênios e então a história registra esses nomes imortais, inexcedíveis, de Fra Bartolomeu, André del Sarto, Corregio, Giorgione, Palma Velho e o nonagenário Ticiano.

Nas belas-artes é dia feito!

.....

XII

A supremacia parisiense – Museus de França e museus de Itália –
Corrupção do teatro francês
Excessiva desigualdade social – Ânsia pelo regresso à Pátria –
Futuro que ao Brasil se antolha

Paris, 26 de dezembro de 1878

EIS-ME, enfim, de volta a esta grandiosa capital que de todas as partes do mundo e da Europa atrai irresistivelmente o viajante, como centro mais possante, senão quase único, da civilização e das luzes. Ande-se, com efeito, por todas as cidades deste Velho Mundo, esquadrinhem-se vilas e lugarejos, percorram-se todos os países, em nenhum ponto, por mais opulento, mais afastado, exclusivo ou antagonista que seja, deixará de manifestar-se logo a influência e incontestável supremacia de Paris, quer queiram, quer não.

Na Alemanha, Inglaterra, Suíça e Itália só vi, de todos os lados, mais ou menos, o arremedo do que se passa na admirada, invejada ou odiada França. Modas, opulentas lojas, iluminação, sistema de calçamento, irrigação, melhoramentos materiais, progresso intelectual, livros de ciência, romances, tudo traz o cunho irrecusável da iniciativa francesa.

No teatro, então, o avassalamento é completo. Em Carlsbad, Dresda, Viena, Berlim – onde há preocupação constante de em tudo ven-

cer Paris – só figuram nos cartazes peças de origem francesa; em Londres assisti à representação das incongruentes operetas de Hervé e Lecoq, e na Itália, infelizmente para a moralidade, reina soberano o moderníssimo repertório transalpino.

Centro das belas-artes, não há dúvida, é Paris. Aqui fervem rivalidades, competência, incitamento, lutas, paixões e partidos. O artista sente-se a cada instante debaixo das vistas de um público ardente e entusiástico. Estremece, palpita; vive, enfim.

Ide ao Louvre – está sempre cheio. E não são só viajantes; não – é uma afluência constante de parisienses, ou literatos, ou pintores a trabalharem e copiarem, ou gente ociosa, ou homens do povo. Entra-se de passagem; dá-se uma vista d'olhos por todos aqueles grandes mestres e, decorridos uns meses, volta-se a vê-los com o prazer de quem busca conhecidos simpáticos e amigos.

Depois, que azáfama, que multidão diante das exposições e vendas de quadros?!

Nos esplêndidos museus da Itália o contraste é flagrante. São imensas salas atulhadas de magnificências artísticas, mas vazias de admiradores. Frias, severas, marmóreas, vê-se, aqui, ali, encantado um ou outro copista magro, esquelético, que incontinênti oferece vender o que está começando, ou senão raros estrangeiros, quase sempre ingleses, a perambularem compassadamente, de Baedeker em punho, ou então ouvindo com ar fleugmático as explicações pasmosas dos seus *ciceroni*.

Entre parentes, são mesmo de pasmar os tais senhores guias e práticos da Itália! Com a maior petulância e em tom doutrinal, a todo minuto vão dando provas cabais da mais radical ignorância. Hoje adaptaram todos, como título de recomendação, terem servido às ordens do Imperador do Brasil.

Um desses, chamado Giovannino Calabrese, que me fora apresentado pelo dono do nosso hotel em Roma, quase como homem de ciência, logo no princípio do passeio que dávamos pela cidade, pôs-se a proferir tamanhas e tão ridículas barbaridades, erros tão grosseiros, que não tardei a impôr-lhe silêncio.

“Aqui, disse ele no Panteon a minha mulher, e apontando para o túmulo de Rafael, está enterrado um grande pintor, e deste lado do altar

o seu amigo íntimo e rival Annibal Carraccio.” Interrompi-o com indignação: “Que está dizendo, homem? Leia a data da morte de Rafael; agora a do nascimento deste Carraccio.” Ferido em seus bríos, quis contestar, e só se calou quando a custo decifrou os números romanos – 1520 e 1560 – A vista do *espicharetur* confirmado por outros de igual força, servi-me desde então dos seus preciosos conhecimentos para ir indicando ao cocheiro os monumentos que devíamos visitar e cuja descrição fui lendo no Baedeker. Ao pagar, aliás generosamente, o seu dia, perguntei-lhe se o Imperador do Brasil não fizera o mesmo. “Pouco mais ou menos”, respondeu ele com modéstia e um tanto confuso.

Em Florença, no palácio Pitti, encontrei, já vindo da galeria dos Ofícios, um brasileiro que às carreiras percorria aquelas salas, dirigido por um guia. “Está contente com o seu cicerone?”, indaguei. “Muito. Conhece tudo! É um artista.” Nem de propósito; parávamos diante da Vênus de Canova. – “Esta estátua, proclamou enfaticamente o tal artista, é a obra-prima da escultura! Já viajou.” – “Deveras?” – “Sim; foi levada até à sala da Tribuna. Ali depois de colocada ao lado da Venus de Médicis, uma comissão de entendidos firmou a sua imensa superioridade.”

Por honra da firma, julguei dever contrariá-lo: – “Não há dúvida, concordou ele com benevolência, para os tempos antigos, aquela obra é na verdade interessante. Hoje, porém, se fazem coisas muito melhores!...”

E lá se foram os dois, um a ganhar a sua diária, outro a ver desfilar diante dos olhos quadros e quadros que eram indiferentemente e a esmo batizados Rafael, Ticiano, Tintoreto, Guido Reni, Rubens, Van-Dyck, etc., etc.

E com esta criemos o parênteses e voltemos a Paris, de onde não havemos mais de sair senão para regressar à pátria.

E já me tarda esse dia!

Viajar é em extremo cansativo, como que uma obrigação penosa, fadiga contínua do corpo e obsessão constante do espírito, a querer tirar-se algum proveito do muito dinheiro que se despense e do tempo que se gasta. É preciso ver tanta coisa!... Sobretudo com um guia da natureza do Baedeker, miúdo, imperioso e implacável em suas indicações. Veja-se isto e aquilo e mais aquilo! Observe deste lado, deste outro! Suba a tal torre, desça... olhe para a direita, a esquerda, enfim, um nunca acabar.

E com tudo isso, quantos desenganos, que ilusões perdidas, quantas impressões desnorteadas – esperanças hiperbólicas que a muito pouco se reduzem.

Não sei se com todos acontece o mesmo, mas na minha opinião, o Brasil, assim mesmo como ele é, ganha aos olhos do brasileiro que viaja esta Europa.

Se há atraso em muitos pontos, e sobretudo mazelas, por cá, por todas estas pomposas capitais, ostentam-se elas ainda maiores, algumas até insanáveis.

Quem as tem mais do que Paris?

No meio desta opulência imensa e aparente grandeza, como não ver a humilhação do povo francês, como desconhecer o domínio absoluto da corrupção, o estado de decadência moral em que lentamente se vai, para desgraça do mundo inteiro, afundando esta nação tão generosa em seus instintos, tão nobre, e a quem tanto deve a humanidade?

Mais do que nunca, os teatros são o púlpito aplaudido dos maiores vícios e mais estupendas infâmias. A poder de sutilezas e ditos de espírito, na verdade imenso, extraordinário, e de situações cômicas que fazem a gente estourar de gargalhadas, não há teoria que não se torne aceitável, cena escabrosa que não se veja, doutrina perversa que não se pregue, tocando-se sem estranheza até aos domínios da crápula.

A tal nível se tem descido, que os jornais um tanto sérios, discutem já a necessidade da censura para tentar pôr um paradeiro a tão perniciosos desmandos. De entre os vinte e tantos teatros de Paris, só três, e isso pela sua natureza especial, podem abrir as portas às famílias que zelam os bons costumes; a Grande ópera, a ópera Cômica e Teatro Francês. Em todos os outros, o vício fala de cadeira e de modo tão amável, gracioso e risonho, que ninguém resiste às suas encantadoras lições.

Divertir-se, gozar, é a corrente que a todos arrasta aqui em vertiginoso redemoinho. Rir, folgar, passar o tempo sem sentir a vida, saciar a curiosidade por todos os meios, correr ao encontro de sensações novas, esquecer o lado grave da existência, é a preocupação real do legítimo parisiense. No meio de tudo isto, trabalha-se, muito, até com verdadeira energia, realizando, porém, a tese desenvolvida por Eugênio Sue, original e verdadeira – pelo menos neste enorme círculo dantesco.

“Todos os pecados mortais têm o seu quê útil e honesto.”

E quantas contraposições dolorosas, principalmente nesta estação agora que o rigoroso inverno torna mais cruel a falta de meios e mais insolente a ostentação da riqueza e do luxo?! Que tumultuar de cólera, ódio e desespero no coração da pobreza, quando ela contempla todas as tardes o estulto desfilar de pomposas carruagens para o bosque de Bolonha. Ali, em fofos coxins e abrigados por custosas peles, rodam os poderosos e elegantes que vão, ao sopro gélido da brisa, colher apetite para os delicados manjares de suas lautas mesas, ao passo que os miseráveis têm de voltar ao albergue em que, *seminus*, tiritam com frio, e choram de fome os desgraçados filhos!...

Deveras a Europa é interessantíssima, Paris esplêndida, mas já estou farto de tudo isso. A menos de querer entregar-me de corpo e alma ao estudo, coisa que não fiz, nem podia fazer, bastou de sobra esta digressão de oito meses, para que eu ficasse sabendo o que é o Velho Mundo, e em mim se robustecesse a crença de que o Brasil, com a organização e os elementos que têm, pode vir a ser uma nação importante e feliz, sem os seus grandes infortúnios morais e materiais.

.....
Índice Onomástico
.....

A

ABREU (farmacêutico) – 13
ABREU, Francisco Bonifácio de – 26
ALBANE (artista) – 151
ALMEIDA, (doutor, cirurgião) João Ri-
beiro de – 26, 81,
ALVES, Floriano Antônio – 73, 78
AMARAL FERRADOR – 81
AMÉRICO, Pedro – 14, 68
ANDRASSY (conde de) – 119
ANGELIS – 24
ANGLADE (os) – 89
ANGLADE, Leopoldo – 90
AQUINO (senhora) – 87
ARAMBÚRU (senhora) – 85
AUBLET (pintor) – 110
AUTERI – 139
ÁVILA, (frei) Fidélis de – 43, 51, 69, 92
AZARA – 24, 34

B

BARBOSA, Francisco de Assis – 9
BARRAL (condessa de) – 116
BARRETO, (brigadeiro/general) João
Manuel Mena – 11, 38, 40, 54, 55,
59, 63, 67
BARRIOS (coronel) – 32
BARRIOS (irmã do coronel) – 87
BASSANO (artista) – 143
BATTLE (presidente) – 98
BEACONSFIELD (lorde) – 118, 119
BEDOYA (senhora) – 85, 87
BELLINI, Giovanni [João] (artista)
– 143, 144
BEMBO (cardeal) – 149

BENITES, Angel (alferes de marinha) – 95
BENÍTEZ (alferes) – 96
BENÍTEZ, Gregório – 96
BISMARCK (príncipe de) – 119, 120
BOCACCINO (artista) – 143
BONAZZA (artista) – 146
BONHEUR, (pintora) Rosa – 107
BONIFÁZIO (artista) – 143, 144
BORDONE, Paris (artista) – 143
BORONAT, Elena (cantora) – 136, 137
BOTTICELLI, Sandro (artista) – 153,
(159 Boticeli)
BRETON (pintor) – 107
BUCHECK, Bertoldo de – 122
BYRON, Lorde – 143

C

CABALLERO (tenente-coronel, general)
– 55, 60, 63, 64, 65, 66
CALABRESE, Giovannino – 162
CÂMARA (general) – 69, 72, 77, 91,
96, 97
CÂMARA, (brigadeiro) Correia da – 70
CAMPOS, (coronel) Don Luís Maria
– 49, 54, 55
CARAVAGGIO (pintor) – 153
CARPACCIO, Victor – 143
CARRACCIO, Agostinho – 151
CARRACCIO, Annibal – 163
CARRACIO, L. (pintor) – 150
CARVALHO (piloto) – 28
CASTRO, (capitão) Francisco Joaquim
de Almeida – 13, 26, 67, 69
CASTRO, Francisco de – 9
CASTRO, Luís de – 24

170 Visconde de Taunay

CAVALCANTI, Bezerra – 67
CAXIAS (duque de) – 36, 77
CAXIAS (marquês de) – 21
CELEGA, N. (professor) – 138, 139
CÉSPEDES (senhora) – 85
CHELMON (pintor) – 110
CIALDINO, Cialdo (regente) – 137
CIMABUE (artista) – 158
CIPRIANO, Manduca – 79
CLARIM – 13
COELHO, (capitão) Jerônimo Francisco
– 13, 100
COMES – 29
CONEGLIANO, Cima de (artista) – 143
CONSTANT, Benjamin (escritor) – 112
CONTARINE (dona, cantora) – 136
COOL (pintor) – 110
COROT (pintor) – 107
CORREGIO (pintor) – 128, 130, 160
CORUMBÁ (barão de) – SALGADO,
João Mendes
COSTA, (brigadeiro) João de Sousa da
Fonseca – 26, 38, 78
COSTA, (capitão) Gama – 13
COSTA, Rodrigo Augusto da Gama e
– 26
CRANACH (pintor) – 126
CRISTO, Jesus – 60, 123
CULEN – 30
CULMBACH (pintor) – 126
CUNHA, Alfredo de Miranda Pinheiro
da – 26
CUVERVILLE, (cônsul) Sr. de – 90

D

D'ESCRAGNOLLE, Alexandre – 43
D'EU (conde) – 13, 15, 23, 24, 25, 27,
32, 33, 34, 35, 40, 41, 43, 49, 50,
52, 55, 59, 60, 61, 64, 65, 67, 68,
69, 74, 83, 89, 95, 97, 98, 99, 100

D'ORLEANS, Luís – 115
DÁVALOS (senhora) – 85
DECOUD (senhora) – 87
DELACROIX (pintor) – 107, 110
DELAROCHE, (pintor) Paulo – 107
DELOBRE (pintor) – 110
DEL SARTO, André – 160
DESCHAMPS (intendente) – 97
DESCHAMPS, (coronel) Eduardo Car-
los Cabral – 13, 26
DEVERIA (pintor) – 107
DEVILLIER, Frederico (tenor) – 136, 137
DIAZ (general) – 64
DOMINQUINO – Ver RIBERA, Do-
miniquino (pintor)
DORÉ, Gustavo (desenhista, pintor, es-
cultor) – 109
DUBUFE FILHO (pintor) – 110
DUCCIO (artista de Siena) – 158
DUPRAT (madame) – 87, 90
DUPRAT, Aristides – 90
DUPRAT, Cyprien – 89, 90
DURAN, Carolus (pintor) – 109
DÜRER, Alberto – 124, 125

E

ELISÁRIO (chefe de esquadra) – 43

F

FABRE (pintor) – 110
FABRIANO, Gentile da (artista) – 159
FERNANDES, Joaquim de Oliveira
– 26
FERRIER (pintor) – 110
FIDÉLIS (coronel) – 84
FIDÉLIS (frei) – Ver ÁVILA, (frei) Fidé-
lis de
FILIPE (cônego) – 93
FONSECA, Manuel Deodoro da – 65

FORTINHO – 29

FORTUNY (pintor) – 108

FRA ANGÉLICO (artista) – 153, 159

FRA BARTOLOMEU (artista) – 160

FRANCIA, Francesco (artista) – 159

G

GADDI, Ângelo (artista) – 159

GALES (príncipe de) – 119, 127

GALVÃO, Rufino Enéias Gustavo – Ver
MARACAJU (visconde de)

GARDON (pintor) – 110

GARNIER, J. A. – 110

GUIRLANDAJO (artista) – 159

GHISLANZONI – 139

GIL (senhora) – 85

GIORGIONE (artista) – 143, 160

GIOTTINO (artista) – 159

GIOTTO (artista) – 153, 158

GIRARD (capitão) – 126

GLADSTONE, W. – 118

GLEYRE (pintor) – 107

GODOY (major) – 71

GOETHE – 122

GOMES, Cândido – 29, 98

GOMES, Carlos – 15, 103, 104, 135,
136, 137, 138, 139

GOMES, Carlos André (filho) – 139

GOMES, Ítala – 139

GOMES, Mário – 139

GOZZOLI, Benozzo (artista) – 159

GRANT (general) – 96

GUARANÁ, (capitão) Aristides Armínio
– 13

GUILHERME (imperador) – 120

GUIMARÃES, (coronel, doutor) Fran-
cisco Pinheiro – 13, 26, 31

GUIMARÃES, (general) José Auto da Sil-
va – 49 (depois Barão de Jaguarão)

H

HAEDO (senhora) – 87

HÉBERT (pintor) – 107

HERMANN (pintor) – 110

HERMES (coronel) – 95

HERPIN (pintor) – 110

HERVAL (visconde do) – 38, 42, 43, 45

Ver OSÓRIO, Manuel Luís da Rocha

HIPÓLITO (coronel) – 68, 79

HUMBERTO (rei) – 137, 147

I

ISAACS, Jorge – 10

ITABORAÍ (visconde de) – 23

J

JACUTINGA (doutor) – 27

JEANNIN (pintor) – 110

JORDÃO, Polidoro da Fonseca Quinta-
nilha – 11, 24, 26, 32, 38, 40, 43,
49, 78

JÚNIOR, José Pereira da Graça – 26

JÚNIOR, Martins – 9

L

LAFONT – 30

LAMBERT, L. (pintor) – 111

LARNE – 13

LASSERRE (madame) – 87, 90

LASSERRE, Narcisse – 89, 90

LE DUC, Viollet (arquiteto) – 115

LEBRUN, Carlos (pintor) – 144

LEONARDO DA VINCI – 160

LEOPOLDINA (princesa) – 23

LEROY, Charles – 95

LEVERGER, (barão de Melgaço) Au-
gusto – 95

LIGNE (príncipe de) – 122

LIPI, Felipo (artista) – 159

172 Visconde de Taunay

LISBOA, Adolfo Paulo de Oliveira – 22, 43
LOBO, Hélio – 9
LOMBA (chefe de divisão) – 91
LÓPEZ (major) – 55
LÓPEZ, Carlos – 86
LÓPEZ, Francisco Solano – 11, 21, 22, 23, 40, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 69, 76, 77, 80, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98
LOTTO (artista) – 143
LOURENÇO, (coronel) Francisco – 65
LOUSADA, Reinaldo Soares – 45, 46, 47, 61, 67, 72, 78, 79, 96
LOUSTAUNAU – 111
LUCCA (editor) – 139
LUÍS XIV – 131
LUJÁN, Elias – 95
LYNCH – 29, 96
LYNCH (madame) – 56, 57, 77, 90

M

MACIEL (comandante) – 26, 28, 30, 31
MAC-MAHON (marechal) – 118
MAHON, Mac (plenipotenciário americano) – 96
MANTEGNA (artista) – 159
MARACAJU (visconde de) – 13, 67
MARCÈX, M. de – 118
MARCHETTI – 139
MARCONI (artista) – 143
MARINHO, José Maria – 26
MARTINS, Silveira – 47
MASACIO (artista) – 159
MASSANIELO (Bertolasi, da ópera) – 137
MEIGNAN (pintor) – 108
MEISSONIER (pintor) – 108
MELIÉS (fabricante) – 25
MEYER, Augusto – 9

MICHELANGELO (pintor) – 149, 160
MIRANDA (ajudante) – 78
MITRE, Emílio – 11, 43, 74
MORETTO (artista) – 143
MOTA, Fernando Sebastião Dias da – 21
MOURA, (tenente-coronel) Antônio José de – 85, 86, 87, 89
MULLER (pintor) – 108

N

NAPOLEÃO – 109, 142
NAPOLEÃO III – 115
NÁPOLES, (frei) Gabriel da Barra de – 44
NASSAU – 124
NEIVA (capitão) – 126

O

OLIVEIRA – 62
ORCAGNA (artista) – 159
ORDAPILLETA (senhora) – 85
ORLEANS, (príncipe) Luís Filipe Maria Fernando Gastão de – Ver D'EU (conde)
OSÓRIO, João Carlos da Rocha – 45, 46, 47, 56, 67, 72, 75, 79
OSÓRIO, Manuel Luís da Rocha – 11, 38, 42, 43, 45, 47, 50, 53, 54, 60, 61, 62, 63, 67, 78, 79, 80, 82
OTAVIANO, Francisco – 9, 10
OVIEDO (tenente-coronel) – 71

P

PACHECO, Geraldino Gomes – 26
PADOVANINO (artista) – 143
PALACIOS (bispo) – 87, 89
PALÁCIOS, Carmelita – 87
PALÁDIO (arquitecto) – 141
PALMA (artista) – 143
PALMA VELHO – 160

PARANHOS, [José Maria da] Silva (conselheiro) – Ver RIO BRANCO (visconde do)
PARODDI (médico) – 59
PEDRA BRANCA (condessa de) – 116
PEDRA, (coronel) Herculano Sancho da Silva – 65, 66
PEDRO II (dom) – 122
PEIXOTO, (comandante, tenente-coronel) Floriano Vieira – 81, 89
PELOTAS (visconde de) – Ver CÂMARA (general)
PENABERT, Marc – 89, 90
PENHA (visconde da, barão da) – Ver COSTA, (brigadeiro) João de Sousa da Fonseca
PEREIRA, (cônsul) Leite – 87
PEREIRA, Vasco Alves – 39, 64
PERES, (doutor) Roque – 43
PÉRI, Adelina – 138
PERUGINO (artista) – 152, 153, 159, 160
PIGALE (escultor) – 123, 124
PIMENTEL, (major) João de Macedo – 26
PINHEIRO CHAGAS – 38
PINTURRICHIO (artista) – 153, 159
PIO IX (papa) – 92
PIOMBO, Sebastião Del (artista) – 143
POLIDORO (general) – Ver JORDÃO, Polidoro da Fonseca Quintanilha
PONCHIELLI – 139
PORDENONE (artista) – 143

Q

QUATREFAGES – 77

R

RAFAEL (pintor) – 127, 129, 130, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 160, 162, 163

RANVIER (pintor) – 109
RECLUS, Elisée – 121
REGNAULT (pintor) – 108
RENI, Guido (artista) – 151, 163
RESIN, (brigadeiro) Carlos – 49, 70
RESQUIN (general) – 86, 90, 97
RIBERA, Dominiquino (pintor) – 148, 150, 151, 152
RIO BRANCO (visconde do) – 13, 22, 23, 32, 39, 43, 44, 78, 80, 89
RODRIGUES, (capitão de cavalaria) Pedro – 97
ROMANO, Julio (pintor) – 129
ROSA, Salvador (pintor) – 153
ROSIÈRE, Albino – 24
ROSSELLI (artista) – 159
ROUANET, Sérgio Paulo – 9
RUBENS (artista) – 163

S

SAAVEDRA, Miguel Cervantes e – 58
SAINT-PIERRE (pintor) – 112
SAINT-PIERRE, Bernardin de – 121
SALGADO, João Mendes – 13, 26, 41
SANSOVINO – 142
SANTANA DO LIVRAMENTO (barão de) – Ver PEREIRA, Vasco Alves
SANTORINO (artista) – 146
SANZIO, Rafael (artista) – Ver RAFAEL (pintor)
SÃO BORJA (barão de) – 70
SARMIENTO (presidente) – 29
SAXE (duque de) – 23
SAXE, Maurício de – 123
SCHENCK (pintor) – 110
SCHWILGUÉ – 122
SCOTT, Walter – 115
SIGNORELLI, Luca (artista) – 159
SILVA, (major) Hilário Mariano da – 13
SOARES (os) – 86

174 Visconde de Taunay

SOUSA, Antônio Tibúrcio Ferreira de
– 24, 26, 57, 70, 72

SOUSA, Guilherme Xavier de – 21, 23,
32, 33, 45

SUE, Eugênio – 164

STEINBACH, Erwin de – 123

T

TAINÉ (pintor) – 148, 151, 153

TAMBURLINI (signor) – 137

TAUNAY (visconde de) – 9, 10, 11, 12,
13, 16, 24, 46, 56, 72, 75, 99

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle – 10, 16

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle – Ver
TAUNAY (visconde de)

TAUNAYS (os) – 11

TAVARES, Joça – 91 (mas tarde barão de
Itaquí)

TELES, (capitão) Carlos Maria da Silva
– 67

THIERS – 109, 110

THOMPSON – 96

TIBÚRCIO – Ver SOUSA, Antônio Ti-
búrcio Ferreira de

TICIANO (pintor) – 107, 129, 143,
144, 148, 160, 163

TINTORETTO (pintor) – 107, 143,
144, 145, 163

TITO (tenente, ajudante-de-campo) – 82

TORRES, (major) Benedito de Almeida
– 13, 26

V

VALPORTO (coronel) – 65

VAN DYCKS – 163

VASARI – 129

VASCONCELOS, (coronel) Antônio
Augusto de Barros – 97

VERA, (capitão) Ramon – 95

VERNAL (tenente-coronel) – 76

VERONESE, Paulo – 107, 143, 144

VILBERT, J. G. (pintor) – 108

VILLA (diretor do teatro) – 137

VITORINO (general, marechal) – 69,
70, 74, 89, 97

W

WADDIGTON (Mr.) – 118

WEISZFLOG (irmãos) – 16

Recordações de guerra e de viagem,
de Visconde de Taunay, foi composto em Garamond,
corpo 12, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da
SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,
em Brasília. Acabou-se de imprimir e abril de 2008, de acordo com
o programa editorial e projeto gráfico do Conselho
Editorial do Senado Federal.

